XII Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional
IV Encontro Regional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional
VI Fórum de Estudos em Língua e Literatura Inglesa

As arquiteturas do medo e o insólito ficcional

CADERNO DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO

Instituto de Letras da UERJ

Dialogarts PUBLICAÇÕES

2013

XII Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional
IV Encontro Regional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional
VI Fórum de Estudos em Língua e Literatura Inglesa

As arquiteturas do medo e o insólito ficcional

CADERNO DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO

Instituto de Letras da UERJ

Dialogarts
PUBLICAÇÕES

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

F800v

As arquiteturas do medo e o insólito ficcional – Caderno de Resumos e Programação do XII Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional / IV Encontro Regional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional / VI Fórum Estudos em Língua e Literatura Inglesa / Flavio García; Marcello de Oliveira Pinto; Júlio França (org.) – Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013.

Publicações Dialogarts – Bibliografia

ISBN 978-85-8199-005-7 (versão impressa)
ISBN 978-85-8199-006-4 (versão digital)

1. Insólito. 2. Gêneros Literários. 3. Narrativa Ficcional. 4. Literaturas. I. García, Flavio; Pinto, Marcello de Oliveira; França, Júlio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. III. Departamento de Extensão. IV. Título

Correspondências para:
UERJ/IL/LIPO – a/c Darcilia Simões ou Flavio García
Rua São Francisco Xavier, 524 sala 11.017 – A (anexo)
Maracanã – Rio de Janeiro – CEP 20 569-900
publicacoes.dialogarts@gmail.com

Copyrigth © 2013 Flavio García; Marcello de Oliveira Pinto; Júlio França

Publicações Dialogarts
http://www.dialogarts.uerj.br

Coordenadora do projeto:
Darcilia Simões *darciliasimoes@gmail.com*

Co-coordenador do projeto:
Flavio García *flavgarc@gmail.com*

Revisão de textos e preparação de originais:
Alessandra Maciel *alessandra.maciel@gmail.com*
Alexia C. *alexiapsrd@hotmail.com*
Elisa Gomes Bento *elisagbento@hotmail.com*
Mariana Rodovalho *mariana_rodovalho@hotmail.com*

Supervisão de arte, Diagramação e projeto de capa:
Carlos Henrique Braga Brandão *pedra.henrique@gmail.com*
Diego Marinho *diegovmarinho@gmail.com*
Igor Cesar *icesardesign@gmail.com*
Marcos da Rocha Vieira *marcosdarochavieira@gmail.com*

O TEOR DOS TEXTOS PUBLICADOS NESTE VOLUME, QUANTO AO CONTEÚDO E À FORMA, É DE INTEIRA E EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras
Departamento de Língua Portuguesa,
Literatura Portuguesa e Filologia Românica

UERJ – SR3 – DEPEXT – Publicações Dialogarts
2013

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UERJ

SePEL
Seminário Permanente de Estudos Literários da UERJ

NÓS do INSÓLITO
Insólito Ficcional

labsem

Dialogarts
PUBLICAÇÕES

NDL
Núcleo de Desenvolvimento Linguístico

instituto de
Letras
da UERJ

DAF

FAPERJ

CAPES

Programa de
Pós-Graduação
em Letras - UERJ

Centro de Educação e Humanidades
UERJ

SR 3
UERJ

DINFO

DGRAFI
UERJ

XII Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional
IV Encontro Regional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional
VI Fórum Estudos em Língua e Literatura Inglesa
As arquiteturas do medo e o insólito ficcional
Instituto de Letras da UERJ, de 25 a 27 de março de 2013

Realização:
SePEL.UERJ – Seminário Permanente de Estudos Literários da UERJ
(www.sepel.uerj.br)
NDL – Núcleo de Estudos Linguísticos
(http://programandl.blogspot.com.br/)

Promoção:
GT ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional
(www.anpoll.org.br/portal/gts/)
Diretório CNPq Grupo de Pesquisa
Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica
(http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0326802VKL7YRI)
Diretório CNPq Grupo de Pesquisa
Vertentes do Fantástico na Literatura
(http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.
jsp?grupo=0330802ZBKR1Y7)
Diretório CNPq Grupo de Pesquisas
Espacialidades Artísticas, através da Linha de Pesquisa Espaço do Fantástico
(http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0015803W3D6GNX)

Parcerias:
Publicações Dialogarts
(www.dialogarts.uerj.br)
LABSEM – Laboratório Multidisciplinar de Semiótica
(http://labsemuerj.blogspot.com/)

Apoio institucional:
PPG Letras
(www.pgletras.uerj.br/)
ILE – Instituto de Letras
(www.institutodeletras.uerj.br/)
SR2 – Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
(www.sr2.uerj.br)
SR3 – Sub-Reitoria de Extensão e Cultura
(www.sr3.uerj.br)
DAF – Diretoria de Administração Financeira
(www.daf.uerj.br/)
DINFO – Diretória de Informática
(www.dinfo.uerj.br/)
DGRAFI – Divisão de Serviços Gráficos
(www.dgrafi.uerj.br/)

Financiamento solicitado:
FAPERJ – Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
(www.faperj.br)
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
(www.capes.gov.br)

Coordenação Geral:
Flavio García (UERJ)
Júlio França (UERJ)
Marcello Pinto (UERJ/ UNIRIO)

Coordenação Adjunta:
Regina Michelli (UERJ)
Karin Volobuef (UNESP–Araraquara)
Marisa Martins Gama Khalil (UFU)

Comitê Científico:
Adelaide Caramuru Cezar (UEL)
Alexander Meireles da Silva (UFG)
Ana Lúcia Trevisan (Mackenzie/ UMESP)
Aurora Gedra Ruiz Alvarez (Mackenzie)
Cláudia Maria de Souza Amorim (UERJ)
Claudia Fernanda de Campos Mauro (UNESP)
Darcilia Marindir Pinto Simões (UERJ)
Fernanda Aquino Sylvestre (UFCG)
Flavio García (UERJ)
Flávio Martins Carneiro (UERJ)
Heloisa Helena Siqueira Correia (UNIR)
Jane Fraga Tutikian (UFRGS)
Julio Cesar França Pereira (UERJ)
Jurema José de Oliveira (UFES)
Karin Volobuef (UNESP-Araraquara)
Lílian Lopondo (Mackenzie)
Luiz Fernando Ferreira Sá (UFMG)
Marcello de Oliveira Pinto (UERJ/ UNIRIO)
Maria Cristina Batalha (UERJ)
Marisa Martins Gama Khalil (UFU)
Regina da Costa da Silveira (UniRitter/RS)
Regina Silva Michelli (UERJ)
Rita de Cássia Silva Dionísio (UNIMONTES)
Roberto Henrique Seidel (UEFS/ UNEB)

Temática da Edição

O medo como experiência estética é parte de uma longa tradição na cultura literária ocidental. São diversos os gêneros narrativos que, direta ou indiretamente, estão relacionados a essa emoção, tão primitiva quanto constante na história do homem. O XII Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional, o IV Encontro Regional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional e o VI Fórum de Estudos em Língua e Literatura Inglesa têm como tema norteador as arquiteturas do medo na literatura e sua relação com o insólito ficcional, vislumbrando as estratégias de construção dos efeitos do medo e do insólito em suas dimensões produtivas e recepcionais.

Inerente à nossa natureza, o medo está intimamente ligado aos mecanismos de proteção contra o perigo e aos instintos de sobrevivência, sendo intensificado pela consciência humana de nossa finitude. Apesar das conquistas das ciências proporcionarem um nível de segurança jamais visto contra as ameaças à vida, autores como o historiador Jean Delumeau e o sociólogo Zygmunt Bauman estão entre aqueles que entendem que o medo permanece como uma das emoções mais constantes e intensas experimentadas pelo homem contemporâneo.

O mistério da morte – seu caráter tão inexorável quanto insondável – é a mola mestra de narrativas que tematizam essa região da experiência humana sobre o a qual a ciência, o discurso da verdade demonstrada, pouco tem a dizer. Nos desvãos entre a fé religiosa e o conhecimento científico, as obras ficcionais que lidam como o medo encontram seu hábitat ideal. O terror atávico em relação ao nosso derradeiro destino é a própria garantia da atração e da universalidade do medo.

As emoções relativas à autopreservação são dolorosas quando estamos expostos às suas causas, porém, quando experimentamos sensações de perigo sem que estejamos realmente sujeitos aos riscos, isto é, quando a fonte do medo não representa um risco real a quem o experimenta, entramos no campo das emoções estéticas. O exercício de tais sensações parece ser capaz de produzir efeitos estéticos peculiares, sobre os quais os Estudos Literários vêm refletindo há séculos: a Catarse, o Sublime, o Grotesco, o Horror, entre outros.

Naquele que é provavelmente o primeiro estudo sistemático sobre a literatura do mundo ocidental, a *Poética*, de Aristóteles, a criação literária já é descrita em função dos efeitos de recepção

que é capaz de produzir. Do mesmo modo, elementos estruturais do discurso mimético, como o reconhecimento, a peripécia e a catástrofe, são todos avaliados em relação às sensações que podem suscitar – entre elas, vale lembrar, o *phóbos* (terror/medo).

Refletir sobre o "medo" como um efeito de recepção deve vir associado à compreensão dos mecanismos responsáveis por sua produção. Mais do que uma questão de subjetivismos e idiossincrasias, o medo como efeito estético pode ser considerado como o resultado de um planejamento, isto é, como o fruto de processos construtivos. Não se trata de um efeito contingente, mas o produto de um artefato – a obra literária – concebido para suscitar emoções específicas. Fazendo uso de uma metáfora de Allan Poe, a consideração da composição artística como uma maquinaria da produção de efeitos permite-nos considerar o medo tanto em sua dimensão textual – como elaboração artesanal – quanto em sua dimensão ligada à recepção. Além disso, abre espaço para a integração do autor neste processo, como alguém capaz de manipular ao menos alguns dos elementos constitutivos da produção de sentidos na literatura.

Histórico do Evento

O **I Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional** aconteceu em 15/01/2007, na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, no *campus* São Gonçalo, envolvendo 13 alunos de graduação em Letras, comprometidos com um projeto de Iniciação Científica, o coordenador desse projeto, o Prof. Dr. Flavio García, e outro pesquisador que naquele momento aderia à proposta, o Prof. Dr. Marcello de Oliveira Pinto. O produto dessa edição inaugural encontra-se publicado sob o título *A banalização do insólito*: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa, em http://www.dialogarts.uerj.br/avulsos/livro_insolito.pdf.

O evento era uma realização do projeto de extensão universitária **SePEL.UERJ – Seminário Permanente de Estudos Literários da UERJ**, coordenado pelo Prof. Dr. Flavio García e Prof. Dr. Marcello de Oliveira Pinto, que funciona, efetivamente, como veículo de promoção das atividades empreendidas pelos membros do Grupo Pesquisa **Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica**, certificado pela UERJ no Diretório de Grupos do CNPq e liderado por aqueles mesmos pesquisadores. No semestre anterior, o Prof. Dr. Flavio García promovera, junto com os graduandos envolvidos no projeto de Iniciação Científica, um curso livre sobre mecanismos de construção narrativa próprios ao gênero Fantástico, dialogando com outros gêneros, especialmente com o Maravilhoso ou Sobrenatural, o Estranho, o Realismo Maravilhoso ou Mágico e o Absurdo.

A partir daí, a cada semestre, realizou-se uma edição do **Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional**, alimentando a pesquisa e divulgando a produção científica do Grupo, que crescia continuadamente. A II edição, cujo tema central fora O *insólito na narrativa rubiana* – Reflexões sobre o insólito na obra de Murilo Rubião, deu-se de 7 a 9/08/2007. A III edição, dedicada às manifestações do *insólito na Literatura e no Cinema*, aconteceu de 8 a 10/01/2008. Essas duas edições também tiveram lugar na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, no *campus* São Gonçalo, mas, a partir daí, foram abertas à inscrição para apresentação de trabalhos por público externo ao Grupo de Pesquisa, contando com a presença de conferencistas convidados com o intuito de incrementar as discussões e trazer novos aportes para estimular a pesquisa. A IV edição, refletindo sobre as *tensões entre o sólito e o insólito*, ocorreu no Instituto de Letras da UERJ,

campus Maracanã, de 22 a 24/09/2008. O produto das apresentações de trabalho nesses três eventos encontra-se disponível para cópia grátis em http://www.dialogarts.uerj.br/titulos_avulsos.htm.

Como, com a inscrição para apresentação de trabalhos aberta ao público externo, se tenha verificado uma grande acolhida da proposta pela comunidade acadêmica nacional, contando-se com a participação de pesquisadores de diversas universidades brasileiras, inclusive de fora do eixo Rio-São Paulo, buscando incentivar o contato inter-regional, entendeu-se por bem lançar o **I Encontro Nacional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional**, coincidente com o **V Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional**, de 23 a 25/03/2009, no Instituto de Letras da UERJ. Sua temática foi o *insólito como questão na narrativa ficcional*.

O sucesso do **I Encontro Nacional**, concomitantemente com a realização do **Painel** do primeiro semestre do ano, ensejou o lançamento do **I Encontro Regional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional**, que viria a coincidir com o **VI Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional**, realizado nos dias 3 e 4/11/2009, no Instituto de Letras da UERJ, com o tema central versando sobre o *insólito e seu duplo*. A partir de então, a cada primeiro semestre do ano aconteceria uma edição do **Painel**, coincidindo com o **Encontro Nacional**, e a cada segundo semestre do ano aconteceria outra edição do **Painel**, coincidindo com o **Encontro Regional**.

Assim vem sendo até este ano de 2011, quando se vai realizar o **X Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional** e o **III Encontro Regional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional**, de 16 a 18/11/2011, *re-memorando Murilo Rubião – 20 anos de sua morte*. O **VII Painel** e o **II Encontro Nacional** foram realizados de 29 a 31/03/2010, versando sobre as relações entre **Insólito, Lendas, Mitos, Crenças**. O **VIII Painel** e o **II Encontro Regional** aconteceram de 3 a 5 de novembro de 2010, acolhendo o **V Fórum de Estudos em Língua e Literatura Inglesa (FELLI)**, realizado pelo Núcleo de Desenvolvimento, tendo por tema central o *insólito em língua inglesa*. O **IX Painel** e o **III Encontro Nacional** foram promovidos de 18 a 20/04/2011, privilegiando as discussões sobre o *insólito e a literatura infanto-juvenil*.

Do **IV Painel** em diante, incluindo os **Encontros Nacionais** e **Regionais**, todos os eventos tiveram lugar no Instituto de Letras da UERJ, *campus* Maracanã, e os cadernos de resumo e os textos completos dos trabalhos apresentados encontram-se publicados em http://www.dialogarts.uerj.br/titulos_avulsos.htm.

Uma parceria entre o Grupo Pesquisa **Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica**, certificado pela UERJ no Diretório de Grupos do CNPq, que, através do **SePEL.UERJ**, vinha realizando esses eventos, e o Grupo Pesquisa **Vertentes do Fantástico na Literatura**, certificado pela UNESP no Diretório de Grupos do CNPq, que, a partir de 2009, dava início à série de **Colóquios Vertentes do Fantástico na Literatura**, tendo sua I edição ocorrido no *campus* Araraquara, e a II edição, no *campus* São José do Rio Preto, deu ensejo à proposição de um Grupo de Trabalho na **ANPOLL** – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa e Letras e Linguística. Hoje, o **GT Vertentes do Insólito Ficcional** congrega organicamente três Grupos de Pesquisa certificados no Diretório de Grupos do CNPq, com a adesão da Linha de Pesquisa *Espaço do Fantástico*, do Grupo de Pesquisas em **Espacialidades Artísticas**.

A magnitude das pesquisas, sua abrangência nos planos nacional e internacional, as redes de relação interinstitucionais – envolvendo centros de pesquisa brasileiros estrangeiros –, somado-se ao sucesso dos eventos já realizados e das inúmeras publicações disponíveis, levaram à proposição do **I Congresso Internacional Vertentes do Insólito Ficcional**, com a participação de conferencistas e pesquisadores do exterior. A ideia de promoção do **I Congresso Internacional Vertentes do Insólito Ficcional**, realizado de 4 a 6/06/2012, tendo por tema central as *vertentes teóricas e ficcionais do insólito*. Assim, o **I Congresso Internacional Vertentes do Insólito Ficcional** aconteceu juntamente com o **IV Encontro Nacional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional** e o **XI Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional**.

Neste momento, vamos à realização do **IV Encontro Regional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional** e do **XII Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional**, que acolherão o **VI Fórum de Estudos em Língua e Literatura Inglesa (FELLI)**, como já aconteceu em 2010.

Apresentação desta Edição

Esta **XII** edição do **Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional**, coincidente com a IV edição do **Encontro Regional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional**, a se realizar de 25 a 27 de março de 2013, abriga o **VI Fórum de Estudos em Língua e Literatura Inglesa** e tem por tema central ***As arquiteturas do medo e o insólito ficcional***.

O **I Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional** aconteceu em 15 de janeiro de 2007, na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, no *campus* São Gonçalo, envolvendo 13 alunos de graduação em Letras, comprometidos com um projeto de Iniciação Científica, o coordenador desse projeto, o Prof. Dr. Flavio García, e outro pesquisador que naquele momento aderia à proposta, o Prof. Dr. Marcello de Oliveira Pinto. O produto dessa edição inaugural encontra-se publicado sob o título *A banalização do insólito*: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa, em http://www.dialogarts.uerj.br/avulsos/livro_insolito.pdf.

O evento era uma realização do projeto de extensão universitária **SePEL.UERJ – Seminário Permanente de Estudos Literários da UERJ**, coordenado pelo Prof. Dr. Flavio García e Prof. Dr. Marcello de Oliveira Pinto, que funciona, efetivamente, como veículo de promoção das atividades empreendidas pelos membros do Grupo Pesquisa **Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica**, certificado pela UERJ no Diretório de Grupos do CNPq e liderado por aqueles mesmos pesquisadores. No semestre anterior, o Prof. Dr. Flavio García promovera, junto com os graduandos envolvidos no projeto de Iniciação Científica, um curso livre sobre mecanismos de construção narrativa próprios ao gênero Fantástico, dialogando com outros gêneros, especialmente com o Maravilhoso ou Sobrenatural, o Estranho, o Realismo Maravilhoso ou Mágico e o Absurdo.

A partir daí, a cada semestre, realizou-se uma edição do **Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional**, alimentando a pesquisa e divulgando a produção científica do Grupo, que crescia continuadamente. A II edição, cujo tema central fora O *insólito na narrativa rubiana* – Reflexões sobre o insólito na obra de Murilo Rubião, deu-se de 7 a 9 de agosto de 2007. A III edição, dedicada às manifestações do *insólito na Literatura* e *no Cinema*, aconteceu de 8 a 10 de janeiro de 2008. Essas duas

edições também tiveram lugar na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, no *campus* São Gonçalo, mas, a partir daí, foram abertas à inscrição para apresentação de trabalhos por público externo ao Grupo de Pesquisa, contando com a presença de conferencistas convidados com o intuito de incrementar as discussões e trazer novos aportes para estimular a pesquisa. A IV edição, refletindo sobre as *tensões entre o sólito e o insólito*, ocorreu no Instituto de Letras da UERJ, *campus* Maracanã, de 22 a 24 de setembro de 2008. O produto das apresentações de trabalho nesses três eventos encontra-se disponível para cópia grátis em http://www.dialogarts.uerj.br/titulos_avulsos.htm.

Como, com a inscrição para apresentação de trabalhos aberta ao público externo, se tenha verificado uma grande acolhida da proposta pela comunidade acadêmica nacional, contando-se com a participação de pesquisadores de diversas universidades brasileiras, inclusive de fora do eixo Rio-São Paulo, buscando incentivar o contato inter-regional, entendeu-se por bem lançar o **I Encontro Nacional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional**, coincidente com o **V Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional**, de 23 a 25 de março de 2009, no Instituto de Letras da UERJ. Sua temática foi o *insólito como questão na narrativa ficcional*.

O sucesso do **I Encontro Nacional**, concomitantemente com a realização do **Painel** do primeiro semestre do ano, ensejou o lançamento do **I Encontro Regional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional**, que viria a coincidir com o **VI Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional**, realizado nos dias 3 e 4 de novembro de 2009, no Instituto de Letras da UERJ, com o tema central versando sobre o *insólito e seu duplo*. A partir de então, a cada primeiro semestre do ano aconteceria uma edição do **Painel**, coincidindo com o **Encontro Nacional**, e a cada segundo semestre do ano aconteceria outra edição do **Painel**, coincidindo com o **Encontro Regional**.

Assim vinha sendo até o ano de 2011, quando se realizou o **X Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional** e o **III Encontro Regional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional**, de 16 a 18 de novembro, *re-memorando Murilo Rubião – 20 anos de sua morte*. O **VII Painel** e o **II Encontro Nacional** foram realizados de 29 a 31 de março de 2010, versando sobre as relações entre **Insólito**, **Lendas**, **Mitos**, **Crenças**. O **VIII Painel** e o **II Encontro Regional** aconteceram de 3 a 5 de novembro de

2010, acolhendo o **V Fórum de Estudos em Língua e Literatura Inglesa (FELLI)**, realizado pelo Núcleo de Desenvolvimento, tendo por tema central o *insólito em língua inglesa*. O **IX Painel** e o **III Encontro Nacional** foram promovidos de 18 a 20 de abril de 2011, privilegiando as discussões sobre o *insólito* e a *literatura infanto-juvenil*.

Do **IV Painel** em diante, incluindo os **Encontros Nacionais** e **Regionais**, todos os eventos tiveram lugar no Instituto de Letras da UERJ, *campus* Maracanã, e os cadernos de resumo e os textos completos dos trabalhos apresentados encontram-se publicados em http://www.dialogarts.uerj.br/titulos_avulsos.htm.

Uma parceria entre o Grupo Pesquisa **Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica**, certificado pela UERJ no Diretório de Grupos do CNPq, que, através do **SePEL.UERJ**, vinha realizando esses eventos, e o Grupo Pesquisa **Vertentes do Fantástico na Literatura**, certificado pela UNESP no Diretório de Grupos do CNPq, que, a partir de 2009, dava início à série de **Colóquios Vertentes do Fantástico na Literatura**, tendo sua I edição ocorrido no *campus* Araraquara, e a II edição, no *campus* São José do Rio Preto, deu ensejo à proposição de um Grupo de Trabalho na **ANPOLL** – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa e Letras e Linguística. Hoje, o **GT Vertentes do Insólito Ficcional** congrega organicamente três Grupos de Pesquisa certificados no Diretório de Grupos do CNPq, com a adesão da Linha de Pesquisa *Espaço do Fantástico*, do Grupo de Pesquisas em **Espacialidades Artísticas**.

O **I Congresso Internacional Vertentes do Insólito Ficcional**, juntamente com o **XI Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional** e com o **IV Encontro Nacional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional**, aconteceu no período de 4 a 6 de junho de 2012, tendo por tema central as *vertentes teóricas* e *ficcionais do insólito*. Participaram do evento pesquisadores de diferentes universidades nacionais, desde o extremo Sul até o extremo Norte, e de universidades estrangeiras, com destaque para a Universidade de Coimbra e a Universidade Autônoma de Barcelona.

A magnitude das pesquisas e sua abrangência nos planos nacional e internacional, as redes de relação interinstitucionais, somadas ao sucesso dos eventos já realizados e das inúmeras publicações disponíveis, justifica a proposição desta nova versão do evento, dando continuidade às políticas de pesquisa e divulgação de produtos.

A realização do evento, a cargo do **SePEL.UERJ – Seminário Permanente de Estudos Literários da UERJ**, projeto e extensão universitária que promove publicações, cursos livres e eventos acadêmico-científicos, como veículo de concretização das ações do **SePEL.UERJ**, dar-se-á no Instituto de Letras da UERJ, no *campus* Maracanã, localizado rua São Francisco Xavier, nº 524, 11° andar, telefones (21) 2334.0245, 2334.0196 e 2334.0165 (http://www.institutodeletras.uerj.br).

GRADE GERAL

25/03/2013, SEGUNDA-FEIRA

Sessão de Abertura

10:00 RAV 112
10:30

Conferências

10:30 RAV 112
12:00

12:00 **Intervalo para Almoço**
13:00

Simpósios

13:00 LIDIL 1 a 5 e
14:30 11.038F

14:30 **Intervalo para Café**
14:45

Simpósios

14:45 LIDIL 1 a 5 e
16:15 11.038F

Conferências

16:15 RAV 112
17:45

17:45 **Intervalo para Café**
18:00

Conferências

18:00 RAV 112
19:30

26/03/2013, TERÇA-FEIRA

Comunicações Livres

09:00 LIDIL 1 a 5 e
10:30 11.038F

Conferências

10:30 RAV 112
12:00

12:00 **Intervalo para Almoço**
13:00

Simpósios

13:00 LIDIL 1 a 5 e
14:30 11.038F

14:30 **Intervalo para Café**
14:45

Simpósios

14:45 LIDIL 1 a 5 e
16:15 11.038F

Lançamento de livros

16:15 RAV 112
17:45

17:45 **Intervalo para Café**
18:00

Conferências

18:00 RAV 112
19:30

27/03/2013, QUARTA-FEIRA

Comunicações Livres

09:00 LIDIL 1 a 5 e
10:30 11.038F

Conferências

10:30 RAV 112
12:00

12:00 **Intervalo para Almoço**
13:00

Simpósios

13:00 LIDIL 1 a 5 e
14:30 11.038F

14:30 **Intervalo para Café**
14:45

Simpósios

14:45 LIDIL 1 a 5 e
16:15 11.038F

Conferências

16:15 RAV 112
17:45

17:45 **Intervalo para Café**
18:00

Conferências

18:00 RAV 112
19:30

Sessão de Encerramento

19:30 RAV 112
20:00

MESAS DE CONFÊRENCIAS

CONFERÊNCIAS 1

10:30 RAV 112

12:00 ***Sem o medo, não há o fantástico. Mas que medo(s)?***

FLAVIO GARCÍA (UERJ)

A arquitetura tenebrosa do noir

JÚLIO JEHA (UFMG)

CONFERÊNCIAS 2

16:15 RAV 112

17:45 ***A insólita revelação: erotismo e êxtase em* O grande segredo *de Jorge de Sena***

TERESA CRISTINA CERDEIRA (UFRJ/CNPQ)

A mágica existência do feminino segundo Vergílio Ferreira

LUCI RUAS (UFRJ)

CONFERÊNCIAS 3

18:00 RAV 112

19:30 ***Cenas de medo e morte: a insólita narrativa de Lobo Antunes***

DALVA CALVÃO (UFF)

O vazio que mete medo: reflexões sobre a obra de Maria Gabriela Llansol

MARIA LÚCIA WILTSHIRE DE OLIVEIRA (UFF)

CONFERÊNCIAS 4

10:30 RAV 112

12:00 **Memórias sobre o medo ou Am I scary cool?**

MARCELLO DE OLIVEIRA PINTO (UERJ/ UNIRIO)

Gênero, ciência e o que mais aparecer em obras de ficção científica de autoria feminina em língua inglesa

LÚCIA DE LA ROCQUE (UERJ)

CONFERÊNCIAS 5

18:00 RAV 112

19:30 ***"A alma encantadora das ruas" e "Dentro da noite": João do Rio e o medo urbano na literatura brasileira***

JULIO FRANÇA (UERJ)

Espaços do Medo na Literatura Brasileira

MAURÍCIO MENON (UTFPR)

CONFERÊNCIAS 6

10:30 RAV 112

12:00 ***Mistério, medo e morte: sedução em Abraços, de Lygia Bojunga***
REGINA MICHELLI (UERJ)
Enfrentando o horror: narrativas de susto para crianças e jovens
ROSA GENS (UFRJ)

CONFERÊNCIAS 7

16:15 RAV 112

17:45 ***De milagres e maravilhas: um percurso feminino pela literatura portuguesa***
MONICA FIGUEIREDO (UFRJ)
Pintando o medo, escrevendo o tempo: Goya e Mário Cláudio
MONICA FAGUNDES (UFRJ)

CONFERÊNCIAS 8

18:00 RAV 112

19:30 ***Os mortos-vivos existem!: o medo dos morféticos na Literatura Fantástica***
ALEXANDER SILVA (UFG)
O duplo e o fantasma
JOSALBA FABIANA DOS SANTOS (UFS)

SIMPÓSIOS

Grade Geral dos Simpósios

segunda feira, 25 de março

	13:00 às 14:30	14:45 às 16:15
LIDIL 1	Simpósio 1	Simpósio 1
LIDIL 2	Simpósio 2	Simpósio 2
LIDIL 3	Simpósio 3	Simpósio 3
LIDIL 4	Simpósio 4	Simpósio 5
LIDIL 5	Simpósio 6	Simpósio 9
11038F	Simpósio 7	Simpósio 7

terça feira, 26 de março

	13:00 às 14:30	14:45 às 16:15
LIDIL 1	Simpósio 1	Simpósio 1
LIDIL 2	Simpósio 2	Simpósio 2
LIDIL 3	Simpósio 3	Simpósio 3
LIDIL 4	Simpósio 4	Simpósio 5
LIDIL 5	Simpósio 6	Simpósio 10
11038F	Simpósio 7	Simpósio 7

quarta feira, 27 de março

	13:00 às14:30	14:45 às16:15
LIDIL 1	Simpósio 1	Simpósio 1
LIDIL 2	Simpósio 2	Simpósio 2
LIDIL 3	Simpósio 3	Simpósio 3
LIDIL 4	Simpósio 4	Simpósio 5
LIDIL 5	Simpósio 6	
11038F	Simpósio 8	Simpósio 8

Simpósio 1
O medo como prazer estético: o horror, o sublime e o grotesco na literatura

Simpósio 2
Arquiteturas do espaço-corpo: discursos fílmicos e literários de horror

Simpósio 3
A literatura infantil e juvenil e as práticas de mediação literária: diálogos com a temática do medo

Simpósio 4
Na companhia do medo: narrativas do duplo

Simpósio 5
O medo na narrativa fantástica do século XIX: pré-requisito ou elemento subsidiário

Simpósio 6
Do século XIX ao século XXI: a trajetória da literatura fantástica latino-americana

Simpósio 7
Imagens do medo em literaturas de língua portugesa

Simpósio 8
Grotesco, bizarro, estranho e absurdo: algumas representações do insólito ficcional

Simpósio 9
A arquitetura do medo na literatura japonesa

Simpósio 10
Medo e morte: expressões do desconhecido na linguagem literária

Simpósio 1

O Medo como Prazer Estético: o Horror, o Sublime e o Grotesco na Literatura

Coordenação:

Alexander Meireles da Silva
UFG

Fernando Monteiro de Barros
UERJ

Júlio França
UERJ

Inerente à natureza humana, o medo está intimamente ligado aos mecanismos de proteção contra o perigo. Sendo uma emoção relacionada aos nossos instintos de sobrevivência, a experiência do medo vem quase sempre acompanhada da consciência de nossa finitude. O mistério da morte – seu caráter tão inexorável quanto insondável – é a mola mestra de narrativas que tematizam essa região da experiência humana sobre o a qual a ciência, o discurso da verdade demonstrada, pouco tem a dizer. Nos desvãos entre a fé religiosa e o conhecimento científico, as chamadas narrativas de horror encontram seu hábitat ideal. O medo atávico em relação ao nosso derradeiro destino é a própria garantia da atração e da universalidade do medo.

As emoções relativas à autopreservação são dolorosas quando estamos expostos às suas causas, porém, quando experimentamos sensações de perigo sem que estejamos realmente sujeitos aos riscos, isto é, quando a fonte do medo não representa um risco real a quem o experimenta, entramos no campo das emoções estéticas. Tais sensações são capazes de produzir prazeres peculiares (catarse, sublimidade), sobre os quais os Estudos Literários vêm refletindo há séculos.

Este simpósio pretende, a partir da leitura de narrativas ficcionais, refletir sobre o medo como uma emoção estética produzida pela criação literária. A consideração do "medo" como um efeito de recepção não poderá jamais, porém, estar dissociada da compreensão dos mecanismos responsáveis por sua constituição. Mais do que uma questão de subjetivismos e idiossincrasias, o medo como efeito estético será aqui considerado como o resultado de um planejamento, isto é, como o fruto de processos construtivos relacionados à criação da obra literária.

Ao considerarmos, na tradição de Allan Poe, a composição artística como uma maquinaria da produção de efeitos, toma-se aqui o medo tanto em sua dimensão textual (como resultado de técnicas narrativas) quanto em sua dimensão ligada à recepção – seus significados sociais e históricos.

É neste sentido, bastante amplo, que os trabalhos apresentados neste simpósio tomam a categoria do "medo estético": não como um efeito contingente de recepção, mas como o produto de um artefato cultural, a obra literária, capaz de suscitar emoções específicas.

Sessão 1

Segunda-feira, 25 de março, das 13:00 às 14:30
LIDIL 1
Coordenação:
Alexander Meireles da Silva - UFG

Thiago Silva Sardenberg – UERJ

Um olhar para medos e preocupações inerentes ao século XX através das obras Entrevista com o Vampiro e Eu sou a Lenda

Letícia Cristina Trojan – UERJ

A onipresença do medo: sob a regência do fantástico em "Os Outros" de Joyce Carol Oates e "The Others" de Alejandro Amenábar

Bruno Oliveira Tardin – UFV

O Estigma de Obaluaê: o grotesco enquanto fator de estranhamento em A Peste, de João do Rio

Fernanda Sousa Carvalho - UFMG

O medo como prazer estético em *The Vampire Lestat*, de Anne Rice, e "The Company of Wolves", de Angela Carter

Sessão 2

LIDIL 1
Segunda-feira, 25 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Alexander Meireles da Silva - UFG

Raul Dias Pimenta - UFG

A cor do medo em Sir. Gawain e o Cavaleiro Verde

Jéssica Cristine Fernandes Mendes - UFG

O medo refletido nos olhos de botões e o gótico através da porta em Coraline, de Neil Gaiman

Nicole Ayres Luz - UERJ

Precisamos falar sobre o Kevin: o papel do monstro na contemporaneidade

Sessão 3

LIDIL 1
Terça-feira, 26 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Fernando Monteiro de Barros - UERJ-FFP

Pedro Puro Sasse da Silva - UERJ

Há perigo na esquina: ficção e realidade nos espaços do medo de João do Rio

Ana Paula Araujo dos Santos - UERJ

Encontros noturnos em "Noites brancas", de Gastão Cruls: traços de vampirismo na Literatura Brasileira

Raphael da Silva Camara - UERJ

O Grotesco: um corpo estranho na literatura do medo no Brasil

Gustavo Augusto Abreu Clevelares - UERJ-FFP

O satanismo em Baudelaire e Maranhão Sobrinho

Sessão 4

LIDIL 1
Terça-feira, 26 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Fernando Monteiro de Barros - UERJ-FFP

Fernando Monteiro de Barros - UERJ-FFP

Ressonâncias do Gótico na poesia parnasiana brasileira

Gabriel Cid de Garcia - UFRJ/UNIRIO

O horror e a desnaturalização da forma: uma cartografia da dinâmica dos corpos

João Gabriel Lima - UFRJ

Horror e Paideia

Sessão 5

LIDIL 1
Quarta-feira, 27 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Julio França - UERJ

Ana Luiza Sardenberg - UERJ

O medo diante do mistério indissolúvel: "O coração delator", de Edgar Alan Poe

Luciano Cabral da Silva - UERJ

A quem se deve temer? – o medo do outro no romance American Psycho, de Bret Easton Ellis

Bruno Silva de Oliveira - UFG

O outro lado do demônio: A construção do medo em "O preço", de Neil Gaiman

Pedro Gomes Machado Vieira - UERJ

No espaço ninguém ouve Cthulhu despertar: a inspiração do horror de H. P. Lovecraft na space opera Revelation Space, de Alastair Reynolds

Sessão 6

LIDIL 1
Quarta-feira, 27 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Júlio França - UERJ

Cristiane Vieira da Graça Cardaretti - UERJ

O "monstro" de carne e osso em "Henri", de Rubem Fonseca.

Karla Menezes Lopes Niels - UERJ

Manifestações do medo numa literatura "fantástica à brasileira"

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro - UFG

O monstro humano, os irracionais e o indivíduo a corrigir: o espaço como oposição ao racionalismo em Ray Bradbury e José J. Veiga

Alessandro Garcia da Silva - UFRJ

O Mal e o Demoníaco em C.S. Lewis

Simpósio 2

Arquiteturas do espaço-corpo: discursos fílmicos e literários de horror

Coordenação:

Marisa Martins Gama-Khalil
UFU / CNPq

Nilton Milanez
UESB

Quais são as forças e partes motrizes da arquitetura no ser da linguagem? Que caminhos percorrer no labirinto das palavras e das imagens em movimentos para se chegar ao discurso? Como pensar a constituição de uma arquitetura para a ficção de horror? Esses questionamentos, para nós, fazem parte da edificação de um planejamento que toma como constitutivo o corpo e o espaço. Mais especificamente, preferimos chamar de corpo-espaço, em palavra composta, para indicar o entrelaçamento dessas duas estruturas, cuja construção mantém uma relação de interdependência e amálgama. O corpo como força criadora se movimenta em um espaço que pode ser religioso, sagrado, profano, e até mesmo aquele espaço do outro mundo. O corpo-espaço é constituído por seu teor heterotópico: a materialidade corporal se desdobra em corpos duplos, vários corpos, corpos inesperados, dilatados segundo um espaço que lhe é ao mesmo tempo interior e exterior. É nessa viga mestra que a configuração de um plano literário e visual em movimento desliza. O campo do horror, por sua vez, não se limita a uma teoria, faz fronteiras com inúmeras disciplinas humanas como a teoria literária, o cinema, a sociologia, a antropologia, a psicanálise, a filosofia, o direito entre outros, inclusive com disciplinas exatas como a matemática e até mesmo a física. O que, para nós, caracteriza, enfim, o horror são as atitudes de excesso, de descontrole, de perda de si, quando falamos dos sujeitos. Ao evidenciarmos o corpo-espaço, o domínio horrorífico se amplia no contra-espaço foucaultiano, quando o espaço comum se metarmofoseia em um espaço inesperado e insólito, no espaço liso e estriado deleuziano; quando o corpo acelera marcas do monstruoso, da deformação, da depravação, da anormalidade segundo a ordem social. Posto isto, propomos em nosso Simpósio trabalhos que apresentem uma discussão sob essa perspectiva, tomando materialidades literárias e fílmicas da ficção de horror. Nesse viés, a (des)ordem que constitui o espaço corporal do horror inclui leitores e espectadores da realidade virtual das Letras e das Imagens no mundo nesse nosso mundo torto da linguagem.

Sessão 1
LIDIL 2
Segunda-feira, 25 de março, das 13:00 às 15:00
Coordenação:
Marisa Martins Gama-Khalil - UFU/ CNPq

Cecília Barros-Cairo - FJT/ UESB

O rosto do criminoso no cinema: monstruosidade em quadros que se repetem

Ceres Alves Luz - UESB

O monstro e o espaço-corpo: análise discursiva sobre o assassino no filme Blood Feast

Janaína de Jesus Santos - UNESP

Ideologia: sujeito, corpo e horror no cinema brasileiro

Sessão 2
LIDIL 2
Segunda-feira, 25 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Nilton Milanez - UESB

Danúbia Ferreira Alves - UFU

Da clausura à loucura: o medo e o horror no conto Só vim telefonar de Gabriel García Márquez

Élida Mara Alves Dantas - UFU

O profano e o macabro na ordinária rua dos crocodilos

Keula Aparecida de Lima Santos - UFU

Medo e horror em "Perfecto Luna" de Elena Garro

Tatiane Galdino da Silva - UFU

Uma vez no "Reino dos Míopes", nem mesmo os óculos podem recompor nossa visão tétrica

Sessão 3
LIDIL 2
Terça-feira, 26 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Danúbia Ferreira Alves - UFU

César Donizette Caixeta - UFU

A Imitação da Rosa: da angústia ao medo

Edson Maria da Silva - UFU

Num abraço, desejo e morte enlaçados: uma leitura de Lygia Bojunga

Lilian Lima Maciel - UFU

Medo e horror n'O Abraço de Lygia Bojunga

Sessão 4
LIDIL 2
Terça-feira, 26 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Lilian Lima Maciel - UFU

Alex Pereira de Araújo - UESB/ CAPES

Heterotopias e utopias na construção de corpos no cinema francês contemporâneo de horror: lugares de memória para uma arqueologia do medo

Ciro Renan Oliveira Prates - UESB

O poder e o tempo no controle do corpo e do espaço em jogos mortais

Victor Pereira Sousa - UESB/ CAPES

A espetacularização do corpo monstruoso na telenovela O Astro

Sessão 5
LIDIL 2
Quarta-feira, 27 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Cecília Barros-Cairo - FJT/ UESB

Karina Luiza de Freitas Assunção - UFU

O espaço e a constituição do "medo" em o Ensaio sobre a cegueira de José Saramago

Fernanda Pina dos Reis Faccin - UFU

A face do medo no conto "O bebê de Tarlatana Rosa", de João do Rio

Jaciane Martins Ferreira - UFU

A experiência da morte e a inscrição do sujeito na era do biopoder em Estar sendo/ter sido, de Hilda Hilst

Eduarda Lamanes Gomes - UFU

Quem tem medo do deslimite?

Sessão 6
LIDIL 2
Quarta-feira, 27 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Ciro Renan Oliveira Prates - UESB/ CAPES

Alex Martoni - UFF

Lendo ambiências: espaço fantástico, fobias e materialidades

Chelsea Maria de Campos Martins - UNIESP

Paulo César Cedran - UNIESP

Trama do espaço do medo em "A queda da casa de Usher" de Edgar Allan Poe

Simpósio 3

A literatura infantil e juvenil e as práticas de mediação literária: diálogos com a temática do medo

Coordenação:

Eliane Debus
UFSC

Maria Zilda da Cunha
USP

Regina Michelli
UERJ

A existência de histórias para crianças advém de um tempo longínquo, primeiro na Grécia e depois em Roma, um provável momento em que teria nascido uma literatura infantil, quando, pela primeira vez, o homem teve o impulso de se comunicar contando histórias. Um narrar cuja marca estava na oralidade e a essência no pensamento mágico. Essas formas narrativas eram expressões que se configuravam como modos de o homem definir o desconhecido e tentar explicar fenômenos que o assombravam. Uma forma inaugural, sem marcas de autoria e tecida pela imaginação coletiva. Transmitidas oralmente, atravessaram gerações, acabando por se tornarem matéria-prima da literatura para crianças e jovens. Essas narrativas tradicionais (contos maravilhosos ou contos de fadas), ao serem recolhidas, passam a circular no formato escrito a partir do século XVII. A magia, o mistério, os enigmas que as imantavam mesclam-se ao suspense e às diferentes formas de medo que os homens de cada sociedade e cultura passam a desenvolver. Assim, na contemporaneidade, essas narrativas circulam pelos mais diversos suportes, do fio vocal às redes virtuais, modificando-se pela dinâmica própria das narrativas em criativo amálgama com a herança dos tempos primordiais - arquétipos, processos de iniciação ao saber oculto, aos mistérios da alquimia etc - e que se fundem às magias tecnológicas neste mundo digital. Sabe-se da atração que exerce a representação de personagens aterrorizantes como bruxas, vampiros, lobisomens etc. que fazem tanto sucesso ainda hoje. Entendendo o medo como um elemento que figura no imaginário ficcional, particularmente na produção para a infância e juventude, o simpósio, A literatura infantil e juvenil e as práticas de mediação literária: diálogos com a temática do medo, visa a congregar pesquisadores de áreas das Ciências Humanas, Letras, Linguísticas e Artes que discutem a produção literária para crianças e jovens - quer pela narrativa, pela ilustração ou pela linguagem - e as mediações de práticas literárias, que tenham como foco a leitura literária e sua relação com o insólito ficcional e o medo, em sua interface com os mecanismos de proteção contra o perigo, os instintos de sobrevivência, o mistério da morte. Os aportes teóricos são variados, fundamentando-se nos estudos da Teoria

da Literatura, do Mito, das Artes Gráficas, da História da Leitura, das Teorias do Fantástico, do Insólito, do Maravilhoso, entre outras abordagens que possam contribuir para alargar os estudos já existentes sobre o assunto.

Sessão 1

LIDIL 3
Segunda-feira, 25 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Eliane Santana Dias Debus - UFSC

Eliane Santana Dias Debus - UFSC

Os re(contos) africanos pelas mãos de Celso Sisto: de medos e quebrantos

Chirley Domingues - UFSC

Branca de Neve e as sete versões: entre o insólito e a interação

Raquel de Abreu - UFSC

O lugar do medo na socialização da criança brasileira: os Pedrinhos de Monteiro Lobato e Lourenço Filho

Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira - UFSC

Poesia e insólito: a morte como temática em poemas de crianças

Sessão 2

LIDIL 3
Segunda-feira, 25 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Maria Afonsina Ferreira Matos - UESB

Maria Afonsina Ferreira Matos - UESB

A desconstrução do medo de bruxa na literatura contemporânea

Maria Laura Pozzobon Spengler - UFSC

Medo de quê você tem? - Possibilidades de leitura e mediação literária de temas amedrontadores nos livros de literatura infantil

Sessão 3

LIDIL 3
Terça-feira, 26 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Luciano Ferreira da Silva - UESPI

Luciano Ferreira da Silva - UESPI

O medo como arma e desafio: o olhar do "Motoqueiro Fantasma" nos quadrinhos e a diferença em " Quem tem medo do novo?" de Ruth Rocha

Margareth Silva de Mattos - UFF

Violência e opressão no livro ilustrado para crianças: quando o medo é "sentido"

Beatriz dos Santos Feres - UFF

Violência e opressão no livro ilustrado para crianças: quando o medo é "sentido"

Débora Vieira Marques - UFF

Aspectos sobre a humanização do Diabo em Literatura Infantil

Sessão 4
LIDIL 3
Terça-feira, 26 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Tania Maria Nunes de Lima Camara - UERJ

Tania Maria Nunes de Lima Camara - UERJ

Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo: o medo em questão

Maria de Lourdes Guimarães - USP

Quebrando regras: um mergulho nas teias do inominável

Mariana Vidal de Vargas - UERJ

Os caminhos do medo em João e Maria

Fabiana Tavares do Nascimento Keller - UERJ

O aprendiz de feiticeiro – O medo e a magia através dos tempos. De Goethe a Dukas, de Disney a Bruckheimer

Sessão 5
LIDIL 3
Quarta-feira, 27 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Maria Zilda da Cunha - USP

Maria Zilda da Cunha - USP

Entre assombros e encantos, o fiar do medo em narrativas para crianças e jovens

Maria Cristina Xavier de Oliveira - USP

Entre assombros e encantos, o fiar do medo nas narrativas para crianças e jovens

Nathália Xavier Thomaz - USP

De Shakespeare a Hayao Miyazaki: um percurso pelo grotesco nas produções culturais para crianças e jovens.

Mariana Marques de Oliveira - UFRJ

Entre dois tempos: o insólito no conto "A estrela", de Vergílio Ferreira

Sessão 6
LIDIL 3
Quarta-feira, 27 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Maria Auxiliadora Fontana Baseio - UNISA

Maria Auxiliadora Fontana Baseio - UNISA

Fiando e desafiando o medo: a experiência da iniciação nos contos de fadas

Rogério Bernardo da Silva - USP

Pelas vias do medo e do insólito: a literatura infantil além dos aspectos pedagógicos

Andrea Castelacci Martins - USP

Pelas vias do medo e do insólito: a literatura infantil além dos aspectos pedagógicos

Regina Michelli - UERJ

Quem tem medo de lobo mau? - representações do medo em narrativas infantis brasileiras

Na companhia do medo: narrativas do duplo

Coordenação:

Noelci Fagundes da Rocha (Sissa Jacoby)
PUCRS

Ana Maria Lisboa de Mello
PUCRS

A figura do duplo, seja em expressões como Eu e o Outro, desdobramento do Eu ou identidade e alteridade, presente na literatura universal desde tempos remotos, torna-se recorrente a partir do romantismo, quando surge como tema ou motivo, em diferentes gêneros literários, que ilustram, através da dualidade do sujeito, medos, angústias e conflitos interiores do homem da sociedade moderna. A necessidade de autoconhecimento, a busca da identidade, o temor diante do desconhecido – representado principalmente pela morte – são alguns desses dilemas humanos, cujas origens remetem a um passado de crenças e histórias populares.

Dada a amplitude e recorrência do motivo em diferentes áreas da cultura, mas especialmente na literatura, a figura do duplo tem sido também o foco de inúmeros estudos que buscaram aprofundar e estender o trabalho de Otto Rank – pioneiro na investigação desse tema – em Der Doppelgänger (1914), como os desenvolvidos por Michel Guiomar, Yves Pélicier, Lubomir Dolezel, Juan Bargalló, Pierre Jourde e Paolo Tortonese, entre outros autores.

Na literatura, o desdobramento do Eu na aparição de um Outro está diretamente vinculado à procura de respostas para questões básicas e perenes, tais como "quem sou eu?" e "o que serei depois da morte?", que angustiam o ser humano e alimentam o imaginário dos povos desde as mais remotas eras. A expressão desses temores no conto e no romance tem-se mostrado uma longa tradição, sugerindo diferentes representações desde o século XIX até os nossos dias. Independentemente do contexto histórico de produção, a duplicidade do Eu como sujeito e objeto da reflexão nesses textos, responde, em qualquer tempo e cultura, ao reconhecimento da indigência do ser que busca o preenchimento de um vazio ou, ainda, de sua ânsia de sobreviver perante a ameaça da morte.

Nesse sentido, o medo como efeito estético é a tônica nas representações do duplo, narrativas em que o homem tenta se proteger do perigo da dissolução da identidade e de sua finitu-

de. Pensar o modo como o tema do duplo tem sido tratado literariamente em narrativas que expressam esse temor primordial – motivo de angústia e inquietação humanas –, tanto do ponto de vista dos recursos estéticos empregados pelos autores, quanto dos efeitos que esses recursos provocam no leitor, é a proposta deste Simpósio.

Sessão 1
LIDIL 4
Segunda-feira, 25 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Ana Maria Lisboa de Mello - PUCRS

Alexandre Pandolfo - PUCRS
Subjetividade, dilaceramento e narratividade em *As cabeças trocadas*, de Thomas Mann

Anna Faedrich Martins - PUCRS
A figura do duplo e o insólito no conto "O rosto", de Amilcar Bettega Barbosa

Camila Canali Doval - PUCRS
Dois rios que se cruzam no insólito: vida e morte na dupla narrativa de Tatiana Salem Levy

Ana Maria Lisboa de Mello - PUCRS
A morte e o medo nos contos de Lígia Fagundes Telles

Sessão 2
LIDIL 4
Terça-feira, 26 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Sissa Jacoby - PUCRS

Luara Pinto Minuzzi - PUCRS
Entre a vida e a morte: um estudo da duplicidade do vampiro em "Vlad", de Carlos Fuentes

Yuri Torres Possapp - PUCRS
Expressões do duplo na *Trilogia de Nova Iorque*, de Paul Auster: uma análise pós-moderna

Paloma Esteves Laitano - PUCRS
O professor e o ator: o estranho caso de Tertuliano Máximo e Antonio Claro

Aline Job da Silva - PUCRS
Clube da Luta: o terror no duplo como construção de identidade pela alteridade

Sessão 3
LIDIL 4
Quarta-feira, 27 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Sissa Jacoby - PCURS

Teresinha Vânia Zimbrão da Silva - UFJF
Narrativas do duplo: O *espelho* de Guimarães Rosa

Vanessa Zucchi - PUCRS
Representações do duplo em *A menina que perdi no circo*

Noelci Fagundes da Rocha (Sissa Jacoby) - PUCRS
O *corpo* como dilema: desejo e terror em Hanif Kureishi

Simpósio 5

O medo na narrativa fantástica do século XIX: pré-requisito ou elemento subsidiário

Coordenação:

Adelaide Caramuru Cezar
UEL

Cláudia Cristina Ferreira
UEL

Adilson dos Santos
UEL

David Roas, escritor e professor de Teoria Literária e de Literatura Comparada da Universidade Autônoma de Barcelona, em seu livro publicado em 2011, Tras los límites de lo real. Una definición de lo fantástico, apresenta quatro conceitos básicos para a definição do fantástico: (1) a realidade; (2) o impossível; (3) o medo (apontado como os "efeitos emocionais e psicológicos sobre o receptor"); (4) a linguagem. Como o próprio autor afirma, a crítica apresenta-se dividida no que diz respeito à afirmação do medo como condição necessária para a existência do fantástico. Enquanto David Roas, Roger Caillois e Irene Bessière o veem sempre presentes nas obras fantásticas, Todorov, Jacques Finné, Jean-Baptiste Baronian e Harry Belevan rejeitam tomá-lo como imprescindível para a constituição do fantástico. Este simpósio propõe discutir esta questão tomando como suporte diferentes obras pertencentes à literatura fantástica do século XIX. A cada membro do simpósio comporta a apresentação de uma narrativa, seja ela conto, novela ou romance, destacando sua pertença à literatura fantástica, cumprindo, para tanto, o enraizamento da mesma em determinada vertente, bem como o aporte sobre a presença ou ausência do medo como elemento definidor da espécie literária em pauta.

Sessão 1
LIDIL 3
Segunda-feira, 25 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Adelaide Caramuru Cezar - UEL

Suely Leite - UEL

Cláudia Camardella Rio Doce - UEL

A configuração do medo no conto "A segunda vida" de Machado de Assis

Adelaide Caramuru Cezar - UEL

O medo em "A chinela turca" de Machado de Assis

Sessão 2

LIDIL 3
Terça-feira, 26 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Cláudia Cristina Ferreira - UEL

Cátia Cristina Sanzovo Jota - UEL

O medo e o fantástico em Guy de Maupassant

Rafaela Silvestrini Rodrigues - UEL

Figurações do outro em Edgar Allan Poe e Machado de Assis

Caio Vítor Marques Miranda - UEL

Ecos da loucura na literatura fantástica: análise do conto "O Horla", de Guy de Maupassant

Cláudia Cristina Ferreira - UEL

A face do medo no conto "El monte de las ánimas" de Gustavo Adolfo Bécquer

Sessão 3

LIDIL 3
Quarta-feira, 27 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Adilson dos Santos - UEL

Adilson dos Santos - UEL

Figurações do outro em Edgar Allan Poe e Machado de Assis

Cláudia Cristina Ferreira - UEL

Figurações do outro em Edgar Allan Poe e Machado de Assis

Vinicius Ferreira dos Santos - UEL

Nem sono nem vigília: o fantástico em "A vida eterna" de Machado de Assis

Adilson dos Santos - UEL

Nem sono nem vigília: o fantástico em "A vida eterna" de Machado de Assis

Simpósio 6

Do século XIX ao século XXI: a trajetória da literatura fantástica latino-americana

Coordenação:

Rita Diogo
UERJ

Elda Firmo Braga
UERJ

Ana Cristina dos Santos
UERJ

O presente Simpósio pretende traçar uma trajetória da narrativa fantástica latino-americana desde o século XIX aos nossos dias, dando especial atenção ao conceito de insólito. Segundo Victor Bravo (1997), a literatura fantástica implica a presença de uma fronteira que estabelece o limite entre o "real" e o seu "outro", sendo o primeiro entendido a partir da noção racional de tempo-espaço, cujas leis acabam sendo ameaçadas pela irrupção da "outredade", colocando em questão o próprio estatuto do "real". Neste sentido, o fantástico pode ser definido como um contexto de combate entre forças que procuram reduzir o "outro" à ordem vigente, apesar de sua irredutibilidade.

No entanto, ainda que respeitando as características fundamentais dessa literatura, sabemos que a narrativa fantástica atual propõe formas que se diferenciam de seus antecessores mais canônicos, tais como Gabriel García Márquez, Julio Cortázar ou Carlos Fuentes, muitas vezes até rejeitando a comparação com estes escritores. De fato, se consideramos, como pensa Hauser (1982), que a literatura, como qualquer outra forma de arte, é inseparável de seu contexto sócio-histórico, a nova geração de autores fantásticos, que viveu o surgimento das novas tecnologias de comunicação, a passagem das ditaduras para os novos desafios das sociedades democráticas, ou mesmo o advento da chamada globalização, apresenta todas as condições necessárias para renovar uma literatura que parecia já ter alcançado o seu ápice.

Por outro lado, a diversidade continua sendo uma palavra-chave da novíssima narrativa fantástica latino-americana. Como nos autores do século passado, o mais apropriado seria utilizar o plural sempre que queiramos nos referir a essa literatura, destacando-as como narrativas fantásticas, cujas construções variarão de acordo com cada escritor. No entanto, entre muitas delas, observamos a presença marcante do insólito, sejam nos textos da argentina Samantha Schweblin, no

fantástico da chilena Alejandra Costamagna ou do mexicano David Toscana, o intercâmbio entre "realidade" e imaginação, a premência do lúdico em suas narrativas, talvez representem uma promessa de unidade entre as mesmas.

É, pois, partindo da perspectiva acima exposta e considerando o valor imprescindível dos escritores românticos do século XIX na cristalização do fantástico como estética, bem como da sua consolidação no século XX, que pensamos em contribuir para a construção da trajetória da literatura fantástica latino-americana até os nossos dias.

Sessão 1
LIDIL 5
Segunda-feira, 25 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Ana Paula Rocha da Cunha - UERJ

Ana Cristina dos Santos - UERJ

Releituras do feminino no texto fantástico "La culpa es de los tlaxcaltecas" de Elena Garro

Fatima Lucia Gomes de Barros - UERJ

O fantástico nos narradores-personagens de além-túmulo: Machado de Assis, Carlos Fuentes e Gabriel García Márquez

Ana Paula Rocha da Cunha - UERJ

Diante d' O Espelho: Um olhar para o duplo em Machado de Assis

Sessão 2
LIDIL 5
Terça-feira, 26 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Rita Diogo - UERJ

Marcella de Paula Carvalho - UERJ

O trágico e o lúdico em "Pontes de Königsberg"

Renata da Cruz Paula - UERJ

Santa Maria do Circo e a encenação do "Duplo" na narrativa fantástica

Keci Vieira - UERJ

O insólito em "Me das miedo Lucía", de Juan Terranova

Sessão 3
LIDIL 5
Quarta-feira, 27 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Gustavo Fujarra Carmona - UERJ

Elda Firmo Braga - UERJ

A invisibilidade e a metamorfose como manifestações do fantástico em "História de Garabombo, o invisível"

Gustavo Fujarra Carmona - UERJ

(Des)construção do "eu" na poética de Clarice Lispector: um estudo sobre *A paixão segundo G.H.*

Simpósio 7

Imagens do medo em literaturas de língua portugesa

Coordenação:

Flavio García
UERJ

Eloísa Porto Corrêa
USS/ UERJ

Luciana Morais da Silva
UERJ/ UFRJ

A construção de imagens do medo, nas narrativas do insólito ficcional, é fator decisivo para sua consumação como vertente literária própria de determinado conjunto de obras que o estudioso português Filipe Furtado denominou de "literatura do metaempírico" ou "discursos do metaempírico" (http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=188&Itemid=2 e http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=187&Itemid=2). Furtado entende que essa seja uma categoria mais ampla, dando conta da aparição, no universo ficcional, de lobisomens, fadas, deuses, fenômenos mesmo que possíveis ainda não conhecidos, enfim, segundo ele, "o conceito expresso pelo termo (...) não só as manifestações (...) denominadas sobrenaturais, mas, ainda, outras que, não o sendo, também podem parecer insólitas e, eventualmente, assustadoras". Nesse amplo universo literário, Furtado inclui "as narrativas de quase todos os tempos em que elementos (...) circunscritos [aos fenômenos metaempíricos] assumem uma função central no desenvolvimento da narrativa (...) (desde a epopeia de Gilgamesh às modernas histórias fantásticas)." Se a irrupção do insólito na narrativa a conduz para o seio da "literatura do metaempírico", constituindo-a como representante dos "discursos do metaempírico", tem-se, em seu nível diegético, manifestado em uma ou mais categorias da narrativa – personagem, tempo, espaço e/ou ação –, traços que corroem, corrompem, fragilizam a norma prática, ancorada no senso comum; que desorganizam, desestruturam, desarticulam a rotina quotidiana, como se a vivencia; que ultrapassam, transcendem, violentam a experiência humana conhecida, como até aquele momento se a experiencia. Logo, daí vem medo – de forma diversa e variada –, que gera dúvida, insegurança, incerteza, ambiguidade, dificuldade vivenciada por personagens e transmitida ao leitor. É em torno dessa vertente literária, produzida em língua portuguesa, nos países que a têm por idioma oficial, que se pretende discutir, neste simpósio, as arquiteturas do medo e o insólito ficcional.

Sessão 1
11038F
Segunda-feira, 25 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Luciana Morais da Silva
UERJ/UFRJ

Eduardo Reis Dourado - UEFS

O insólito e o medo em Terra Sonâmbula, de Mia Couto: representações da "antimodernidade"?

João Olinto Trindade Junior - UERJ

Entre o eu e os outros: por uma insólita leitura do medo em Vinte e Zinco, de Mia Couto

Luciana Morais da Silva - UERJ

A fantástica presença do medo: leitura d' "O assalto", de Mia Couto

Nanci do Carmo Alves - UERJ

Mar me quer e o insólito ficcional: temor ou prazer

Sessão 2
11038F
Segunda-feira, 25 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação
Luciana Morais da Silva
UERJ/UFRJ

Alexandra Britto da Silva Velásquez - UERJ

A construção do medo em "Um certo tom de preto", de Rubens Figueiredo.

Kenedi Santos Azevedo - UERJ/UFAM

Medo do insólito estropiado

Karla Duarte Carvalho - UERJ

Crianças à venda. Tratar aqui.

Lucas de Freitas - PUC-Rio

A canção de terror "Slaves Mass" ou Hermeto Pascoal e as cantigas infantis de horror

Sessão 3
11038F
Terça-feira, 26 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação
Eloísa Porto Corrêa
USS/ UERJ

Rita de Cássia Silva Dionísio - UNIMONTES

Experiência dos limites: restos de sonho e fragmentos da realidade no conto "O bloqueio", de Murilo Rubião

Angélica Maria Santana Batista - UERJ

Imagens do grotesco, do gótico e do sexo em *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso

Daniel Leite Almeida - UFMT

Vampiros de ontem e hoje, de lá e cá: as transformações temporais e culturais no mito do vampiro na Literatura Brasileira Contemporânea

Bruno Anselmi Matangrano - USP

Paisagens Insólitas de Medo: representações do Sobrenatural em narrativas portuguesas do Século XIX

Sessão 4
11038F
Terça-feira, 26 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação
Eloísa Porto Corrêa
USS/ UERJ

Bárbara Cecília Kreischer - PUC-Rio

A Mulher e o Diabo no Malleus Malleficarum e n' A Demanda do Santo Graal

Francisco de Souza Gonçalves - UERJ

"*Á Muller Bailar E Ó Burro Ornear, O Diaño Debeullo Ensiñar*": Uma Breve Leitura Comparada Do Papel Da Bruxa Nas Paragens Literárias Do Fantástico

José Carlos de Lima Neto - UERJ

"*Á Muller Bailar E Ó Burro Ornear, O Diaño Debeullo Ensiñar*": Uma Breve Leitura Comparada Do Papel Da Bruxa Nas Paragens Literárias Do Fantástico

Eloísa Porto Corrêa - UERJ/ USS

As Arquiteturas do Medo em *A Morte do Palhaço* e *O Mistério da Árvore* de Raul Brandão

Simpósio 8

Grotesco, bizarro, estranho e absurdo: algumas representações do insólito ficcional

Coordenação:

Maria Fernanda Garbero de Aragão
UFRRJ

Eduardo Guerreiro Brito Losso
UFRRJ

Se os espaços da contemporaneidade parecem desenhados por uma perene imprecisão afetiva e identitária, algumas personagens parecem evidenciar seu descentramento e sua perda de referenciais viáveis às mediações afetivas pelo viés do insólito, inscrevendo-se, assim, numa linhagem literária que religa o grotesco ao bizarro, ao absurdo e, por não, ao que Freud considera em sua proposta sobre o "Estranho".

Logo, há cenários narrativos capazes de traduzirem sentidos a esse incômodo, uma vez que o impasse se torna intratável e conduz o leitor ao encontro de uma narrativa que, ao estilhaçar com a realidade como pano de fundo, recria-se em imagens capazes de transformar o riso e o medo em seus melhores – e quiçá maiores – veículos de crítica. Assim, um destino trágico das personagens passa a desvelar questionamentos a respeito do espaço legado aos que habitam às margens em nossos dias. E, se estar à margem já corresponde a uma situação de conflito, suas personagens são "despejadas", "desabrigadas", da borda, despencando de forma letal e imperdoável, amedrontadora e insólita. As relações construídas com o texto fantástico, com efeito, acarretam perspectivas de distância e de recriações ainda maiores, pois é preciso crer que é pelo viés de uma construção insólita, impossível, que as significações se projetam. O encontro com o fantástico retira o leitor de suas certezas, forçando-o a, continuamente, reelaborar seus pressupostos acerca das correspondências com o que se crê como viável, verossímil.

É na tentativa de compor uma cartografia imago-literária que este simpósio é proposto. Pretendemos discutir tais inserções nas cenas narrativas e pensar nas maneiras como as personagens que experienciam o grotesco, o bizarro, o absurdo e o estranho ratificam uma importante mirada à conformação de algumas características recorrentes no cenário literário brasileiro contemporâneo, bem como ainda traduzem imagens de consagrada envergadura teórico-literária. E, como na perspectiva de enclave entre o Teatro do Absurdo e as narrativas de terror, é onde o cômico se faz trágico que o sentido se realiza, onde o arrepio aparece que o medo se traduz em algo que nos pertence, em sua forma plural, múltipla, diferente, dilacerante.

Sessão 1

11.038 F
Quarta-feira, 27 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Maria Fernanda Garbero de Aragão - UFRRJ

Ana Paula dos Santos Oliveira - UFRRJ

O fantástico em O Livro de Areia, de Jorge Luís Borges

Mariana Belize Santos de Figueiredo - UFRRJ

Racionalismo e loucura em O homem de areia, de E.T.A. Hoffmann

Anderson Rodrigues da Silva - UFRRJ

O estranho em "Una flor Amarilla" de Julio Cortázar

Natasha Centenaro - PUCRS

Do Teatro do Absurdo aos Vídeo-retratos: quando Robert Wilson se encontra com Samuel Beckett, por uma estética do estranhamento

Sessão 2

11.038F
Quarta-feira, 27 de março, das 14:45 às 16:15
Coordenação:
Eduardo Guerreiro Brito Losso - UFRRJ

Maria Fernanda Garbero de Aragão - UFRRJ

Medo, aporia e rupturas: por que caminhos é possível ler o trágico contemporâneo?

Diego de Queiroz Silva - UFRRJ

O insólito em Veronica Stigger

Thaís Lydia dos Santos - UFRRJ

O medo em Do Fundo do Poço se Vê a Lua, de Joca Reiners Terron

Luiza Puntar Muniz Barreto - UFRRJ

Inscrições do medo: o desabrigo e a cidade na composição da personagem caótica.

A arquitetura do medo na literatura japonesa

Janete da Silva Oliveira
UERJ

Apresentando uma específica arquitetura do medo nas suas narrativas, a literatura japonesa que tem fascinado o leitor ocidental em revistas em quadrinhos (mangás) e livros, assim como o cinema japonês que ficou conhecido no mundo pela sua abundante produção de filmes de terror que tem arrebatado fãs pelo mundo ao longo dos anos (Ringu/O Chamado, Ju-On/O grito, Darkwater etc) oferecem-se como objeto de estudo deste simpósio. Desde os tempos em que a narrativa mitológica era predominante, podemos identificar já elementos insólitos que serviam para embalar o imaginário da população. Essa mitologia japonesa está marcada por 3 personagens: deuses(神/Kami), espíritos ancestrais(祖霊/Sorei) e aparições monstruosas(妖怪/Youkai). Personagens esses com os quais a literatura vem traçando estratégias de combinação em várias narrativas que se atualizam e se renovam com o passar do tempo. Essas combinações não deixam de incluir o mundo mortal como paralelo ao mundo imortal. Narrativas várias que deram origem a tradições folclóricas como a Hyaku Monogatari (百物語/Cem histórias) também chamada de Hyaku Monogatari kaidankai (百物語怪談会/Cem histórias de terror) na qual diz-se que ao finalizar 100 histórias, um verdadeiro youkai iria aparecer. Essa proximidade que os elementos fantásticos desempenham no imaginário japonês de harmonia com os espíritos naturais indicam uma convivência em um mesmo espaço e fazendo desse outro mundo o mesmo mundo da existência mortal. Isso possibilita uma permeabilidade que contribui para uma arquitetura de medo que deixa sempre antever um perigo que habita o seu cotidiano. O medo pode ser gerado através de um outro que sou eu mesmo, através de estratégias narrativas que pretende-se abordar nesse simpósio, perpassando desde da tradição localizada da Hyaku Monogatari transformada em entretenimento universal, autores modernos como Jun'ichiro Tanizaki, até a contemporânea Kanae Minato que explora a construção do medo através de elementos reais da sociedade japonesa atual.

Sessão 1
Segunda-feira, 25 de março, das 14:15 às 16:15
LIDIL 5
Coordenador:
Satomi Takano Kitahara - Uerj

Satomi Takano Kitahara - Uerj

Hyaku Monogatari – Do lazer local ao entretenimento global e imortal

Bruno Soares - Uerj

O insólito e o medo em Junichirou Tanizaki

Janete da Silva Oliveira - Uerj/PUC

O perigo mora ao lado: a arquitetura do medo no romance policial de Kanae Minato

Simpósio 10

Medo e morte: expressões do desconhecido na linguagem literária

Coordenação:

Ceila Maria Ferreira
UFF

O estreito limite entre a vida e a morte tornou-se, desde tempos remotos, um constante desafio à nossa compreensão. As questões que envolvem perda e finitude do ser humano são acompanhadas da profunda sensação de abandono à própria sorte, sendo o destino o principal fio condutor da nossa existência. Não por acaso, esse sentimento desperta em nós um medo significativo ao lidar com as noções de desaparecimento, descontinuidade e, principalmente, temor ao desconhecido.

Em um âmbito abrangente, não se pode deixar de relatar que a morte, por si só, assume múltiplas facetas: simboliza não apenas a destruição do corpo físico, mas também assume a capacidade de representar a decadência de episódios particulares, períodos históricos, espaços geográficos. Por vezes, esse signo de esgotamento encontra-se presente na própria vida, quando se torna marcada por um sentido de luto, próprio daqueles que não conseguem traçar uma solução para as suas dores e angústias.

Nesse contexto, não se pode deixar de enfatizar o posicionamento do autor sobre essa questão, principalmente se considerarmos que o ato de narrar o princípio de finitude é um trabalho que envolve uma sensibilidade para se entender o tipo de emoções que são geradas a partir de tal ocorrido. Ao destacar em sua obra essa temática, o autor não só descreve suas próprias experiências, mas também passa a realizar um exercício de observação do comportamento do outro em relação à morte e, nesse sentido, passa a lidar com diferentes olhares, opiniões e culturas inerentes a esse fato.

Sendo assim, esse simpósio busca traçar um panorama das narrativas literárias que destacam o posicionamento do homem diante da morte. É, pois, importante ressaltar que tal temática não se limite apenas à descrição do aniquilamento do corpo físico; a morte constitui uma metáfora abrangente para destacar inúmeros fatos que nos deparamos ao longo de nossa trajetória. Nesse caso, não se deve deixar de mencionar que, por diversas vezes, a morte também pode ser encarada como um signo de renovação.

Ainda levando em consideração as questões envolvendo esse tema, deve-se apontar a própria reflexão do homem sobre a transitoriedade da vida. Em Noites Brancas, Fiódor Dostoiévski descreve essa sensação através de um questionamento bastante relevante: "O que você fez dos seus anos? Onde sepultou a sua melhor época? Você viveu ou não?". Tal apontamento nos remete a importância de um olhar para o passado como principal cenário de enfrentamento da memória sobre o esquecimento.

Há de se destacar, também, os diversos registros insólitos em que a dualidade medo-morte se faz presente na literatura, de modo a enfatizar os sentimentos que permeiam essa relação.

Sessão 1
11.038 F
Terça-feira, 26 de março, das 13:00 às 14:30
Coordenação:
Viviane Arena Figueiredo - UFF

Ceila Maria Ferreira - UFF

Algumas considerações sobre "O Espelho", conto de Machado de Assis

Leandro Trindade Pinto - UNICAMP

W.G. Sebald: morte e desassossego em Os anéis de Saturno

Viviane Arena Figueiredo - UFF

Entre o eterno e o desconhecido: considerações sobre a morte em Ânsia eterna de Júlia Lopes de Almeida

COMUNICAÇÕES LIVRES

TERÇA FEIRA, 26 DE MARÇO

das 9:00 às 10:30

LIDIL 1	Ana Carolina Sá Teles	USP	Um esqueleto à mesa: reflexões sobre "Um esqueleto", de Machado de Assis
	Lainister de Oliveira Esteves	UFRJ	Amenidade e ironia: contos de horror de Machado de Assis
LIDIL 2	Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira	UFF/ CNPq	Um Zaratustra dos trópicos: o insólito em "Funes, o memorioso"
	Eric Iglesias Coutinho	UERJ	Entre o incerto e o preciso: Uma leitura do castigo em "A Biblioteca de Babel"
	Edson Oliveira da Silva	UEFS/ UFBA	Literatura e representação na América Latina contemporânea
LIDIL 3	Vinícius Santos Loureiro	UFRJ	Os fatos como (não) são: os narradores-vítimas de Edgar Allan Poe
	Lauro Iglesias Quadrado	UFRGS	O Fantástico Científico de Edgar Allan Poe
	Fernanda Aquino Sylvestre	UFU	Culpa e medo: uma leitura do conto "The Minister's Black Veil", de Nathaniel Hawthorne
LIDIL 4	Renato Martins e Silva	UFRJ	Travessias: o mar, o insólito e o medo – uma viagem ao lado de sereias e 'leões do mar'
	Hugo Lenes Menezes	USP	O imaginário popular europeu, indígena e afro-brasileiro em composições fantásticas de Bernardo Guimarães
LIDIL 5	Rafaela Godoi Bueno Gimenes	UFF	O duplo e o mito em Barba ensopada de sangue, de Daniel Galera
	Luiz Antonio Ribeiro	UNIRIO	Fausto do Goethe: o duplo como queda
	Raisa Damascena Rafael	UNIRIO	Significações do grotesco no Mefistófeles de Marlowe e de Goethe
11.038F	Paula Cristina Luersen	UFSM	Do real ao real imaginado: a imagem como fascinação
	Gisele Reinaldo da Silva	UFRJ	Sigmund Freud e Julio Cortázar: encontros insólitos entre a psicanálise e a literatura
	Sarah Vervloet Soares	UFES	Notas sobre as perturbações da incerteza e do desespero

QUARTA FEIRA, 27 DE MARÇO

das 9:00 às 10:30

LIDIL 1	Adriana Falqueto Lemos	**UFES**	De Lovecraft a King: Uma análise histórica e estrutural do medo na literatura a partir da leitura dos contos "A cor que veio do espaço" e "A Excursão" e dos conceitos de Art-Horror, de Carroll
	Claudio Manoel de Carvalho Correia	**UFAM**	Das percepções ao medo: uma análise semiótica do conto "O homem de Terno Preto" de Stephen King
	Ana Lúcia Magalhães	**FATEC**	Aspectos filosóficos e retóricos do medo
LIDIL 2	Waleska Rodrigues de M. Oliveira Martins	**UNESP**	A figuração da Morte e da Memória na poética de Manoel de Barros
	Eduardo Reis Dourado	**UEFS**	Terra Sonâmbula, *de Mia Couto: a (re)invenção do cotidiano no contexto pós-guerra.*
	Joyce Conceição Gimenes Romero	**UNESP**	Aspectos do fantástico nos contos de Rubén Darío: Intersecções e divergências em "D.Q." e "El caso de la señorita Amelia"
LIDIL 3	Fabio Marchon Coube	**UNILAGOS**	Sobre uma viagem ao inóspito: O espectro como alteridade e acolhimento a partir do conto O voo da madrugada de Sérgio Sant'anna
	Guilherme Copati	**UFSJ**	*Rebecca*: um limiar do gótico na contemporaneidade
	Jaqueline Nunes da Fonseca Cosendey	**INES**	O medo em "Onde andam os didangos?", de José J. Veiga
LIDIL 4	Lucy Lopes Duarte	**UERJ**	A mulher como horror ou o horror à mulher em antigos cenários
	Regina Michelli	**UERJ**	A mulher como horror ou o horror à mulher em antigos cenários
	Leonardo Davino de Oliveira	**UERJ**	O medo da vida (de viver) e medo da morte (de morrer) como arquiteturas da canção
	Ana Maria Vasconcelos Martins de Castro	**UFRJ**	O *precário equilíbrio entre o real e o ficcional* em Pedro e Paula, *de Helder Macedo*
LIDIL 5	Francisco Thiago Camêlo	**PUC-Rio**	Cores de vida e de morte: infância e violência em "O meu amigo pintor", de Lygia Bojunga
	Clóvis Meireles Nóbrega Júnior	**UFG/ IFB**	Angústia, solidão e medo: aspectos do duplo em contos de Caio Fernando Abreu
	Rodrigo Molon de Sousa	**SEE-SP**	Violência e urbanidade em "Mistérios de São Cristóvão"
11.038F	Gabriela Semensato Ferreira	**UFRGS**	A arte de narrar o medo, uma releitura do fantástico
	Tatiana Alves Soares Caldas	**CEFET**	Mudam-se as cores, mudam-se as atitudes: uma leitura de Chapeuzinho Amarelo
	Natasha Centenaro	**PUCRS**	*O arroz milagroso da tia com aura encantada – os elementos mágicos em* O arroz de Palma *inseridos na tradição de um realismo maravilhoso*

RESUMO DAS COMUNICAÇÕES

Adelaide Caramuru Cezar

UEL

O medo em "A chinela turca" de Machado de Assis

Machado de Assis publicou o conto "A chinela turca" pela primeira vez em 1875 na revista *A Época*, recém-fundada por Joaquim Nabuco. Em 1882, retomou-o e, com pequenas alterações, inseriu-o na coletânea *Papéis Avulsos*. Nas duas versões há um dado comum: a configuração do medo a atuar como uma brincadeira com o leitor. Objetiva-se a análise de "A chinela turca" de maneira a demonstrar que a construção paralela de duas tramas, revelando tal procedimento ao leitor apenas ao final da narrativa, resulta na vivência de muito medo a desembocar, ao final, quando revelada a estratégia (duplicação da trama), em muito riso.

Adilson dos Santos

UEL

Figurações do outro em Edgar Allan Poe e Machado de Assis

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise de duas narrativas fantásticas produzidas no século XIX: "William Wilson" (1839), presente em *Contos de terror, de mistério e de morte*, de Edgar Allan Poe (1809-1849), e "O espelho" (1882), presente em *Papéis avulsos*, de Machado de Assis (1839-1908). Em ambos os autores, o problema do duplo – tão recorrente na literatura fantástica – faz-se presente, bastando, para se dar conta de tal fato, ater-se, de imediato, aos títulos dos contos a serem estudados. A presente análise procurará investigar este tema, evidenciando os recursos utilizados pelos autores na sua elaboração. Tal procedimento visará compreender, juntamente com Freud (1856-1939), em seu ensaio intitulado *Das unheimliche* (1919), que "o ficcionista tem um poder *peculiarmente* diretivo sobre nós; por meio do estado de espírito em que nos pode colocar, ele consegue guiar a corrente das nossas emoções, represá-la numa direção e fazê-la fluir em outra".

Adilson dos Santos

UEL

Nem sono nem vigília: O fantástico em "A vida eterna", de Machado de Assis.

O presente estudo visa apresentar uma leitura do conto "A vida eterna", de Machado de Assis (1839-1908). Publicado originalmente em 1870, no *Jornal das Famílias*, "A vida eterna" foi inserido na coletânea organizada e prefaciada por Raimundo

Magalhães Júnior, intitulada *Contos avulsos*, em 1956. Em 1973, o mesmo organizador o incluiu no volume *Machado de Assis*: contos fantásticos. Será precisamente sob a perspectiva do fantástico que esta narrativa será analisada. Procurar-se-á abordar os elementos configuradores do gênero no texto em questão e refletir sobre os efeitos produzidos por tal narrativa sobre o receptor. Conforme será investigado, a atmosfera assombrosa construída por Machado de Assis está em conformidade com a história do pesadelo vivido pelo narrador protagonista do conto, Dr. Camilo da Anunciação.

Adriana Falqueto Lemos

UFES

De Lovecraft a King: Uma análise histórica e estrutural do medo na literatura a partir da leitura dos contos "A cor que veio do espaço" e "A Excursão" e dos conceitos de Art-Horror, de Carroll.

A literatura de horror, assim como a arte e o cinema do mesmo gênero, faz com que a audiência tenha contato com algo que os humanos, geralmente, se privam de sentir: o medo. O objetivo deste artigo é pensar sobre o medo, a fim de entender e expor o valor estético da literatura de horror a partir da leitura de dois contos: "A cor que veio do espaço", de H. P. Lovecraft (1927), e "A Excursão", de Stephen King (2002). A intenção é determinar as similaridades, em termos de estrutura narrativa, por consequências relativas à construção do medo, utilizando os conceitos de Art-Horror formulados por Carroll (1990). Depois da análise, conclui-se que os padrões estruturais de ambos os contos utilizados como corpus deste estudo se encontram para produzir o efeito de medo próprio da Art-Horror.

Alessandro Garcia da Silva

UFRJ

O Mal e o Demoníaco em C.S. Lewis

Este trabalho pretende analisar a forma como C.S Lewis trabalhou a temática do demoníaco e a figura do demônio, uma vez que estes dois temas aparecem em diversos de seus livros e podem constituir uma chave hermenêutica interessante para compreender a própria visão de mundo expressa na ficção lewisiana. C. S. Lewis escreveu um livro do qual se pode dizer que tem o demônio como protagonista. Trata-se de Screwtape Letters, traduzido para o português como Cartas de um Diabo a seu Aprendiz. Neste livro, um demônio mais experiente escreve a seu sobrinho dando dicas sobre como lidar com tenta-

ção ao ser humano. Nesta obra o cotidiano humano, a história e a filosofia são vistas por um olhar que não consegue acreditar ou mesmo entender conceitos como verdade e amor. Além destas, há diversas outras obras onde a figura do demônio aparece com bastante destaque. Nas Crônicas de Nárnia existe a feiticeira Jade que aparece pela primeira vez em O Leão, a Feiticeira e o Guarda Roupa e que tem sua origem revelada em O Sobrinho do Mago. Na Trilogia Espacial de Lewis a figura demoníaca também tem bastante espaço, seja na construção de personagens, seja na forma de criticar certas ideias e mentalidades.

Alex Martoni

UFF

Lendo ambiências: espaço fantástico, fobias e materialidades

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre alguns aspectos relativos ao espaço ficcional que cumprem um papel fundamental na construção dos efeitos estéticos próprios à narrativa fantástica, tanto no âmbito da literatura quanto do cinema. A partir do pressuposto de que, como afirma H.P. Lovecraft, a "atmosfera" construída pela obra é responsável pela criação de determinados efeitos no leitor, se busca pensar sobre como elementos retórico-formais das linguagens literária e cinematográfica, de alguma forma articulados com a percepção de espaço, provocam essa "sensação" própria às narrativas fantásticas, que nos move em direção à vivência intensa de uma experiência cognitiva e corpórea do medo. Dentro dessa perspectiva, nos parece produtivo fazer uma leitura que privilegie essa percepção das ambiências que vão sendo construídas pelo tecido narrativo das obras e produzem esses efeitos estéticos que, dentro da tradição cultural alemã, são denominados Stimmungen. Para tal, teremos como referência os textos Drácula (1897), de Bram Stoker, A queda da casa de Usher (1847), de Edgar Allan Poe e os filmes A marca da pantera (1942), de Jacques Tourneur, A queda da casa de Usher (1980), de Jan Svankmajer e Fausto (2011), de Aleksandr Sokúrov.

Alex Pereira de Araújo

UESB

Heterotopias e utopias na construção de corpos no cinema francês contemporâneo de horror: lugares de memória para uma arqueologia do medo

Os corpos no cinema estão sob a ordem de um olhar soberano que nos diz para onde devemos olhar e como devemos fazer isso. É um olhar poderoso que tudo sabe e tudo pode. Um olhar

que nos posiciona não como simples espectadores, mas como sujeitos. É a partir daí que buscamos compreender como se arquitetam o medo, ou seja, qual é a ordem do cinema de horror, tecido com a pena do medo? Nessa arquitetura, os corpos aparecem como lugares para vigiar e punir em espaços utópicos e heterotópicos. Espaços de memórias. Espaços de poder vigiar e punir. Espaço onde se impõe uma posição de sujeito, um poder sobre o sujeito. Portanto, os corpos no cinema de horror são artefatos para uma arqueologia do medo, escrita pelo poder do horror sobre estes corpos. Daí nosso interesse por esses lugares. Para demonstrar essa arqueologia, utilizaremos dois filmes franceses, produzidos em 2007, Frontière(s) e À l'interieur como espaços de horror construídos para o medo pelas vias da utopia e heterotopias pensadas por Michel Foucault, filósofo do presente, do nosso presente para compreender como se arquitetam tal medo por meio de sua história arqueológica, prática de um espaço chamado Labedisco/UESB.

Alexandra Britto da Silva Velásquez

UERJ

A construção do medo em "Um certo tom de preto", de Rubens Figueiredo.

A presença do outro como intruso e ameaça e o desdobramento da personalidade são traços marcantes nas obras de Rubens Figueiredo, no entanto, pretendemos observar como o autor constrói imagens do medo na narrativa fantástica contemporânea, por isso, partimos da análise do conto "Um certo tom de preto", em *O livro dos lobos* (2009). O conto, narrado em primeira pessoa, apresenta a história de uma mulher que durante um apagão tem seu corpo e identidade roubados pela irmã adotiva. Enquanto o mundo escurece, a troca de corpos acontece através de um simples olhar. "Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mundo familiar" (TODOROV, 2008, p. 30). O sobrenatural invade e desordena o cotidiano, medos e obsessões vêm à tona, e, diante do inexplicável, o leitor se identifica com a personagem, mas, também desconfia, e experimenta uma visão ambígua do acontecimento narrado. "O discurso fantástico tem, assim, de multiplicar esforços no sentido de apoiar o desenvolvimento constante desse embate que a razão trava consigo própria sobre o real e a possibilidade simultânea da subversão." (FURTADO, 1980, p.36-37).

Alexandre Pandolfo

PUCRS

Subjetividade, dilaceramento e narratividade em As Cabeças Trocadas, de Thomas Mann

Este trabalho consiste numa abordagem da fantástica história das *Cabeças Trocadas* que Thomas Mann escreveu em 1940. Uma fábula de tez indiana a respeito da identidade e do jogo de espelhos em que vivemos, inserindo-se na temática do duplo. A leitura crítica dessa obra toma em todas as suas palavras o cheiro da decomposição que provém do seu tempo. E utiliza a imagem do dilaceramento do sujeito e as implicações epistemológicas a esse respeito como fulcro para a leitura política do estado de exceção em que vivemos. A crise na qual os sujeitos se encontram nessa novela expressa o rompimento da superfície convencional sob a qual o ser é erigido, no empenho da Totalidade. Trata-se de expor os fatos perturbadores dos quais vertem os sulcos românticos dessa obra da era das catástrofes.

Aline Job da Silva

PUCRS

Clube da Luta: o terror no duplo como construção de identidade pela alteridade

Na tentativa de pensar o conceito do duplo na literatura contemporânea, esta comunicação propõe a hipótese de que o mito do duplo é, atualmente, uma relação de construção de identidade pelo enfrentamento com o outro; assim, o conceito de duplo será discutido (Michel Guiomar, Edgar Morin e Yves Pélicier entre outros), bem como o de alteridade (Jacques Derrida). O texto *Clube da Luta*, de Chuck Palahniuk, pode oferecer essa perspectiva de alteridade como processo de construção de identidade, ainda que fragmentada, justamente pelo fato de que o reconhecimento do duplo leva à consciência de quem de fato é esse narrador que se apresenta sem nome, marca fundamental de uma identidade. No decorrer da aventura, momentos de afastamento e de aproximação entre os dois personagens levam à consideração desse duplo, mas não antes de estabelecer que o reconhecimento identitário se dá pela alteridade de um com o outro. Mais além, o texto revela temas profundos imiscuídos na duplicidade, a saber, o amor pela mesma mulher e o medo da morte como significativa de uma possível existência sem reconhecimento, sem papel na história. Sumariamente, a comunicação se propõe a discutir o texto literário em relação aos tópicos mencionados conforme eles se apresentam.

Ana Carolina Sá Teles

FFLCH-USP

Um esqueleto à mesa: reflexões sobre "Um esqueleto", de Machado de Assis.

Em 2008, Júlio Bressane lançou "A erva do rato", inspirando-se livremente em dois contos de Machado de Assis, "Um esqueleto" (1875) e "A causa secreta" (1885). Nesta apresentação, gostaria de propor reflexões sobre "Um esqueleto" em razão da presença da temática do insólito nessa narrativa. Poderíamos nos questionar primeiramente sobre o vínculo entre os dois contos que foi proposto por Bressane. Salta aos olhos os caracteres de Dr. Belém e Fortunato, dois patriarcas sádicos, o primeiro que mata a mulher e mantém seu esqueleto e o segundo que funde sadismo e prazer estético, apreciando cenas de dor que vão de facadas à "dor moral". Bosi observou que os contos da primeira fase de Machado de Assis adequavam-se aos chavões dos periódicos de 60 e 70, perseguindo a mentira, o patrimônio e o matrimônio como assuntos recorrentes (BOSI, 2007). Analisarei, portanto, dentro desse panorama, como "Um esqueleto", conto que não entrou nas coletâneas, apesar de aderir aos valores convencionais de então, desponta como excêntrico, ao propor uma narrativa em que temas do horror e do sinistro são abordados e em que o crime e a morte são paralelos ao matrimônio. A Pesquisa de Mestrado conta com Bolsa FAPESP.

Ana Cristina dos Santos

UERJ

Releituras do feminino no texto fantástico "La culpa es de los tlaxcaltecas" de Elena Garro

Este trabalho tem como objetivo verificar, através da análise do conto "La culpa es de los Tlaxcaltecas", da escritora mexicana Elena Garro, como ocorre a desconstrução das relações de poder na literatura escrita por mulheres e, consequentemente, como essa desconstrução favorece a constante negociação identitária do sujeito feminino, em defesa de sua identidade étnica e de sua reconstrução identitária. A partir dos conceitos de fantástico, hibridismo cultural e identidade abordam-se questões referentes à identidade da mulher mestiça mexicana como pertencente a um contexto ideológico e, portanto, como parte de um processo de construção social e cultural. O texto de Garro permite discutir essas questões, especialmente quando problematiza as ambivalências da mestiçagem produzida séculos antes pela conquista espanhola e lembrada a cada instante como elemento de inferioridade pela cultura hegemônica. Para

a análise proposta, utilizam-se os textos de Burke (2010), García Clanclini (2008), Hall (2005), Velasco Marin (2007), Chanter (2010) e Victor Bravo (1997).

Ana Lúcia Magalhães

FATEC

Aspectos Filosóficos e Retóricos do Medo

O objetivo do trabalho é estudar o discurso do medo e sua presença na escola. Para tal, o trabalho foi divido em duas partes: um estudo do medo a partir do pensamentos de filósofos e pensadores e a aplicação em uma pesquisa em duas escolas públicas de nível superior. O medo como paixão foi estudado por filósofos e pensadores desde Platão, passando por Aristóteles, Hobbes, Descartes, Espinosa, Greimas. Embora não tenham sido os únicos, foram escolhidos porque seu pensamento permite a elaboração de uma linha evolutiva dessa paixão. Os estados patêmicos do medo resultam da busca da adesão a um auditório. A pesquisa para investigar a presença do medo na escola teve como espaço metodológico duas faculdades de formação de tecnólogos. Questionários foram dirigidos a professores e alunos para levantamento da percepção do medo próprio e do outro. O cruzamento entre teoria e respostas permitiu observar que, entre os medos apontados se destacam nos alunos: o do futuro, o do desconhecido (Platão), do mal (Aristóteles), da percepção de pouca probabilidade de se obter o desejado (Descartes) e da coisa duvidosa (Espinosa). Os medos apontados nos professores apresentam algumas diferenças e semelhanças aos apontados nos alunos, também estudadas e analisadas.

Ana Luiza Sardenberg

UERJ

"O medo diante do mistério indissolúvel:' O coração delator', de Edgar Alan Poe"

A presença do medo é uma constante em nossas vidas e representar esteticamente tal sentimento é desafiar a imaginação. Sentir medo é experimentar uma emoção desconfortante diante do que é desconhecido e portanto incerto e ameaçador. Mas afinal, o que existe de tão terrível no desconhecido que possa afetar-nos tão significativamente? Porque não conhecemos a resposta, tentamos conceber racionalmente algo que escapa ao domínio do palpável. Consequentemente, tememos tudo aquilo que possa causar-nos sofrimento ou até mesmo a morte. Edgar Alan Poe foi um dos muitos escritores da literatura americana que escreveu sobre o tema em seus contos e poemas. Esta argumentação tem como

propósito discutir como o medo é abordado por Edgar Alan Poe em seu conto " O Coração Delator", relacionando-o, fundamentalmente, com o texto teórico "Devemos temer a morte?" do filósofo e professor Francis Wolff.

Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira

Uff

Um Zaratustra dos trópicos: o insólito em "Funes, o memorioso"

Este artigo intenta discorrer sobre a questão do insólito no conto Funes, o memorioso de Jorge Luís Borges. Pretende-se mostrar o quanto incomum pode ser uma memória tão prodigiosa e detalhista quanto a do personagem Irineu Funes, que não via pessoas e objetos como um ser humano comum, mas sim como alguém que podia pormenorizar cada ínfimo detalhe de tudo o que lhe aparecia diante dos olhos, além de possuir uma memória extraordinária de quem está condenado a nunca esquecer-se de nada. Dessa forma, a inimaginável memória de Funes aliada à sua interminável insônia comporiam o traço insólito que atravessa a narrativa.

Ana Maria Lisboa de Mello

PUC-RS

A morte e o medo nos contos de Lygia Fagundes Telles

No livro *Mistérios: ficções* (1981), Lygia Fagundes Telles reúne narrativas que se inserem no âmbito do estranho e do fantástico. Em vários contos, o tema é o momento específico da travessia da vida para morte. A ansiedade e o medo, aliados algumas vezes à fascinação, marcam a passagem dos protagonistas para outro tempo e espaço, no qual, sob outra forma, vão dar continuidade à existência. Em "A caçada", "O noivo", "Mão no ombro", presságios, intuições das personagens anunciam que é chegado o momento da passagem. Em "O encontro", a protagonista defronta-se consigo mesma em um passado distante e diante das cenas que vai assistindo recorda e antecipa os acontecimentos que presenciará novamente, agora como espectadora. Na criação literária, a imaginação de um Outro - o duplo - que sobrevive ao aniquilamento do Eu é uma forma de eufemizar o terror da morte.

Ana Maria Vasconcelos Martins de Castro

UFRJ

O precário equilíbrio entre o real e o ficcional em Pedro e Paula, de Helder Macedo

Em seu segundo romance,*Pedro e Paula*, Helder Macedo retoma a segunda metade do século XX num salutar diálogo entre fato e ficção, instaurando uma atmosfera de insólita ambiguidade desde o início: "O que certamente não aconteceu foi talvez o seguinte:". É por querer uma narrativa apoiada no precário equilíbrio do *talvez* – "entre o que seja e o que fosse", para usar uma expressão de seu romance seguinte, *Vícios e virtudes*– que o autoconsciente narrador macediano vai apontar para a própria matéria textual num gesto de traiçoeiro autodesvelamento, estabelecendo simultaneamente a ficcionalidade da história (assumindo-se*mentira*) e o pacto de confiabilidade e transparência com o leitor (instaurando uma *verdade*). É também ciente de que História e literatura coexistem no mesmo patamar discursivo que esta *metaficção historiográfica* (conceito delimitado por Linda Hutcheon) espelhará as festas (Revolução dos Cravos) e os horrores (as torturas da PIDE salazarista) históricos de Portugal no resistente corpo ficcional de Paula, que, herdeira luminosa da queirosiana Maria Eduarda, recusa-se a ceder à dor e ao medo. É este jogo de fazer deslizar, nos seus diversos níveis, as fronteiras entre o real e o ficcional – jogo insólito por excelência – que este trabalho pretende discutir.

Ana Paula Araujo dos Santos

UERJ

Encontros noturnos em "Noites brancas", de Gastão Cruls: traços de vampirismo na Literatura Brasileira

O presente trabalho propõe uma análise comparativa entre os contos "Noites brancas" [1920], de Gastão Cruls, e "A mortalha de Alzira" [1891], de Aluísio Azevedo – este último uma "adaptação" do célebre conto vampiresco "A morta amorosa" [1836], de Théophile Gautier. A leitura proposta focará em elementos característicos da temática do vampirismo na literatura: misteriosos encontros noturnos, mulheres fatais, desregramento sexual, perigos do contágio etc., como ponto de partida para refletir sobre as razões para a ínfima presença, na literatura brasileira do século XIX e do início do XX, daquele que é um dos personagens arquetípicos mais recorrentes na literatura do medo.

Ana Paula dos Santos Oliveira

UFRRJ

O Fantástico em "O Livro de Areia" de Jorge Luís Borges

Neste trabalho analisaremos as características do gênero realismo fantástico no conto "O Livro de Areia", do escritor argentino Jorge Luís Borges, procurando assinalar o papel do símbolo *livro* e seu entorno (personagens ligados ao livro: vendedor, bibliófilo, biblioteca), destacando a relevância da presença do conceito de *infinito,* que apresenta na obra tendência à reprodução crescente, ligada a outro símbolo, o *espelho*. Ainda verificaremos a presença de referências bíblicas e seus possíveis significados ("Bíblia", "Livro sagrado", "Palavra do Senhor" e o número "666"- código da besta apocalíptica), por meio de uma análise comparativa entre o discurso religioso e o discurso literário. Por fim, abordaremos a combinação de elementos vindos do real e do imaginário.

Ana Paula Rocha da Cunha

UERJ

Diante d' O Espelho: Um olhar para o duplo em Machado de Assis.

Esse trabalho pretende abordar o fenômeno do duplo a partir da noção de "estranho" de Freud: "categoria do assustador que remete ao que é conhecido, velho, e há muito familiar" (FREUD, 1996, p.238). Para ilustrar o tema do "estranho", tomaremos como suporte de análise o conto de Machado de Assis, *O Espelho: Esboço de uma nova teoria da alma humana* (1982) e, como base teórica, os estudos de Freud e Lacan sobre o narcisismo e constituição do eu, respectivamente. Nessa narrativa machadiana, somos confrontados com uma ruptura do cotidiano e instigados a interrogar sobre esse encontro com o real. Cortázar, escrevendo sobre alguns aspectos do conto, faz uma interessante observação: "o conto tem de nascer ponte, tem de nascer passagem, tem de dar o salto que projete a significação inicial, descoberta pelo autor, a esse extremo mais passivo e menos vigilante e, muitas vezes, até indiferente, que chamamos leitor". (CORTÁZAR, 2011, p. 157). Assim é "O Espelho". Narrativa intensa, tensa e penetrante, cuja trama nos envolve da mesma forma que os quatro cavalheiros, que quando "voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas".

Anderson Silva Rodrigues
UFRRJ

O estranho em "Una flor Amarilla" de Julio Cortázar

Pretende-se abordar o conceito “estranho”, ou “estranhamente familiar” (Unheimlich) de Sigmund Freud à luz do conto de Julio Cortázar "Una flor amarilla". Propomos uma análise do conto a partir da aproximação com alguns assuntos tratados por Freud em seu ensaio, a saber: a atitude do homem para com a morte, a questão do "duplo", a repetição involuntária e a correlação de distanciamento-proximidade entre os termos "heimlich" (familiar) e "unheimlich" (não familiar-estranho"). Desta forma, não só o ensaio de Freud traz um suporte teórico para a interpretação do conto, mas também o conto dará subsídios para o enriquecimento do conceito psicanalítico.

Andréa Castelaci Martins
USP

Pelas vias do medo e do insólito: a literatura infantil além dos aspectos pedagógicos

Este trabalho tem como propósito perceber, por meio da análise de algumas produções literárias, de que maneira a temática do medo e as estratégias narrativas do insólito tornam as produções literárias para crianças e jovens menos suscetíveis ao olhar preponderantemente pedagógico. Atualmente, nota-se que muitas produções destinadas às crianças e jovens vislumbram o aspecto pedagógico seja no contexto de produção, ou nas situações de mediação da leitura. Dessa forma, compromete-se, necessariamente, a percepção e recepção do teor literário do texto. Nesse sentido, a natureza estética, voltada à imaginação e à fruição, é prejudicada, o que promove a diminuição das possibilidades de um efeito que transforme a concepção de sujeito e de mundo, tendendo à manutenção dos valores vigentes ou ao condicionamento voltado a determinados interesses. Diante dessas questões, as estruturas dos textos literários que são organizados por estratégias narrativas relativas ao insólito e à temática do medo, tanto do ponto de vista da ilustração quanto do texto verbal, tendem a dificultar, por sua própria natureza, a prevalência dos aspectos pedagógicos sobre os estéticos.

Angélica Maria Santana Batista
UERJ

Imagens do grotesco, do gótico e do sexo em Crônica da casa assassinada, de Lúcio Cardoso

A personagem de ficção é construída de forma que determinadas características sejam significativas para realçar aspectos essenciais da própria diegese. Tal construção torna as personagens ricas "em virtude da concentração, seleção, densidade e estilização do contexto imaginário, que reúne os fios dispersos e esfarrapados da realidade num padrão firme e consistente" (ROSENFELD, 1974, p.35). Padrão esse cuja projeção pode ser exteriorizada nas ações e emoções dos seres de papel, sempre coerentes ao enredo a que estão subordinados. Essa realidade ficcional, parasitária do mundo real (Cf. ECO, 1994) se torna coesa a partir de leis próprias do universo manifestado na obra. Isso é bem nítido no romance *Crônica da casa assassinada*, do brasileiro Lúcio Cardoso, que a decadência da família Meneses, cuja Chácara possuía o mal "arraigado na ruindade dos Meneses antigos, que haviam envenenado o ambiente da casa" (CARDOSO, 1997, p. 43). O foco desse trabalho será Nina, esposa de Valdo Meneses, personagem que incorpora toda a atmosfera de opressão e degeneração da Chácara dos Meneses, seja por seus arroubos sexuais ou por sua doença degenerativa, ressentida com a "paisagem baixa, de grandes descampados ressecados pelo estio" (CARDOSO, 1997, p. 39). Serão utilizados os conceitos de horror e gótico do escritor H. P Lovecraft como instrumentos iniciais de reflexão, pois é possível tecer relações entre esse romance com outros da tradição do Insólito Ficcional. Haverá também a tentativa de considerar a sexualidade aflorada de Nina como releitura do decadentismo e da ruína dos costumes da Modernidade.

Anna Faedrich Martins
PUCRS

A figura do duplo e o insólito no conto "O rosto", de Amilcar Bettega Barbosa

Este trabalho explora a análise do conto "O rosto", presente na obra *Deixe o quarto como está* (2002), do escritor Amilcar Bettega Barbosa, com o objetivo de refletir sobre o modo como a figura do duplo é tratada nesta narrativa. A presença de um rosto infantil que tem vida, mas não tem corpo, e que assombra o protagonista, leva-nos a refletir sobre questões como o desdobramento do Eu na aparição do Outro, o perigo da dissolução da identidade e o insólito – elemento fundamental deste conto.

A narrativa passa-se no espaço da casa do narrador que também é uma representação do insólito no conto, pois ela tem vida própria, faz aparecer e desaparecer móveis e salas, sendo ao mesmo tempo um lugar seguro e sempre desconhecido, objeto de fascínio para o protagonista. Já o rosto poderia ser outra forma dele mesmo, representando a sua busca desesperada pelo o que era no passado.

Bárbara Cecília Kreischer

PUC-RIO

A Mulher e o Diabo no Malleus Malleficarum e n' A Demanda do Santo Graal

A presente pesquisa tem por fito basilar demonstrar como os exempla, poderosas armas do discurso retórico, aparecem não só em historietas jacentes no sermonário da Idade Média, mas em como também se inserem em escritos não-eclesiásticos, como A Demanda do Santo Graal, romance anônimo do século XIII. A influência do desenvolvimento de uma literatura hagiográfica no Centro-Medievo também exerce preponderante papel nesse contexto, podendo ser entrevista nos conceitos da ideologia clerical refletidos nas novelas do Ciclo Artúrico. Pretende-se, neste estudo, trilhar as vias de uma abordagem histórico-literária do ilustrativo episódio *A Filha do rei Hipômenes*, que é parte da já citada novela cavaleiresca, centrado na figura da bruxa, este ente fantástico tão presente na Literatura Ocidental. Propõe-se uma leitura comparada do supracitado episódio com o notório manual inquisitorial *Malleus Malleficarum* ou *O Martelo das Feiticeiras*, obra do tardo medievo, de James Sprenger e Heinrich Kramer, que possui, em seu discurso, o modelo acabado do pior tipo de mulher que se poderia conceber no medievo: a bruxa. E do maior medo: o Diabo. Elementos que podem ser entrevistos, de forma germinal, na figura feminina do episódio *A Filha do rei Hipômenes,* de A Demanda do Santo Graal.

Beatriz dos Santos Feres

UFF

Violência e opressão no livro ilustrado para crianças: quando o medo é "sentido"

Este trabalho tem o objetivo de focalizar mecanismos de desencadeamento de emoção (ou de *patemização*, de acordo com a Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso) relacionados à tópica do *medo* em dois livros ilustrados para crianças publicados recentemente que têm em comum o fato de a opressão, oriunda de regimes políticos tirânicos e violentos, configurar-se como tema. Parte-se do pressuposto de que as emoções são de ordem

intencional e podem estar inscritas nas representações compartilhadas por um grupo social. Além disso, a *iconicidade*, processo que aproxima elementos a partir de similaridades (segundo a semiótica peirciana), mostra-se um recurso produtivo para a exacerbação de Qualidades (sensações e emoções) nos vários níveis de construção de sentido (superficial, discursivo e situacional). Nos casos em tela, meninas-protagonistas vivem experiências de desestabilização familiar. O medo é um dos efeitos de sentido suscitados pela textualização. O insólito encontra-se nas próprias situações vividas pelas personagens, mas também nos livros de predileção de cada protagonista, apresentados como narrativas de encaixe, que assumem uma função reparadora e visam a minorar o efeito patêmico

Bruno Anselmi Matangrano

USP

Paisagens Insólitas de Medo: representações do Sobrenatural em narrativas portuguesas do Século XIX.

A partir da leitura das narrativas insólitas portuguesas do Século XIX "Uma Récita do Roberto do Diabo", de Júlio César Machado, "A Dama Pé-de-Cabra", de Alexandre Herculano e "A Torre Derrocada", de Osório de Vasconcelos, e à luz dos estudos de Filipe Furtado, Remo Ceserani e, principalmente, H. P. Lovecraft e Tzvetan Todorov, o presente trabalho pretende demonstrar os procedimentos estilísticos utilizados na criação da atmosfera Sobrenatural, responsável por suscitar o medo e a sensação de horror, diante da dúvida e do desconhecido. Para tanto, atentamos, sobretudo, para as técnicas narrativas de representação do espaço, para as oscilações de foco narrativo e seus desdobramentos no efeito todoroviano de "hesitação".

Bruno da Silva Soares

UERJ

A construção do medo em Junichirou Tanizaki

O insólito representa um elemento essencial para a formação de narrativas cujo enredo é centrado na questão do sobrenatural e do medo. Para alguns críticos, este traço é determinante para a criação da hesitação ante os fatos metaempíricos, isto é, que se apresentam, narrativamente, sem a certeza de que são pertencentes ao universo conhecido, ôntico e natural. Tanizaki, autor modernista, utiliza o recurso do medo como ferramenta que representa o mal estar do homem moderno diante de figuras demoníacas oriundas do próprio comportamento humano,

onde o desejo lascivo das personagens compõe a própria incerteza dos fatos incomuns que lhe recaem, porém são acolhidos pelo desejo ser maior que a culpa. Dessa forma, a sensação incômoda e temerosa que o leitor, implicitamente percebe, encontra-se como algo comum e até, quiçá, aceitável, pela perspectiva da narrativa tanizakiana.

Bruno Oliveira Tardin

UFV

O Estigma de Obaluaê: o grotesco enquanto fator de estranhamento em A Peste, de João do Rio

Neste trabalho, a partir da análise criteriosa do conto A Peste, de João do Rio, publicado na coletânea Dentro da noite, em 1910, busca-se analisar o senso de horror pessoal desperto a partir da narração de um surto epidêmico de varíola, e suas funestas consequências, vivenciado pela personagem de Luciano Torres. Esta representação, propõe-se investiga-la enquanto agenciadora de um fator de estranhamento que percorre toda a trama, e para tal análise, recorrer-se-á aos escritos freudianos que versam sobre o "unheimliche", bem como à teorização de Anatol Rosenfeld a respeito do grotesco, para enfim se pensar a ruptura com o ideal – neste caso, associado à Cultura vigente da Belle Époque carioca – a partir das qualidades do sentir pelo viés narrativo, configurando assim o que se poderia chamar de uma "estética do estranhamento", de caráter marcadamente neogótico, em João do Rio.

Bruno Silva de Oliveira

UFG

O outro lado do demônio: A construção do medo em "O preço", de Neil Gaiman

Sentimento atávico a própria condição humana, o medo é constituído e fomentado por diferentes símbolos e imagens, muitos dos quais ligados a certos animais, tais como o gato e o cachorro de pelagem preta. A ligação destes animais com o fóbico se origina na Idade Média, devido a esses serem animais de estimação dos ditos "feiticeiros e adoradores do demônio", segundo a Inquisição, entre outras instituições religiosas, os animais eram os próprios feiticeiros em outra forma e, claro, se teme esses animais por causa de sua pelagem negra, cor essa associada às trevas. A partir deste quadro, o presente trabalho visa analisar a construção do medo que cerca o gato no conto "O preço" (1998), do escritor inglês Neil Gaiman objetivando analisar se esse animal tem alguma relação com a aura fóbica instaurada pelo mesmo. Além disso será inves-

tigado se há a perpetuação da imagem negativa desenvolvida entorno do animal na Idade Média e se ele não tiver relação com o medo, que figura propicia a sensação fóbica no texto.

Caio Vitor Marques Miranda

UEL

Ecos da loucura na literatura fantástica: Análise do conto "O Horla", de Guy Maupassant

Na literatura, desde tempos remotos, ouvem-se histórias de terror, bruxas, magia, loucura, em contextos surreais ou até irreais, despertando no leitor uma sensação de medo, mistério, ou curiosidade por saber mais. Assim é a literatura fantástica, que se tornou, sobretudo desde o início do século XIX, gênero recorrente na literatura contemporânea, sendo objetivo de várias análises literárias. Deste modo, o presente trabalho almeja apresentar uma possível leitura, da segunda versão do conto "O Horla" (1886), de Guy Maupassant, pelo viés do fantástico, evidenciando a sensação de medo e o estado de loucura vivenciado pelo personagem que sofre com a presença de um ser sobrenatural, a quem ele o chama de o Horla. Aparentemente, Horla é uma criatura mística que, assemelhando-se ao vampiro, suga progressivamente a vitalidade daqueles que ataca. Ele, que costuma aparecer no período noturno e se alimenta apenas de leite e água, no decorrer da história, domina os pensamentos do personagem, enquanto a sanidade e os sentimentos dele são questionados. A análise que faremos se pautará nas ideias de Todorov (1975) e Roas (2011), autores pioneiros a abordar esta temática.

Camila Canali Doval

PUCRS

Dois rios que se cruzam no insólito: A dupla narrativa de Tatiana Salem Levy

A ligação entre o mito e a morte, interna à expressão do duplo, sob a temática dos irmãos gêmeos, é o foco desta análise da obra *Dois rios*, da escritora brasileira Tatiana Salem Levy. A duplicidade permeia todo o romance: os protagonistas gêmeos, Antonio e Joana; as duas versões de uma mesma história; o mar como símbolo da vida e da morte; a pulsão de morte como catarse do desejo incestuoso entre os irmãos. A personagem fantasmática, Marie Ange, desdobra-se concomitantemente nas duas narrativas para realizar a libertação dos duplos Antonio e Joana, o fortalecimento dos gêmeos como indivíduos e o rompimento do estado de repressão que eles se impuseram como castigo pelo desejo sexual que sentem um pelo outro. Esta aná-

lise não apenas explora o fantástico do duplo, mas utiliza o mito como ilustração dos sentidos fragmentados da nossa época. Em *Dois rios*, uma história é o reverso da outra, assim como também é a mesma, e ao brincar com esse jogo, a autora realiza um exercício ficcional de efetivação de possibilidades verossímeis, mas opostas, entrelaçando real e fantasia às narrativas da vida e não permitindo o abandono de uma essência mítica da literatura, mesmo na contemporaneidade.

Cátia Cristina Sanzovo Jota

UEL

O medo e o fantástico em Guy de Maupassant

Criaturas sobrenaturais. Ruídos sinistros. Lugares instáveis. Morte. Quando eles quebram a familiaridade do cotidiano, o terror se instala. Na literatura, o gênero fantástico é talvez aquele que mais explora esse sentimento. O objetivo do presente estudo é, portanto, discutir a seguinte questão: o medo configura-se fator essencial ou acessório da composição fantástica? Para tanto, dois contos de Guy de Maupassant serão analisados: "O medo" e "Carta de um louco". Neles, o autor soube delinear magnificamente, através de uma atmosfera lacunar e inquietante, o pavor experimentado pelos protagonistas que, sem alternativas, tornaram-se sujeitos hesitantes, permanentemente perturbados pelo encontro com o inexplicável.

Cecília Barros-Cairo

UESB

O rosto do criminoso no cinema: monstruosidade em quadros que se repetem

Este trabalho de pesquisa propõe a investigação dos processos de subjetivação do rosto criminoso no cinema, considerando a memória, a história e o discurso como compositores dessa trama. Observamos esse rosto criminoso no dispositivo fílmico como acontecimento em uma rede de práticas discursivas, onde a projeção das imagens em movimento acontece em quadros que se repetem, fazendo eclodir formas de judicialização do sujeito da desordem que as sociedades de controle se põem a gerir, confiscar e capitalizar. Quando traz o sujeito do seu foco à visibilidade, o cinema efetua produções de sentido que demarcam o rosto criminoso na esfera da anormalidade, fixando a sua constituição através da repetição de discursos onde opera a intericonicidade no nível da memória das imagens. Os processos de subjetivação do criminoso no cinema acontecem através

de espacialidades, corporeidades e discursividades, situando esse sujeito irregular nos parâmetros da exclusão e em lugares bem demarcados de exceção ao revelar sua identidade rostificada. Entendendo a materialização do discurso em torno do rosto criminoso no que ele tem de (re)citação nas imagens em movimento, analisamos a sua (de)composição com o espaço em que aparece como monstruoso, (re)montando uma arquitetura insólita concernente à desordem jurídica, moral e social.

Ceila Maria Ferreira

UFF

Algumas considerações sobre "O Espelho", conto de Machado de Assis

Nesta comunicação, vamos tecer algumas considerações sobre a presença do medo, do insólito e da morte em "O Espelho", um dos contos mais famosos de Joaquim Maria Machado de Assis. Nesse conto, publicado primeiramente em periódico e depois no livro *Papéis Avulsos* (primeira edição: Rio de Janeiro, Lombaerts, 1882), a presença do insólito e do medo é facilmente percebida (e sentida) pelos leitores. Contudo, a partir de uma doença grave (com risco de morte) de uma das filhas de uma determinada personagem, D. Marcolina, é que tem início a curiosa experiência sobrenatural vivenciada pela personagem principal do referido conto, Joãozinho, o Alferes.

Ceres Alves Luz

UESB

O monstro e o espaço-corpo: análise discursiva sobre o assassino no filme Blood Feast

A partir das discussões coordenadas por Nilton Milanez no Projeto de Pesquisa Materialidades do Corpo e do Horror, pensamos o horror não como gênero, mas sim enquanto uma construção de efeito de horror. Para isso, partimos dos postulados teórico-metodológicos de Michel Foucault da forma como estes vêm sendo interpretados no Brasil, especialmente no que diz respeito aos seus conceitos de transgressão e monstruosidade moral. Sobre este viés, analisamos discursivamente o filme Blood Feast (1968), dirigido por Gordon Lewis, em que um homem assassina mulheres, consideradas perfeitas, para ressuscitar uma deusa egípcia. Veremos, então, como o assassino é apresentado enquanto monstro, como seu caráter é refletido em seu corpo, por meio da monstruosidade, e como essa monstruosidade se dá a ver a partir da relação corpo e espaço. Analisaremos, assim, esse corpo-espaço utilizando a ideia de

domínio de memória, em Foucault, e o conceito de intericonicidade, de Courtine, para pensar o enunciado enquanto lugar/espaço para os sujeitos monstros.

César Donizette Caixeta

UFU

A imitação da rosa: da angústia ao medo

Neste trabalho, pretendemos discutir fatores de espaço, tempo e indumentários que se consubstanciam na construção do medo no conto A Imitação da Rosa, de Clarice Lispector. Em psiquiatria distinguem-se dois sentimentos que, polarizados, apresentam características distintas: o medo e a angústia. Enquadra-se, o primeiro, em circunstâncias onde haja sinais de temor, pavor, terror. O segundo dá conta de casos onde se verifica inquietude, ansiedade e melancolia. A nossa argumentação visitará estes conceitos, porém, visto que não se trata de um conto no qual o medo possa, a priori, ser constatado tal como o definimos anteriormente, lançamos mão da ideia de que a angústia e as suas ramificações ao nível psicológico da personagem principal dá azo a um discurso misto que (re)constrói fragmentos de uma sociedade marcada por valores sociais que predeterminaram comportamentos para a mulher, os quais já não mais ocupam a realidade moderna, mas que, na personagem de Clarice, ilustram uma circunstância na qual a angústia se torna medo. Ambiguidades lexicais e intertextos são basilares na fundação do subconsciente de uma personagem ambígua. A Laura natural é bem diferente da Laura social? Quando a angústia se transforma em medo?

Chelsea Maria de Campos Martins

UNIESP

Trama do espaço do medo em "A queda da casa de Usher" de Edgar Allan Poe

O presente artigo tem por finalidade analisar sob o aspecto da arquitetura do medo a descrição do espaço narrativo em que se desenvolve o conto de Edgar Allan Poe – A queda da casa de Usher. Utilizando-se da expressão trama de espaço procuraremos identificar sob a ótica do narrador as características de Roderick Usher, arquitetura da mansão em que vive e como uma estética do medo vai sendo construída ao longo do conto sob a perspectiva da descrição e percepção dos objetos – imagens presentes na casa. A partir do conceito fenomenológico de Gaston Bachelard denominado de Topo – Análise identificaremos os lugares físicos presentes no conto e em nossa vida

intima. Assim Usher / Lady Madeline / Narrador, ganharão significado na estética do medo, a partir das relações que estes estabelecem com a trama de espaço do medo – A casa do Usher. Identificar metáfora e sensações produzidas pela leitura deste, nos aproximará ainda mais do duplo, ou seja, do que Freud e Lacan identificaram como sendo o resultado de uma medida defensiva que projeta o estranho fora do eu, produzindo, sob a ótica narrativa, a sensação do insólito e do medo, que permite múltiplos olhares diante deste conto de Edgar Allan Poe.

Chirley Domingues

UFSC

Branca de Neve e as sete versões: entre o insólito e a interação

Por certo, os clássicos contos de fadas infantis são livros que jamais envelhecem, pois a cada nova geração se renovam em novas versões, traduções, adaptações e releituras. Muitas dessas versões merecem destaque pela criatividade e pela originalidade que apresentam, sem, no entanto, perderem o contato com o texto de referência. Dentre essas obras, destacamos o livro *Branca de Neve e as sete versões*, assinada por José Roberto Torero e Marcus Pimenta, sobre o qual propomos nos debruçar para desenvolver uma análise que tem por objetivo evidenciar o caráter insólito da narrativa, uma vez que o comportamento da protagonista evidencia uma ruptura com o padrão clássico de referência e provoca um certo estranhamento e/ou surpresa no leitor. Necessário dizer, porém, que estamos considerando aqui, dentre as inúmeras definições para o adjetivo insólito, aquela que o define como o que não acontece habitualmente, contrário ao uso, incomum, como é o comportamento da personagem da referida narrativa. Nossa análise evidencia, ainda, uma outra característica que merece destaque na obra, qual seja, a sua estrutura narrativa que permite ao leitor uma leitura interativa levando-o a alterar e definir o percurso do enredo e definir as diversas versões disponíveis no livro para a história da (des) conhecida princesa Branca de Neve, o que torna a obra ainda mais interessante e original.

Ciro Renan Oliveira Prates

UESB

O poder e o tempo no controle do corpo e do espaço em jogos mortais

Nesse trabalho, analisamos discursivamente o dispositivo fílmico a partir de extratos de filmes da série Jogos Mortais, procurando evidenciar como as relações de poder e o tempo

controlam os sujeitos e suas ações num dado espaço. Para tanto, tomamos, como base, os postulados teórico-metodológicos de Michel Foucault da forma como estes vêm sendo interpretados no Brasil, deslocando-os para o estudo da materialidade imagética fílmica. Investigamos, portanto, o dispositivo fílmico sob a perspectiva de materialidades que se repetem nos seus sete exemplares, apontando regularidades discursivas que evidenciam o suplício dos corpos como forma de punição e controle da população a partir da posição do soberano, sob a perspectiva foucaultiana em Vigiar e Punir. Nesse estudo, demonstraremos que o tempo é uma peça importante nas relações de poder e que, por meio dele, se dá o gerenciamento dos corpos e o controle do espaço, produzindo um efeito de horror e, ao mesmo tempo, a reafirmação da norma.

Cláudia Camardella Rio Doce

UEL

A configuração do medo no conto "A segunda vida" de Machado de Assis

O medo pode ser um elemento recorrente na constituição das narrativas fantásticas, maravilhosas, estranhas, realistas fantásticas ou mágicas. O objetivo deste trabalho é analisar o elemento do medo no insólito conto "A segunda vida", de Machado de Assis. O texto faz parte da coletânea *Histórias sem data* que reúne dezoito contos de Machado de Assis publicados ao longo de 1883, em periódicos cariocas. A narrativa traz o relato de José Maria que, após sua morte, procura Monsenhor Caldas para lhe contar que morreu em data e hora determinada, e agora está em sua segunda existência. O texto envolve o leitor em uma atmosfera de medo por se instalar a sensação de que a qualquer momento o monsenhor será atacado por José Maria. Tais situações exigem do leitor o pacto da verossimilhança, ou seja, uma aceitação incondicional dos fatos como verdade, elemento fundamental das narrativas maravilhosas, segundo a teoria todoroviana.

Cláudia Cristina Ferreira

UEL

A face do medo no conto El monte de las ánimas de Gustavo Adolfo Bécquer

A origem do medo remonta à época primitiva, pois desde os tempos mais remotos se faz presente na imaginação popular e no folclore. Na narrativa, o despertar do medo no leitor, como recurso técnico-literário, revela um jogo de binômios (tensão e prazer, angústia e alívio ou curiosidade e receio). É esse vai e

vem ou avançar e retroceder que tanto amedronta como fascina leitores de todas as idades e nacionalidades. A literatura fantástica sob o viés do medo convida-nos a cruzar a fronteira entre o mundo real e o sobrenatural, irreal ou surreal. É a dimensão do mundo paralelo, muitas vezes permeado por criaturas sobrenaturais ou espectrais, que invade e alimenta a imaginação do leitor, abrindo um portal no qual habitam o inexplicável, inimaginável, indizível e inquietante. Esse trabalho, portanto, objetiva fazer uma possível leitura do conto *El monte de las ánimas*, do escritor espanhol Gustavo Adolfo Bécquer, à luz dos preceitos teóricos de autores conceituados que versam sobre o tema, tais como David Roas e Todorov.

Claudio Manoel de Carvalho Correia

UFAM

Das percepções ao medo: uma análise semiótica do conto "O homem de Terno Preto" de Stephen King.

Este trabalho tem como objetivo analisar o conto "O Homem de Terno Preto" de Stephen King à luz da fenomenologia desenvolvida por Charles Sanders Peirce. Na fenomenologia de Peirce, os fenômenos advindos da experiência podem ser classificados em três categorias que refletem as formas de relação com a experiência. A terminologia desenvolvida por Peirce para estas categorias é: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Neste trabalho, pretendo aplicar as Categorias da Experiência para analisar a forma como o protagonista do conto "O Homem de Terno Preto", escrito por Stephen King, reconhece o diabo a partir da percepção dos signos que se oferecem à percepção. O uso das categorias da experiência como substrato téorico-metodológico para a análise do conto permite observar o processo gradativo de reconhecimento utilizado pelo protagonista, a partir de fragmentos da experiência que levam ao ápice do medo. Para a análise serão, também, utilizados os princípios da Primeiridade Icônica, Secundidade Indexical, e Terceiridade Simbólica desenvolvidos por Gorlée (1987). Estes conceitos permitem a observação dos estágios de percepção e de interpretação que demonstram a estratégia do autor para a construção do medo na narrativa.

Clóvis Meireles Nóbrega Júnior
UFG

Angústia, solidão e medo: aspectos do duplo em contos de Caio Fernando Abreu

"Aqueles dois" foi publicado pela primeira vez na coletânea de contos intitulada Morangos Mofados em 1982. Tendo em vista alguns aspectos teóricos referentes ao conto brasileiro contemporâneo, podemos afirmar que o conto "Aqueles dois", de Caio Fernando Abreu, que nos propomos a analisar nesta comunicação, oscila entre o que Alfredo Bosi reconhece como uma "quase-crônica da vida urbana", perpassada pelo "tom quase-poema do imaginário às soltas", característica que também se evidencia no texto. Assim, além dos elementos referentes à narratologia, essenciais a quase todo tipo de análise de narrativas, pretendemos desenvolver nosso trabalho tendo como suporte crítico e metodológico os estudos referentes à problemática do "Duplo" em literatura. Pretendemos, ainda, relacionar o modo como o duplo aparece nesse e em outro conto do escritor, "Visita", mostrado como alguns aspectos relacionados ao duplo, tais como angústia, medo e instauração do insólito aparecem nas narrativas de Caio.

Cristiane Vieira da Graça Cardaretti
UERJ

O "monstro" de carne e osso em "Henri", de Rubem Fonseca

Na literatura brasileira contemporânea, parece haver uma predominância do medo provocado pela violência urbana. O sujeito provocador do horror é de carne e osso, e na maioria das vezes, é um sujeito comum, desprovido de traços que possam denunciá-lo como um monstro aterrorizador. O "monstro" transita, como nós, dentro de ambientes comuns, nada parecidos com os espaços ermos e distantes que marcam a literatura do medo no Brasil do século XIX e início do século XX. Em nossa literatura, a violência, assim como traumas psicológicos e/ ou físicos, gera indivíduos capazes de atos ainda mais cruéis e repulsivos do que os perpetrados pelos monstros góticos tradicionais. A presente comunicação busca no conto "Henri", de Rubem Fonseca, refletir sobre o medo produzido pelas relações humanas. Para tanto, a argumentação terá como base, principalmente, os pensamentos do sociólogo Zygmunt Bauman e de suas ponderações sobre o medo produzido pelas relações humanas.

Daniel Leite Almeida

UFMG

Vampiros de ontem e hoje, de lá e cá: as transformações temporais e culturais no mito do vampiro na Literatura Brasileira Contemporânea

Este trabalho tem como objeto de pesquisa um personagem mítico muito presente na literatura contemporânea de diversos países, incluindo o Brasil: o vampiro. Para se pensar no vampiro produzido pela literatura brasileira contemporânea, é necessário considerar que o mito do vampiro sofreu pelo menos dois tipos de transformações: uma temporal e uma cultural, pois sua origem é bastante antiga e europeia. Assim, este trabalho visa refletir sobre a constituição do mito do vampiro, seu processo de transformação e adaptação na cultura e literatura brasileira. Para isso, estudaremos a história do vampiro, bem como suas transformações, as teorias do fantástico (principalmente de Felipe Furtado e Tzvetan Todorov, que sistematizam a função dos personagens na literatura fantástica, e outros autores que trabalham a noção de monstro na literatura), vertentes da contemporaneidade, literatura de horror, e analisaremos obras literárias nacionais que tratam sobre o vampiro. Queremos discutir qual o perfil que esse personagem possui na literatura brasileira, e observar se sua representação/seu papel também se transforma conforme a época e a cultura em que ele está inserido.

Danúbia Ferreira Alves

UFU

Da clausura à loucura: o medo e o horror no conto só vim telefonar de Gabriel García Márquez

A presente comunicação tem como principal objetivo a análise do conto Só vim telefonar (2008) de Gabriel García Márquez, ressaltando as principais imagens do medo e do horror tecidas nessa narrativa. Pode-se observar no referido texto o modo como o corpo da personagem principal María de la Luz Cervantes vai modificando-se ao entrar em contato com o espaço da clausura, da tortura, da insanidade e da degradação humana. A partir da descrição desse espaço, dos elementos que o compõem e dos acontecimentos ocorridos nele, o medo psicológico e o insólito se efetivam na narrativa de Márquez. A composição desse ambiente aponta ainda para o terrível estigma da loucura que conduz o indivíduo à perda de sua identidade, privando-o de sua liberdade e de sua autonomia, restando-lhe, apenas à adaptação ao novo lugar no qual está inserido, abrindo mão, portanto, de suas necessidades e de sua individualida-

de em nome exclusivamente da pura sobrevivência. O hospício pode ser visto no conto como lugar do desconhecido e do imprevisível, funcionando então, como importante propulsor para os medos, para as sensações perturbadoras e para o efeito de horror.

Débora Vieira Marques

UFF

Aspectos sobre a humanização do Diabo em Literatura Infantil

O presente trabalho tem por objetivo analisar, em Literatura Infantil, de que forma e em que aspectos se dá a amenização em relação a um personagem fundamental no que diz respeito às noções ocidentais de mal e medo: o Diabo. Para tanto, serão consideradas três obras da produção literária contemporânea: *Muito capeta*, de Ângela Lago, em que o reconto de narrativas folclóricas sobre o demônio garante um viés cômico ao personagem; *O gato e o diabo*, conto curto escrito por James Joyce há mais de 50 anos e relançado recentemente pela editora *Cosac Naify*, em que é representada uma faceta ingênua do diabo; *A diaba e sua filha*, de Marie NDiaye, em que uma figura feminina protagoniza um demônio desolado que ama maternalmente. Humanizado por narrativas que lhe tiram do óbvio papel de antagonista, o tinhoso passa a ocupar, assim, uma posição de equivalência em relação ao leitor, preparando o terreno para ser por ele desmitificado. Será também alvo de investigação a forma com que essa estratégia de humanização do Diabo se relaciona com a questão do maniqueísmo e da dicotomização presentes em tantas narrativas infantis que encontram no estereótipo uma forma de driblar o mal ficcional.

Diego de Queiroz Silva

UFRRJ

O insólito em Veronica Stigger

Este trabalho tem por objetivo analisar como se configura o insólito em Veronica Stigger. Com personagens que se distorcem performaticamente como em cenas de desenho animado, Veronica cria cenários, em sua maioria grotescos, que colocam o leitor em contato com uma escritura fantástica capaz de levá-lo ao reconhecimento do real por intermédio do estranho. Para isso faz parte desse projeto o conto "O cubículo" que também se inscreve nessa proposta que rompe com a narrativa tradicional e estabelece novos sentidos. Nessa construção, configuram-se mediações afetivas

em consonância com o cenário que, de certo modo, recria o trágico na contemporaneidade, ora visto por sua revitalização, como por suas possibilidades de compreensão acerca da criação de suas personagens que vivenciam condições aporéticas. As personagens presentes vivem situações de sobrevivência precárias onde tudo é escassez e caos em meio a acidentes e mutilações várias.

Edson Maria da Silva

UFU

Num abraço, desejo e morte enlaçados: uma leitura de Lygia Bojunga

Este trabalho analisa a questão do desejo e da morte no livro O Abraço, de Lygia Bojunga, considerando que entre esses dois aspectos figuram-se a inquietude, a angústia, a ansiedade e a melancolia. Após o estupro da personagem principal, paradoxalmente o medo de morte e o desejo sexual são despertados nela. Assim, pretende-se analisar como se dá a relação entre o desejo e a morte entrelaçados pelo medo, que marca o corpo da personagem como vivência sexual dramática e continuamente buscada. Também, compreende que em O abraço, o espaço do corpo e o da narrativa são afirmados como lugares sem fronteira, em que as imagens de invasão – estupro e ofício de escrita – são demarcados pela fantasia da personagem, narrador e leitor; não se olvidando da ideia de que o desejo possui uma familiaridade com o horror, naquilo que S. Freud denominou de o estranho familiar. Igualmente teremos como apoio teórico as obras de: David Roas (2011), Haward Philips Lovecraft (1973), Jorge Luis Borges (1985), Peter Hunt (2010) e Lygia Bojunga (1995). Portanto, O abraço, de Lygia Bojunga, pode ser lido sob o aspecto da articulação intrínseca entre desejo e morte, sob a égide da experiência do medo, vivida no corpo.

Edson Oliveira da Silva

UEFS/ UFBA

Literatura e representação na América Latina contemporânea

Levando-se em conta o conjunto de experiências antropológicas que determinam os encaminhamentos assumidos pelas diferentes linguagens estéticas, na atualidade, assim como a investigação e o reconhecimento das principais matizes culturais que fundamentam a história latino-americana e a noção de dialética da colonização, aplicada desde a chegada de Cristóvão Colombo, em 1492, até os dias de hoje. Este trabalho se propõe, pois, a discutir e problematizar o espaço ocupado pela literatura e a ideia de representação na América Latina contemporânea,

a partir das considerações de Jacques Derrida sobre o desconstrutivismo, bem como dos escritos de Michael Foucault sobre autoria e da discussão acerca do conceito de mirada estrábica proposta por Ricardo Piglia.

Eduarda Lamanes Gomes

UFU

Quem tem medo do deslimite?

O presente trabalho é um recorte do projeto "O fantástico e seus (des)limites: uma visão sobre o infinito e as metamorfoses nos contos de Murilo Rubião" que pretende analisar os efeitos de sentido sustentados pela presença da não limitação, possível nas construções do infinito e das metamorfoses que, de sua maneira, são representantes da impossibilidade da determinação, uma vez que, nem os corpos em questão, nem as metáforas por eles suscitadas se encerram em uma forma fixa. Em geral, o que intentamos para essa apresentação seria, com o objetivo de acrescentar ao tema deste evento, investigar como o medo contribui enquanto base das relações ficcionalizadas no conto "O pirotécnico Zacarias", texto que, por negar a característica mais racional e principal da morte, a finitude, desarranja o real ficcional, derramando, sobre esse universo, questões contundentes a respeito da quebra da expectativa e, mais que isso, questionando os elementos já conhecidos sobre vida e morte. Assim, pretende-se, mediante análise do conto, questionar o quê, em nossa leitura, é motor fundamental para o medo: Zacarias, enquanto representante da morte, em sua forma desconhecida, ou a desordem, pela mesma morte, causada. Para tal, além de teorias bases sobre a constitiução do Fantástico, recorreremos a Lovecraft (2007), em seus estudo sobre o medo.

Eduardo Reis Dourado

UEFS

O insólito e o medo em Terra Sonâmbula, de Mia Couto: representações da "antimodernidade"?

Este texto tem como finalidade analisar as representações do insólito nas narrativas (cadernos) de Kindzu e o medo configurado nas relações e conflitos sociais entre os membros da minoria colonizada de Moçambique. Do ponto metodológico, adotamos a abordagem qualitativa, selecionando o método dedutivo, até por se tratar de uma pesquisa bibliográfica. A base teórica que subsidiou a produção deste texto

foi composta por Compagnon (2012), Bauman (2007), García (2011), Santos (2005), Seidel (2001), Jameson (2005), Paviani (2004), Souza & Marques (2009). Os objetivos selecionados foram: a) analisar os conceitos de insólito e de medo a partir da leitura de Terra Sonâmbula, de Mia Couto; b) Categorizar as formas de representação do insólito e do medo tanto do ponto de vista político como do ponto de vista cultural; c) apontar as contradições da herança da colonização portuguesa em Moçambique através das análises do comportamento e do discurso dos sujeitos modernos.

Eduardo Reis Dourado

UEFS

Terra Sonâmbula, de Mia Couto: a (re)invenção do cotidiano no contexto pós-guerra

Este texto tem por finalidade analisar a representação do cotidiano do contexto pós-guerra a partir da (re)invenção imaginária articuladas com a paisagem e o sentimento de nacionalidade de uma ex-colônia portuguesa, Moçambique, a partir do romance Terra sonâmbula, de Mia Couto Dividimos o trabalho em: a) paisagem e identidade; b) nacionalismo e diversidade cultural; c) colonialismo e política. Do ponto de vista teórico utilizamos, como referencial, autores como Bhabha (1998), Hall (1998), Said (2001), Bauman (2005), Certeau (2009), Padilha (2002), Margato & Gomes (2005), Olinto & Schollhammer (2011), Santos (2008), entre outros. Do ponto de vista metodológico selecionamos o método indutivo, abordagem qualitativa e o procedimento de pesquisa bibliográfica. Os objetivos selecionados foram: a) reavaliar a figura estética nas produções literárias contemporâneas citadas; b) revisar os conceitos de sujeito nos contextos moderno, pós-moderno e contemporâneo a partir dos perfis das personagens; c) comparar os textos literários citados a partir da perspectiva do contemporâneo frente aos paradigmas da modernidade nos espaços ambiental e político do contexto pós-guerra. Como resultado obtido é perceptível a complexidade do processo de afirmação identitária e social nos espaços contemporâneos considerando a falta de condições de sobrevivência e da subalternidade nos territórios globalizados na África.

Elda Firmo Braga

UERJ

A invisibilidade e a metamorfose como manifestações do fantástico em "História de Garabombo, o invisível".

O escritor e jornalista peruano Manuel Scorza (1928-1983) produziu um ciclo de cinco romances nos anos 70 do século XX com o propósito de dar visibilidade à luta dos indígenas peruanos. O autor empregou diferentes estratégias para denunciar a exploração e os abusos sofridos pelas comunidades indígenas peruanas e para resgatar as lutas desse povo do esquecimento. Essas obras, por um lado, retratam a luta real dos índios pela preservação ou recuperação de terras coletivas e, por outro, estão repletas de fantasia que, em muitos momentos, é evidenciada pela utilização de recursos da literatura fantástica. O segundo livro desta pentalogia, "História de Garabombo, o invisível", tem como protagonista Garabombo, vítima de uma enfermidade inexplicável que o deixa invisível aos olhos da sociedade e daqueles que detém o poder. Outra personagem de destaque nesta narrativa é o Ladrão de Cavalos que possui o dom de conversar com os equinos e sofre um processo de metamorfose no momento em que evidencia o desejo de ter nascido e vivido como um cavalo ao invés de ter sido homem. Para tanto, nos referendamos em Todorov (2004), Domínguez (1995) e Barrenechea (1993) como apoio ao estudo que nos propomos a apresentar.

Eliane Debus

UFSC

Os re(contos) africanos pelas mãos de Celso Sisto: de medos e quebrantos

Contar, recontar eis uma tradição vinculada à oralidade que contemporaneamente ganha outros contornos e se solidifica na escrita. Dos contos celtas aos contos orientais que se espalharam por meio da escrita e introduziram gerações de crianças e jovens brasileiros na leitura, os (re)contos de narrativas oriundas do continente africano surgem com força total no início do século XXI, marcando os vínculos com a oralidade e (re)apresentando a cultura de um povo tão próximo e tão distante da cultura brasileira. Para essa comunicação optamos trazer à cena a leitura dos recontos de Celso Sisto nos livros *Mãe África* (Paulus, 2010) e *Acaçá de cada um*(Record, 2012) focalizando os aspectos vinculados aos ensinamentos por meio das lições e valores morais que perpassam esses contos em que o temor, o medo e o insólito constituem a força motriz da composição narrativa.

Élida Mara Alves Dantas

UFU

O profano e o macabro na ordinária rua dos crocodilos

O escritor polonês Bruno Schulz afirma em seu ensaio intitulado "Mitificação da realidade" que a literatura é uma forma de recriar mitos sobre o mundo. Segundo o autor, ao contrário do que quer o senso comum, a palavra antecede a realidade e cabe a ela explicar o mundo segundo uma ordem mitológica que reestabeleça o sentido original das coisas. No conto "A rua dos crocodilos", embora não desprovido de fascínio, o escritor polonês desmascara a realidade perversa e devassa do espaço e dos personagens que representam o processo de "prostituição" de uma cidade que se entregou em favor da modernidade prometida pela grande metrópole. Se "apropriando" dos elementos míticos das obras de Bruno Schulz, os cineastas Stephen Quay e Timothy Quay (os excêntricos irmãos Quay) adaptaram o referido conto num curta metragem homônimo de 21 minutos; uma produção cinematográfica que dá vida a marionetes e bonecos sombrios. Nesse sentido, o propósito deste estudo foi investigar o espetáculo construído pelos cineastas como uma representação da grande metáfora recorrente nas obras schulzianas: a matéria "morta" como um "simulacro que oculta formas desconhecidas de vida"; a degradação da realidade que se deforma e se metamorfoseia.

Eloísa Porto Corrêa

UERJ/USS

As Arquiteturas do Medo em A Morte do Palhaço e O Mistério da Árvore de Raul Brandão

O presente artigo tem por objetivo analisar algumas representações do medo nas narrativas curtas *A Morte do Palhaço e O Mistério da Árvore* do escritor finissecular Raul Brandão. Para cumprirmos tal tarefa, primeiramente abordaremos concepções sobre o medo no universo ficcional, a partir de estudos como os de Júlio França (2011) e Felipe Furtado (1980). Em seguida, analisaremos os sinais do medo nos comportamentos de personagens das narrativas curtas, bem como os elementos das paisagens ou ambientes que desencadeiam tais reações de medo. Além disso, procuraremos estudar os arquitetos e as arquiteturas desses medos, suas vítimas e circunstâncias, ou seja, os envolvidos na situação assustadora, planejando ou sofrendo os medos, bem como causas, consequências, lugares, tempo, modo, instrumentos..., envolvidos na situação de medo.

Eric Iglesias Coutinho

UERJ

Entre o incerto e o preciso: Uma leitura do castigo em "A Biblioteca de Babel"

"A Biblioteca de Babel" de Jorge Luís Borges é um conto enigmático, desenvolvido em torno das dúvidas, incertezas e do medo de um misterioso narrador à beira da morte, que vaga em busca de uma resposta para uma pergunta que desconhece. O narrador andarilha por um universo disparatado, constituído de grupos de trinta e dois livros de quatrocentos e vinte páginas, cada página com quarenta linhas, cada linha com umas oitenta letras, setores bibliográficos organizados em grupos de cinco estantes dispostas entre as infinitas galerias hexagonais. A calculabilidade e a arquitetônica do espaço fazem a resistência a um cosmos em vias de implodir. Entre a exatidão dos números e a imensurável grandeza das palavras, vasculharemos os confins da Biblioteca insólita, encarando, à luz das teorias narratológicas de Walter Benjamin e de Umberto Eco, o pior castigo de Deus: a linguagem babélica.

Fabiana Tavares do Nascimento Keller

UERJ

O aprendiz de feiticeiro – O medo e a magia através dos tempos. De Goethe a Dukas, de Disney a Bruckheimer.

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre as práticas ocultistas e suas consequências tomando como exemplo o A*prendiz de Feiticeiro* de Goethe. O feiticeiro não é um prestidigitador, sabe lidar com o sobrenatural, com as crendices e medo alheio. Assim é *O aprendiz de feiticeiro* de Goethe que, como por encanto, incendiou a imaginação de algumas das mentes mais criativas da história, servindo de inspiração para sinfonias e filmes. Escrito em 1797, o poema é narrado pelo próprio aprendiz, que ao se ver sozinho com os objetos mágicos do feiticeiro, decide demonstrar de forma arrogante sua própria magia. Em 1897, foi adaptado para uma obra sinfônica intitulada *L'apprenti sorcier*, do compositor francês Paul Dukas. Quarenta e três anos mais tarde, Walt Disney criou uma versão animada da sinfonia, no papel principal, Mickey Mouse. O poema também inspirou o produtor Jerry Bruckheimer e a escritora J. K. Rolling. Já na antiguidade algumas pessoas diziam possuir poderes mágicos e os utilizava para fazer tanto o bem quanto o mal. Em todas as culturas há relatos de práticas de ocultismo e, na Idade Média, muitos foram condenados à morte por suspeita de praticar bruxaria. O tema é, de fato, instigante e intrigante.

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro
UFG

O monstro humano, os irracionais e o indivíduo a corrigir: o espaço como oposição ao racionalismo em Ray Bradbury e José J. Veiga

Emblemáticos no sentido de representarem o mal ou o castigo divino que acometeria os cristãos que não seguissem os preceitos da Igreja Católica, os anormais ou homens-bestas da Idade Média traziam as marcas de uma religião que excluía, torturava e queimava infiéis que desestabilizassem a ordem cristã. Na contemporaneidade outros sistemas acomodam nossas ações e pensamentos não mais de acordo com os preceitos religiosos, porém preceitos do sistema dominante, que é o capitalista. Muito embora o consumo desenfreado de bens materiais norteie o sistema capitalista, há outras condutas que classificam os que fazem parte e os excluídos desse sistema. Portanto, os monstros da Idade Média, os incorrigíveis e enclausurados em penitenciárias ou casas psiquiátricas, enfim, todos que perturbavam a ordem do sistema que regia suas sociedades aparecem, na contemporaneidade, infringindo normas que vão desde o não consumo, passando pela língua, cultura e tantas outras formas de exclusão. Essas pessoas tidas como "anormais" ou "irracionais" aparecem na literatura em duas vertentes do modo fantástico cuja abordagem da alteridade contesta as aparentes diferenças entre elas. Neste sentido, este trabalho visa demonstrar como a Ficção Científica de Ray Bradbury e o Realismo Mágico de José J. Veiga pontuam atitudes que vão de encontro à ordem estabelecida por um determinado sistema ou espaço, conforme será analisado.

Fabio Marchon Coube
UNILAGOS

Sobre uma viagem ao inóspito: O espectro como alteridade e acolhimento a partir do conto O voo da madrugada de Sérgio Sant'anna

O objetivo desse texto é desenvolver as relações de alteridade e acolhimento a partir da experiência hiper-real entrelaçada em uma narrativa que ultrapassa o limiar entre morte e vida. O ato de viajar, partir para outro lugar, pressupõe vivenciar a experiência de algo que ainda não foi visto, mas também daquilo que, mesmo visto, ganha forma de uma experiência inenarrável ou indizível. Os sentidos aguçados em torno do conhecimento formado por uma vida inteira são postos em xeque a partir do solapamento provocado pela experiência inóspita que desloca a relação vida/morte até a *sobrevida*. A narrativa de Sérgio

Sant'anna nos desloca para a situação-limite de con-vivência com a espectralidade no conto *O voo da madrugada*, onde a morte se põe para além das fronteiras do real. A vinda do espectro a partir de uma cena fúnebre pode ser a única realidade possível enquanto representação do outro, que chega para quem for, seja como for, tal como o filósofo Jacques Derrida desenvolve em *Espectros de Marx*. O inenarrável encontro com o espectro alucina e aguça o desejo no conto de Sant'anna como uma pulsão ficcional em busca do acolhimento do outro que habita além do acontecimento nomeado como real.

Fatima Lucia Gomes de Barros

UERJ

O fantástico nos narradores-personagens de além-túmulo: Machado de Assis, Carlos Fuentes e Gabriel Gracía Márquez

A modernidade presente na obra de Machado de Assis remete, segundo Carlos Fuentes, à tradição cervantina assim como constitui suficiente argumento para considerá-lo um precursor do realismo mágico hispano-americano (CARPENTIER, 1949) que se desenvolveu no século seguinte à sua morte. O objetivo do presente trabalho é apresentar uma análise comparativa do autor-defunto de Machado de Assis, Brás Cubas, e dos narradores-personagens que voltam do túmulo para contar suas histórias nos contos "Alguien desordena esas rosas", de Gabriel García Márquez, e "Las dos orillas", de Carlos Fuentes, relacionando o fantástico nas literaturas brasileira e hispano-americana com o contexto histórico e social de seus respectivos países.

Fernanda Aquino Sylvestre

UFU

Culpa e medo: uma leitura do conto "The Minister's Black Veil", de Nathaniel Hawthorne.

O conto "The Minister's Black Veil", de Nathaniel Hawthorne, foi publicado em 1836, quando a América ainda buscava sua identidade e tentava se desvencilhar da identidade inglesa. Na época muitos medos povoavam o imaginário da população americana, como o pecado, o medo da guerra e do desconhecido. Hawthorne, descendente de uma família Puritana, aborda em suas obras a relação entre a religião, o medo e o pecado. O autor conheceu bem o significado da intolerância dos Puritanos que culminou em fatos como a perseguição aos Quakers e o cruel episódio do julgamento e da execução das

"bruxas de Salem". Impregnado pelas ideias religiosas de seus ancestrais, Hawthorne associa, no conto "The Minister's Black Veil", a "escuridão da alma" ao Calvinismo. Tendo em vista a questão religiosa, o objetivo desse trabalho é mostrar como a religião pode gerar medo e condenar pessoas, como o Reverendo Hooper, protagonista do conto, a uma existência solitária, alienada e repleta de culpa.

Fernanda Pina dos Reis Faccin

UFU

A face do medo no conto "O bebê de tarlatana rosa", de João do Rio

O medo segundo Lovecraft é "A emoção mais forte e mais antiga do homem (...) e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido" (1973, p.1) sendo assim, no conto "O bebê de tarlatana rosa" de João do Rio o medo comparece na face de suas personagens envoltas numa atmosfera lúgubre e fustigada pela "madrugada de cinzas" do carnaval carioca. As máscaras encobrem as verdades ordinárias dos indivíduos que tendem a aparecer apenas na quarta-feira de cinzas quando as mesmas são deixadas de lado. Igualmente o desconhecido prazeroso se mostra o oposto do que então se apresentara se tornando horroroso. Sendo assim, a proposta desse trabalho é identificar o medo que envolve as personagens diante da descoberta das faces por debaixo das máscaras.

Fernanda Sousa Carvalho

UFMG

O medo como prazer estético em The Vampire Lestat, de Anne Rice, e "The Company of Wolves", de Angela Carter.

Dentre os monstros mais famosos das estórias que compõem o folclore, a literatura e o cinema de várias culturas e gerações, vampiros e lobisomens sempre tiveram destaque por sua capacidade de incitar ao mesmo tempo medo e fascínio. Se por um lado a imortalidade, os poderes sobre-humanos, a sexualidade exacerbada e a liberdade de transgredir normas sociais são desejáveis, o risco de contaminação morte e a impossibilidade de viver dentro da sociedade humana são temíveis. Nesse sentido, o potencial de produção de prazer estético de estórias de vampiros e lobisomens se mostra particularmente intenso. Este trabalho busca investigar tal potencial através da análise do romance *The Vampire Lestat* , de Anne Rice, e do conto "The Company of Wolves", de Angela Carter. Ambas as estórias exploram a abjeção de vampiros e lobisomens, respectivamente,

para representar e exorcizar os medos que assolavam a humanidade nos anos 1970 e 1980, a saber, a repressão sexual e as consequências da transgressão das normas que a caracterizavam, principalmente a contaminação pelo vírus da AIDS. Argumenta-se, então, que é justamente no modo como se dão essa representação e esse exorcismo que reside o prazer estético do medo nas obras em questão.

Fernando Monteiro de Barros

UERJ

Ressonâncias do Gótico na poesia parnasiana brasileira

A poesia parnasiana no Brasil, com seu descritivismo do marmóreo e ideal de objetividade e impassibilidade, muitas vezes versou sobre temas românticos e apresentou nuances simbolistas, dentro do ecletismo estilístico que foi a marca de nossa belle époque. A literatura gótica floresceu em pleno século das luzes como uma alternativa estética ao culto da razão iluminista, avultando como fantasma da tradição no cenário industrial e burguês da modernidade. Dentro desta clave, a partir das considerações de Mario Praz sobre o romantismo negro e suas reverberações no decadentismo finissecular, focalizamos a presença de elementos do imaginário gótico, em sua relação com o terror, o sublime e o grotesco, na poesia de parnasianos como Alberto de Oliveira e Victor Silva.

Francisco de Souza Gonçalves

UERJ

"Á muller bailar e ó burro ornear, o diaño debeullo ensiñar": uma breve leitura comparada do papel da bruxa nas paragens literárias do fantástico

Uma mulher má, horrenda, com maléficos poderes sobrenaturais: aquela de quem se deve ter medo. Esta é a imagem que se teve da bruxa por boa parte do século XX, consagrada pela *Disney* e pelo vasto repertório narrativo da literatura infanto-juvenil coetânea, donde emergia como a maior e mais implacável antagonista. Imagem, esta, trazida diretamente ao nosso imaginário pelo "recontar" dos contos provindos do Romantismo europeu, coletados, por sua vez, do repertório narrativo popular medieval. Mas o que caracterizaria estes "tão humanos entes sobrenaturais"? O que construiria uma bruxa dentro da narrativa literária fantástica? Providos do desejo de aclarar um pouco mais as supra-expostas questões, propomos descrever, brevemente, este tão corriqueiro, todavia indistinto, *topos* da literatura. Buscamos analisar a "fisiologia" desta per-

sonagem já velha conhecida do fantástico, (re)lendo e intentando traçar um denominador comum, uma "anatomia" desta que, por tanto tempo, gerou medo, mas, concomitantemente, fascínio nos leitores/ ouvintes. Para tanto, é preciso delimitar que, no presente estudo, para ilustrarmos nossas colocações, lançaremos mão de uma narrativa provinda da Idade Média europeia e de outra, produzida na América do Norte, no século XX, a saber: *A Demanda do Santo Graal* romance anônimo do século XIII e *As bruxas de Eastwick*, de John Updike. Visamos a comparar diferentes elementos entre ambas e para nos aprofundar no tema da bruxaria, usaremos como referencial teórico um dos mais importantes manuais inquisitoriais já escritos, o *Malleus Malleficarum*, do século XV, de Heinrich Kraemer e James Sprenger.

Francisco Thiago Camêlo

PUC-Rio

Cores de vida e de morte: infância e violência em "O meu amigo pintor", de Lygia Bojunga

Este trabalho investiga a representação da violência para crianças na obra "O meu amigo pintor", de Lygia Bojunga. No livro, o narrador Cláudio, um menino por volta de 9 anos, ativa recordações fragmentadas, nem sempre articuladas, a fim de entender os motivos que levaram ao suicídio o Amigo Pintor – expressão grafada com iniciais maiúsculas para enfatizar a importância do personagem na constituição subjetiva do narrador. Busca-se avaliar a força estética de um tema delicado como o suicídio em narrativas infantis bem como os recursos utilizados por Bojunga para narrá-lo às crianças. A hipótese norteadora do trabalho é a de que nesta obra os personagens adultos veem a infância como uma fase idílica na qual o trágico deve inexistir, enquanto a criança busca o confronto com temas delicados e árduos para entender a complexidade da vida e da morte.

Gabriel Cid de Garcia

UNIRIO

O horror e a desnaturalização da forma: uma cartografia da dinâmica dos corpos

Desde a aurora da tradição metafísica, a ênfase no caráter totalizante do intelecto relegou o corpo à sombra da razão, subtraído de seus fluxos e afastado dos elementos associados ao devir e à corruptibilidade. Na primeira metade do século XX, artistas e pensadores ligados ao surrealismo alertaram para o problema do

antropomorfismo e promoveram uma revisão da racionalidade ocidental, estabelecendo bases para os esforços de radicalização das expressões artísticas contemporâneas e suas investidas sobre o corpo. Tributária do movimento das forças que a constitui, a forma – sobretudo a humana, ao mesmo tempo idealizada e circunscrita aos limites do corpo – é problematizada de forma mais intensa quando apresentada em seu momento de ruína ou destruição. Abordaremos a noção batailleana do informe e a hierarquia dos devires elaborada por Deleuze e Guattari, com o intuito de traçar uma cartografia da dinâmica dos corpos associada às expressões do horror na produção artística contemporânea. Neste sentido, entrevê-se uma continuidade entre o cinema, as artes plásticas e a literatura, a partir da tensão entre a forma e as forças no corpo, cujo efeito é a dissolução de sua estabilidade através do apelo ao devir, ao caos e à intensificação da experiência.

Gabriela Semensato Ferreira

UFRGS

A arte de narrar o medo, uma releitura do fantástico.

"A arte imita a guerra", declara um estudo recente acerca de As Crônicas de Gelo e Fogo, do escritor norte-americano George R. R. Martin. Myke Cole assim analisa o transtorno de estresse pós-traumático cuja representação identifica na série. Comentários similares também foram feitos sobre outro romance fantástico muito conhecido: O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien. Em cada caso, o medo inscrito nessas narrativas é estreitamente conectado, pelos críticos, à experiência da guerra. Tolkien teria sido um soldado e descrito, através de Frodo, as cicatrizes que se carrega depois da batalha. Martin, talvez como observador dos confrontos políticos atuais, procura traduzir, de forma muito "realista", o que esse tipo de trauma pode causar no indivíduo. Será suficiente, no entanto, ler o medo nessas obras através de traumas descritos fora delas, em livros de história ou psicologia? Já em 1969, em O Narrador, Walter Benjamin afirma a perda da capacidade de "trocarmos pela palavra experiências vividas". Este trabalho, portanto, tem como objetivo fazer a releitura dos romances citados à luz da teoria literária, reconectando a experiência do medo neles recriada à própria experiência literária de narrar.

Gisele Reinaldo da Silva

UFRJ

Sigmund Freud e Julio Cortázar: encontros insólitos entre a psicanálise e a literatura

Este trabalho reflete sobre o jogo do duplo na psicanálise e na arte, tendo a obra de Julio Cortázar como um mecanismo estético de *passagem*, de acesso lúcido e lúdico ao duplo humano, na tentativa de encontro do sujeito consigo mesmo. Se é a partir do século XIX que o tema literário do duplo aparece com insistência particular (Hoffmann, Chamisso, Poe, Maupassant e Dostoiévski são alguns de seus ilustradores), sua origem é evidentemente mais antiga, no sentido de desdobramento de personalidade. É enquanto desdobramento do ser, que utilizaremos as reflexões salientadas por Kon (1996), quando defende que a obra freudiana, para além de uma experimentação estritamente científica, construtora da psicanálise, é também uma criação artística. Freud ao escrever uma carta a seu amigo Schnitzler definindo-o como seu duplo acaba por denunciar seu conflito interno entre a ciência e a arte, premissa da qual partiremos ao longo deste estudo. Acrescentaremos, por fim, as contribuições do filósofo contemporâneo francês Clément Rosset (2008), no tocante ao real e seu duplo, como finalização de nossa reflexão.

Guilherme Copati

UFSJ

Rebecca: um limiar do gótico na contemporaneidade

Rebecca, de Daphne du Maurier, é, ainda hoje, mais de setenta anos após sua primeira publicação, um romance popular, como provam as constantes reimpressões da obra, suas adaptações para cinema, TV e teatro, as sequências narrativas escritas em sua homenagem ao longo dos séculos XX e XXI, e as alusões feitas ao romance e a seus personagens em canções, filmes, contos, e outras formas de expressão artística. Parte do sucesso duradouro do romance, bem como seu impacto na cultura popular, pode ser atribuída à exploração de elementos do gênero gótico direcionados à abordagem de conflitos sobre a inserção da mulher na sociedade, bem como a prenúncios de uma identidade fragmentada e multifacetada, preocupações características da pós-modernidade. Mostrando-se consciente das convenções góticas, ao passo que antecipa reflexões subsequentes acerca de uma problemática do feminismo, do sujeito e da identidade, *Rebecca* é uma narrativa que permanece no imaginário popular, no centro de uma rede de referências típica do

gótico contemporâneo. A esse respeito, proporemos tanto uma análise no sentido de compreender como o romance opera para atualizar os elementos do gótico, quanto, sempre que possível, uma reflexão sobre a presença de seus personagens misteriosos e elementos sombrios no imaginário da contemporaneidade.

Gustavo Augusto Abreu Clevelares

UERJ

O satanismo em Baudelaire e Maranhão Sobrinho

A poesia brasileira, no final do século XIX e início do século XX – período compreendido como fin-de-siècle e belle époque – é marcado pela concomitância de estilos, sendo todos eles inspirados na obra de Charles Baudelaire (1821 – 1867). Este estudo objetiva realizar a apresentação do artista Maranhão Sobrinho (1879 – 1815), poeta marcado pelo satanismo, pelo tom escandalizador e pela temática malsã. Será realizada uma análise comparativa entre os poemas "Satã", de Maranhão Sobrinho, e "As litanias de Satã", de Charles Baudelaire. A partir das apostas estruturais e temáticas iniciadas em As Flores do Mal (1857), no poema de Maranhão Sobrinho vemos o reflexo baudelairiano de afirmar a poesia como atividade intelectual, onde os signos herméticos e a temática transgressora figuram juntos. Maranhão Sobrinho, mesmo permanecendo no rol de escritores cujo reconhecimento em vida não foi alcançado, fez uma contribuição estimável à estética literária do Decadentismo que se espraia ao longo da belle-époque brasileira, cabendo a esta pesquisa contribuir para a sua retirada do lúgubre abismo literário no qual o acaso o colocou.

Gustavo Fujarra Carmona

UERJ

(Des) construção do "eu" na poética de Clarice Lispector: um estudo sobre A paixão segundo G.H.

Nosso estudo objetiva analisar como se dá a (des) construção da identidade no romance *A Paixão Segundo G.H.* de Clarice Lispector, diante da crise dos valores e da linguagem, criada a partir da noção de alteridade advinda do encontro entre o Eu e o Outro (abjeto). Para tanto, buscaremos apoio nos apontamentos de Julia Kristeva, Lacan e de Freud a respeito da condição de "estrangeiro" em relação ao mundo que cerca o homem. Objetivamos, deste modo, expor a forma como Clarice Lispector articula, na multiplicidade de sua narrativa, o encontro entre esferas distintas, permitindo assim a subjetivação e renovação do passado e a criação de novos sig-

nos, que neutralizam e implodem a noção logicista e atomicista do "eu", assim como as noções de verdade, de significados e valores, por vezes, cristalizados pelo pensamento racional.

Hugo Lenes Menezes

USP

O imaginário popular europeu, indígena e afro-brasileiro em composições fantásticas de Bernardo Guimarães

O conto de fada, ou conto folclórico, com os seus elementos fantásticos, ou seja, aqueles não explicados pela lógica da nossa realidade, a exemplo dos encantamentos e bruxedos, surgiu da dessacralização do mito, a mais antiga modalidade narrativa. Por isso, toda ficção verbal é tributária de tais relatos ancestrais. Lembremos que, simultaneamente ao conto de fadas, o romance ocupou o cerne do ideário romântico, com o qual alcançou o *status* de forma literária. Podemos comprovar a relevância das histórias folclóricas para o referido movimento através da escolha da publicação, em 1797, dos *Contos de fadas populares*, coletânea de Ludwing Tieck, como marco inicial do Romantismo alemão. A partir desse último, afirma Ítalo Calvino em *O conto fantástico no século XIX*, dá-se a ascensão da literatura fantástica, cujo maior expoente se encontraria em Hoffmann, sendo difícil um romântico não apresentar uma única produção contendo o insólito e o fantasmagórico. Assim sendo, nesta comunicação, objetivamos enfocar elementos do imaginário popular europeu, indígena e afro-brasileiro nos contos fantásticos "A garganta do inferno" e "A dança dos ossos", integrantes da obra *Lendas e romances* (1871), bem como no poema narrativo "A orgia dos duendes", do volume *Poesias* (1865), todos do romântico brasileiro Bernardo Guimarães.

Jaciane Martins Ferreira

UFU

A experiência da morte e a inscrição do sujeito na era do biopoder em estar sendo/ter sido, de Hilda Hilst

Em Estar sendo/Ter sido, de Hilda Hilst, o personagem Vittorio, um senhor de 65 anos, começa a se preparar para a morte. Ele conclui não ter muito para fazer na vida além de passar por essa experiência. Percebemos que há uma leitura de si feita por Vittorio, levando-nos a pensar no fato de ele estabelecer-se em um entrelugar que não é mais vida e, ao mesmo tempo, não é morte. Esse exercício de (re)fazer-se a partir de um olhar para si leva o sujeito a gozar de uma dada liberdade, o que configuraria como um governo de si (FOUCAULT,

2007). Para Llopis (1985), a experiência da morte algo que está dentro de todos nós, mas continua sendo reprimida em vez de vivida. Se cada um vivesse sua experiência de morte, poderia encontrar-se consigo mesmo ou encontrar o seu próprio oculto. Assim, nesse trabalho, pretendemos refletir sobre a temática morte, no sentido de vislumbrar a trajetória que o sujeito discursivo inscrito na obra hilstiana produz a partir daquilo que mencionaremos de um processo bio-histórico, pois acreditamos que escrever-se a si se configura em uma rede em que o biopoder regulamenta as posições do sujeito, produzindo não somente história, mas uma bio-história.

Janaina de Jesus Santos

UNESP

Ideologia: sujeito, corpo e horror no cinema brasileiro

Este estudo discute como a materialidade fílmica produz subjetividades no filme *Ideologia* (Mojica, Brasil, 1968). Para tanto, investigamos o processo de subjetivação no encadeamento de elementos que constituem horror na narrativa fílmica e compreendemos o funcionamento discursivo da materialidade fílmica, mais especificamente do campo e fora de campo das cenas selecionadas. Inicialmente, fizemos a descrição dos campos de recortes selecionados do filme, identificando a dinâmica campo e fora de campo e os sentidos produzidos. Depois, analisamos como o encadeamento de enunciados na materialidade fílmica produz o sujeito Oãxiac Odez, em relação com a visibilidade do horror. *Ideologia* mostra os bastidores da entrevista do professor Oãxiac num programa de TV, onde apresenta teorias sobre a prevalência do instinto em detrimento da razão humana e convida um dos debatedores para ver provas de suas afirmações. Na casa do professor, o repórter e sua noiva são lançados em uma câmara de horrores: cenas de violência, sadomasoquismo, canibalismo etc. Nossas considerações apontam para o processo de constituição do sujeito personagem professor Oãxiac Odez por meio do encadeamento de estratégias cinematográficas e de elementos de horror que mostram/escondem/evidenciam o horror no corpo como funcionamento discursivo.

Janete da Silva Oliveira
UERJ

O perigo mora ao lado: a arquitetura do medo no romance policial de Kanae Minato

Quando se fala em medo, a imagem que naturalmente vem de em termos de produto cultural é a da literatura de horror, de um contato com o sobrenatural, algo que foge da compreensão do ser humano, o insólito. No entanto, as texturas narrativas se entrecruzam nos gêneros, transpassando os limites da literatura fantástica e aparecendo em outros tipos de textos, no caso deste trabalho, do romance policial. A narrativa japonesa literária bem com a cinematográfica apresenta uma permeabilidade entre o mundo natural e sobrenatural, pois eles não se opõem, ao contrário coexistem. A estratégia é insinuar a quebra de um contrato de coexistência pacífica, no entanto, a autora Kanae Minato em seus romances policiais utiliza-se não do mundo sobrenatural para criar a atmosfera de medo ao redor dos personagens, mas elementos da convivência diária que em algum momento quebram também um contrato de coexistência social pacífica causando a narrativa de temor. A proposta desta comunicação é mostrar que o trabalho da autora japonesa apresenta uma nova configuração da arquitetura do medo que utilizando-se do imaginário japonês de um mundo sobrenatural paralelo, apropria-se de estratégias narrativas que contemporanizam este elemento com o cotidiano dos personagens.

Jaqueline Nunes da Fonseca Cosendey
INES

O medo em "Onde andam os didangos?", de José J. Veiga

O conto "Onde andam os didangos?", de José J. Veiga, apresenta as fantasias e medos de um menino que, vivendo em um rancho, lida com bichos conhecidos e inventados. Assim, cria o "didango", animal que ele jamais havia visto, mas que sabia rondar o rancho durante a noite. Certo dia, surge Venâncio, um rapaz jovem e abatido, que se junta à família, enquanto a vida segue tranquila. No entanto, a chegada de mais um personagem faz com o mundo real se torne mais assustador. Todorov, em seu *Introdução à literatura fantástica* (1992), ao realizar a análise do insólito em alguns romances, teceu alguns comentários sobre as narrativas de um modo geral. Segundo ele, toda narrativa comporta um esquema em que é descrito um estado de equilíbrio/desequilíbrio ou a passagem de um ao outro. No caso do conto, o mundo fantástico criado pelo menino é confrontado pela violência do mundo real, e o medo do desconhecido se torna mais confortável que aquele gerado pela dureza da realidade.

Jéssica Cristine Fernandes Mendes

UFG

O medo refletido nos olhos de botões e o gótico através da porta em Coraline

A casa é "lugar" substancial nas narrativas góticas, e é no seio familiar que se cria os primeiros contatos com este "lugar", conhecemos o mundo através da percepção corporal da localidade em que estamos inseridos para então partirmos para o "espaço" geral. O lugar liga o corpo ao espaço e está repleto de informações culturais e características psicológicas do personagem. O mundo alternativo em Coraline (2002), do escritor inglês Neil Gaiman é confinado em uma versão sublime de sua verdadeira casa e transcende seus limites através de uma pequena porta, que, quando destrancada pela personagem se torna a fronteira entre sua verdadeira casa a uma versão estranha de sua realidade. Dentro deste cenário, este artigo vinculado ao projeto de iniciação científica PIBIC de título "Além da toca do coelho: a subversão da literatura infantil finissecular em Alice no país das maravilhas e Coraline", pretende analisar, como a estética gótica subverte as fronteiras com a fantasia a partir do uso de elementos abjetos e grotescos na construção de um espaço que, se em um primeiro momento aparenta ser utópico, gradualmente desperta o medo na protagonista, levando-a a buscar a fuga do mesmo.

João Gabriel Lima

UFRJ

Horror e Paideia

O horror tem uma função na formação do homem. Se assim não fosse, estaria ausente nos mitos gregos e romanos, nos *fabliaux* medievais e nas lendas contadas ainda hoje nas áreas rurais. Mas qual é, afinal, a função do horror? Além de incitar o homem a seguir a ética de sua cultura, o horror mostra ao homem o seu limite, a sua impotência frente a algo que o excede. Hoje, a situação é outra. Desde que a ciência substituiu os mitos e lendas como narrativa-mestra para a vida, o horror foi demitido de sua função ética para se tornar ou uma diversão sensível (o filme *Atividade paranormal* seria um ótimo exemplo) ou então uma versão diluída (especialmente nas animações, como *Monstros S. A*). É verdade que o horror é um elemento coercitivo. Mas o efeito do horror, antes, tão válido para a formação do homem, passou a ser desprezado ou mesmo perseguido pelo discurso psicologista. Qual pai, hoje, assustaria o filho com uma história horrível (porém, educativa) sem se sentir culpado de estar provocando uma grave injúria psicológica? É precisamente sobre o *bom uso* do horror na formação do homem que dissertaremos no trabalho, utilizando como base teórica os teóricos Sigmund Freud, Noël Caroll e Nina Auerbach.

João Olinto Trindade Junior
UFRJ/UERJ

Entre o eu e os outros: por uma insólita leitura do medo em Vinte e Zinco, de Mia Couto

As narrativas contemporâneas - em especial, as que se inserem na categoria do Fantástico - promovem, ao longo de sua construção, um constante processo de negociação entre o *eu* e o *outro*, já que, quando confrontado por eventos insólitos, em espaços de lógica animista e contra-hegemônica, o homem moderno se dá conta de sua vulnerabilidade, tendo o medo como reação primária frente ao desconhecido. É na Contemporaneidade que, diante de mudanças e desconstruções, o homem é confrontado diariamente com os medos produzidos por uma modernidade líquida, de maneira que eventos ditos normais têm a capacidade de resgatar um sentimento de angústia e desespero ditos sobrenaturais. Em *Vinte e Zinco*, Mia Couto explora as manifestações do confronto entre o *eu* e o *outro*, em uma espaciotemporalidade onde a lógica transita entre o sólito e o insólito, de forma híbrida, e eventos ditos comuns têm a capacidade de resgatar um terror tão grande quanto se fossem sobrenaturais, fazendo eclodir temores que o homem cartesiano descobre ser incapaz de superar. A relação supremacia/submissão orquestrada no espaço moçambicano – e, mais especificamente, nos derradeiros momentos da ditadura salazarista – se por um lado é um exemplo do tipo de situação que causa ansiedade nos que abusam do poder em uma terra que não lhes é de origem, por outro é resgatada no texto na forma de "terrores imaginários e obsessões dementes" (2004, p. 11). O escritor, assim, constrói paulatinamente, via categorias narrativas, uma história onde o medo pode ser não apenas construído, mas aproveitado como prazer estético ao longo da narrativa miacoutiana.

José Carlos de Lima Neto
UERJ

"Á muller bailar e ó burro ornear, o diaño debeullo ensiñar": uma breve leitura comparada do papel da bruxa nas paragens literárias do fantástico

Uma mulher má, horrenda, com maléficos poderes sobrenaturais: aquela de quem se deve ter medo. Esta é a imagem que se teve da bruxa por boa parte do século XX, consagrada pela *Disney* e pelo vasto repertório narrativo da literatura infanto-juvenil coetânea, donde emergia como a maior e mais implacável antagonista. Imagem, esta, trazida diretamente ao nosso imaginário pelo "recontar" dos contos

provindos do Romantismo europeu, coletados, por sua vez, do repertório narrativo popular medieval. Mas o que caracterizaria estes "tão humanos entes sobrenaturais"? O que construiria uma bruxa dentro da narrativa literária fantástica? Providos do desejo de aclarar um pouco mais as supra-expostas questões, propomos descrever, brevemente, este tão corriqueiro, todavia indistinto, *topos* da literatura. Buscamos analisar a "fisiologia" desta personagem já velha conhecida do fantástico, (re)lendo e intentando traçar um denominador comum, uma "anatomia" desta que, por tanto tempo, gerou medo, mas, concomitantemente, fascínio nos leitores/ ouvintes. Para tanto, é preciso delimitar que, no presente estudo, para ilustrarmos nossas colocações, lançaremos mão de uma narrativa provinda da Idade Média européia e de outra, produzida na América do Norte, no século XX, a saber: *A Demanda do Santo Graal* romance anônimo do século XIII e *As bruxas de Eastwick*, de John Updike. Visamos a comparar diferentes elementos entre ambas e, para nos aprofundar no tema da bruxaria, usaremos como referencial teórico um dos mais importantes manuais inquisitoriais já escritos, o *Malleus Malleficarum*, do século XV, de Heinrich Kraemer e James Sprenger.

Joyce Conceição Gimenes Romero

UNESP

Aspectos do fantástico nos contos de Rubén Darío: Intersecções e divergências em "D.Q." e "El caso de la señorita Amelia"

O presente trabalho perfaz-se na construção de uma reflexão acerca da realização do fantástico nos contos "D.Q." (1894) e " El caso de la señorita Amelia" (1899) de Rubén Darío, objetivando a explanação das possíveis relações entre estes dois contos e destes, em relação à perspectiva do fantástico enquanto gênero. A obra em prosa de Rubén Darío encontra-se permeada de fenômenos maravilhosos e fantásticos, sendo esta uma dimensão basilar de sua poética e realizando-se através dos mais diversos temas pertinentes ao gênero. Há, porém aqui a delimitação de um corpus específico, sendo que a escolha dos citados contos baseia-se, sobretudo no fato de ambos serem excelentes modelos de singularidade na práxis do fantástico, servindo-nos, aliás, de modelo enquanto constituintes de uma topologia axiológica e expressiva comum ao discurso ficcional de Darío bem como à produção literária hispano-americana e fantástica em geral. Esboçaremos enfim, uma análise comparativa constante entre

as duas obras a qual terá por objetivo principal definir as características integrantes que fazem de "D.Q" um conto que se diferencia dos moldes do fantástico que configuram não só "El caso de la señorita Amelia", mas a maior parte dos contos de Darío

Karina Luiza de Freitas Assunção

UFU

O espaço e a constituição do "medo" em O ensaio sobre a cegueira de José Saramago

Não existe emoção mais forte e antiga inerente ao sujeito que o medo do desconhecido. O medo assombra a todos, independente da idade e gênero. O medo margeia a constituição dos sujeitos e se faz também presente na literatura, fato esse que de acordo com Bleiler (1973) é muito criticado, pois segundo ele, muitos críticos fundamentados no caráter didático de motivação do leitor da literatura, desconsideram-no como algo positivo para a tessitura do texto literário. Assim, embalados pelo medo, bem como pela contribuição dos espaços para a sua instauração e da análise do discurso de linha francesa que considera o sujeito descentrado, clivado e heterogêneo, o objetivo da presente apresentação será tecer uma discussão acerca de como o espaço do "manicômio desocupado" contribui para a instauração do "medo" nos personagens do romance O ensaio sobre a cegueira (2008) de José Saramago. Buscaremos em nossa análise atentarmos para os enunciados que emergem nos discursos dos sujeitos envolvidos que ajudam a vislumbrar como o espaço do "manicômio desculpado" transforma-se em um espaço instável e que causa nesses sujeitos verdadeiro pavor das situações vivenciadas.

Karla Duarte Carvalho

Crianças à venda. Tratar aqui.

Nosso artigo se propõe a discutir aspectos do conto 'Crianças à venda. Tratar aqui' a partir de algumas teorias sobre gênero fantástico, dentre as quais, as do búlgaro Tzvetan Todorov e do português Filipe Furtado. Embora nossa discussão seja em torno da teoria compilada por Todorov e refinada por Furtado, não nos furtamos em recorrer à alguns outros teóricos que falam sobre a questão do fantástico, como o da francesa Irene Bessière em seu texto 'El relato fantástico: forma mixta de caso y adivinhanza' presente em *Teorías de lo Fantástico: Introducción, compilación de textos y bibliografia* de David Roas. Em seu livro Introdução a Literatura Fantástica Tzvetan Todorov diferen-

cia o fantástico do maravilhoso e estranho asseverando, grosso modo, que no fantástico há a subversão do real; no maravilhoso há a aceitação de outra realidade com regras próprias e diferentes da realidade cotidiana; no estranho o evento sobrenatural é explicado, em algum momento, de maneira racional. O teórico afirma que no gênero fantástico há uma hesitação experimentada perante um episódio sobrenatural, essa hesitação cercada de ambiguidade impossibilita o leitor de tomar uma posição diante de tal evento. E o medo? Sabemos que até pouco tempo a crítica do fantástico considerava o medo causado ao leitor como característica fundamental do gênero. Bem, não seria pertinente considerar qualquer fato subjetivo e extratextual como característica básica de algum gênero literário, tentar caracterizar a narrativa fantástica apenas pelo impacto causado sobre os destinatários reais, seria um erro, porque o leitor poderia aceitar; rejeitar; ou hesitar perante o sobrenatural. Mas faremos o papel do "advogado do diabo". Em vista disso, tentaremos discutir qual seria a atitude mais adequada que um crítico poderia tomar diante do conto, que pertence a um livro voltado para o público infanto-juvenil. Como poderíamos caracterizar a narrativa 'Crianças à venda. Tratar aqui' presente no livro Sete ossos e uma maldição da jornalista Rosa Amanda Strausz. Como uma narrativa fantástica onde o medo aparece como pano de fundo? O aspecto insólito do texto é o elemento primordial para o terror presente no texto? O fato de, diferente do estranho, não encontrarmos explicações para as ocorrências dentro da narrativa nos arrepia? Vamos conferir.

Karla Menezes Lopes Niels

UERJ

Manifestações do medo numa literatura "fantástica à brasileira"

Durante muitos anos, no Brasil, a literatura não pautada na realidade foi, de certo modo, marginalizada pela crítica. Hoje, entretanto, a literatura fantástica ganha cada vez mais espaço entre os estudos literários. Apesar de ainda pouco difundida em nossas letras, é vasta. Autores que não são reconhecidos por uma produção de cunho fantástico, como Álvares de Azevedo, Machado de Assis, ensaiaram contos no gênero. Outros Murilo Rubião e J.J. Veiga consagraram-se pela produção de uma literatura distanciada do real. Fantástico clássico, realismo mágico, neo-fantástico, horror. Gêneros que não só partilham uma origem comum, como também o efeito estético que produzem: o medo – sentimento potencializador dos efeitos emocionais e psicológicos que esse tipo de narrativa pode exercer sobre o

seu leitor ao questionar a realidade e a veracidade daquilo que o homem conhece do mundo que o cerceia. O homem teme tudo aquilo que desconhece ou que não pode controlar. Por isso as superticões são tão afloradas em diversas culturas da humanidade. O gênero tem explorado essa característica pela via da incerteza, possibilitando que o medo se manifeste. É a partir dessas considerações que pretendemos analisar como o medo tem se manifestado em nossa literatura, em especial, na de cunho fantástico.

Keci Vieira

UERJ

O insólito em "Me das miedo Lucía", de Juan Terranova

O blog como novo suporte para visibilidade da narrativa ficcional surgiu no final do século XX e se consolidou no século XXI. Esse novo gênero traz em seus moldes um recorte da realidade e, como em toda obra fictícia, tem como referência a realidade para a construção de um real imaginário. Entretanto, nesta nova narrativa, o conceito de "real" não se prende à verossimilhança e sim a indícios de realidade (Karl Erik Schøllhammer, 2008), que resultam muitas vezes numa escrita que se aproxima do insólito. Ana González Salvador, no livro Continuidad de lo Fantastico: por una teoría insólita (1980) explica que a percepção do insólito "é uma percepção individual, incomunicável, tardia de certa insensatez" (p. 66), que não se ajusta e nem se adapta às circunstâncias correntes ou à condição momentânea, não rompe com a realidade, mas busca a sua própria realidade narrativa causando no leitor a sensação de insólito. Nesse sentido, entendendo como insólito o realismo que o escritor argentino Juan Terranova constrói em sua obra, pretendemos analisar o conto "Me das miedo, Lucía" (2007), postado em seu blog El conejo de la suerte.

Kenedi Santos Azevedo

UERJ/UFAM

Medo do insólito estropiado

Ler a obra de Benjamin Sanches é estar diante de narrativas cujos relatos desdobram-se em experiências insólitas. Percebe-se isso no conto *o estropiado*, desenvolvido a partir da história de Jerônimo um "matador de peixes" que é descrito pelo narrador com detalhes que fogem à normalidade, principalmente se se pensar no cotidiano dos pescadores da região amazônica. Assim, tencionamos mostrar que o referido conto apresenta tra-

ços que subvertem a realidade empírica, não apenas quanto ao espaço ou ao tempo, mas também à construção do personagem principal, uma espécie de monstrengo, que causa medo àqueles ao seu redor. Fazendo lembrar um aspecto constituinte do fantástico: o medo, já que "[...] são atitudes obrigatórias da personagem humana confrontada com a fenomenologia meta-empírica a perplexidade angustiada quanto à sua índole, a inanição perante ela e, até, o temor daí resultante" (FURTADO, 1980, p. 22). Um dos personagens que acompanha o estropiado, ao ficar diante do "matador de peixes" sem a cabeça – após a má utilização da "bomba"–, foge com temor daquele homem que "no pensar existir passou existir no pensar", e, que, mesmo assim, "toma o remo e passa a navegar sem a cabeça e sem os braços" (SANCHES, 1998, p. 28).

Keula Aparecida de Lima Santos

UFU

Medo e horror em "Perfecto luna" de Elena Garro

Esta comunicação tem como proposta a análise do conto "Perfecto Luna" de Elena Garro, a partir do qual se discutirá a importância da espacialidade do corpo na criação do efeito de horror. No conto analisado, o insólito é desencadeado em função da mutilação do corpo e da manifestação fantasmagórica deste corpo em diferentes espaços. Para fundamentar as reflexões sobre o fantástico e os efeitos de medo e horror, o trabalho conta com as bases teóricas de Tzvetan Todorov, H.P. Lovecraft, Jean Delumeau, Noël Carrol e Philippe Airès. Sobre as teorias que sustentarão a abordagem sobre o espaço, serão discutidas as contribuições de Michel Foucault e Gaston Bachelard e os estudos sobre o corpo, de Jean-Jacques Courtine.

Lainister de Oliveira Esteves

UFRJ

Amenidade e ironia: contos de horror de Machado de Assis

O artigo discute a construção do horror nos contos de Machado de Assis a partir de duas chaves analíticas: o sentido de amenidade que marca os contos publicados majoritariamente no *Jornal das Famílias* e a lógica irônica dos textos veiculados em periódicos como *A Estação* e *Gazeta de Notícias*. No primeiro caso são analisadas as estratégias de retorno ao verossímil (quando o caráter fantástico da trama é explicado no final como sonho ou anedota) e no segundo investiga-se a ironia como aliada do terror na dissolução de determinados princípios de realidade.

Em ambos os casos os contos machadianos são interpretados como exemplos das variadas formas de imaginação do medo na literatura brasileira do século XIX

Lauro Iglesias Quadrado

UFRGS

O Fantástico Científico de Edgar Allan Poe

O crítico búlgaro Tzvetan Todorov afirma que o fantástico não dura mais que o tempo de uma vacilação. Tal comportamento mencionado por Todorov corresponde à reação hesitante tanto de leitor quanto de personagem ao se depararem com situações que fogem do lugar comum e confortável, palpavelmente chamado de realidade. Em seu conto *The Facts in the Case of M. Valdemar*, o escritor estadunidense Edgar Allan Poe (1809 – 1849) traz elementos do absurdo, do grotesco e do insólito, e através deles constrói uma intricada teia textual que relativiza elementos fundamentais ao universo fantástico, entretanto tornando-os factíveis para as possibilidades científicas e ao senso comum do leitor. Releva-se o papel do narrador sempre impassível e rigorosamente científico criado por Poe para o conto em questão, mesmo que tratando da descrição de atividades e experimentos sobrenaturais vividos pelas personagens. A partir dele, e de uma justaposição de discursos antagônicos, é possível perceber o efeito de Edgar Allan Poe sobre o leitor: como diferenciar, sem hesitar, as fronteiras entre o real e o imaginário, o crível e o incrível?

Leandro Trindade Pinto

UNICAMP

W.G. Sebald: morte e desassossego em Os anéis de Saturno

A origem da vida. O caos. O sentido de inexistência. Todos esses temas são extremamente recorrentes na obra de W.G. Sebald, escritor e acadêmico alemão, morto em 2001, aos 57 anos. Durante a sua curta carreira literária (seu primeiro livro publicado, *Nach der Natur. Ein Elementargedicht* data de 1988), Sebald consagrou a morte como tema recorrente em suas narrativas. É, pois, interessante notar que a sensação fúnebre que acompanha suas temáticas nada mais é do que um registro de suas próprias observações sobre o comportamento do homem ante a dúvida de sua existência. Sendo assim, as imagens mais comuns apresentadas nas obras de Sebald procuram lidar com as questões da memória e da valorização do passado como fonte inesgotável de preservação do próprio ser humano. Consagra,

dessa forma, a preponderância do homem sobre a morte, visto que, na visão do escritor, a manutenção da realidade deve ser construída sem censuras e sem máscaras. Em *Os anéis de Saturno*, o medo da morte não está somente ligado à destruição física, mas principalmente ao sentimento de incapacidade do homem ante aos inúmeros acontecimentos inevitáveis que acompanham a nossa vida.

Leonardo Davino de Oliveira

UERJ

O medo da vida (de viver) e medo da morte (de morrer) como arquiteturas da canção

Quando perguntado sobre o que seria o tempo, Santo Agostinho respondia: "Se ninguém me perguntar, eu sei. Se eu quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei". Em *A crise da filosofia messiânica*, Oswald de Andrade anota: "A ciência e a técnica procuram produzir na terra o céu longa e demasiadamente prometido pelo Messianismo" (p. 185). No conhecido texto "O narrador", a partir da experiência da guerra e do avanço da técnica, Walter Benjamin escreve sobre a mudança de perspectiva em relação àquilo que importava e que deixa de importar. O entrave entre o intuir e o traduzir em palavras levantado por Santo Agostinho nos sugere o quão difícil é definir o tempo de modo a dar conta de sua complexidade natural, psicológica, social. Temos um conhecimento intuitivo do tempo. No meio (dentro) disso há o medo de viver (da vida) e o medo de morrer (da morte) configurando-se como arquiteturas da canção avática-existencial. Este trabalho investiga isso a partir de canções de Gilberto Gil.

Letícia Cristina Trojan

UERJ

A onipresença do medo: sob a regência do fantástico em “Os Outros” de Joyce Carol Oates e “The Others” de Alejandro Amenábar

Este trabalho tece comentários sobre o estranhamento e o medo no conto “Os Outros” de Joyce Carol Oates, e no filme “Os Outros” de Alejandro Amenábar, que com controle total sobre as narrativas, constroem universos ficcionais surpreendentes. Utilizaremos alguns aspectos de teoria sobre o fantástico de T. Todorov e F. Furtado para entendermos como as narrativas subvertem a realidade empírica ao incluir elementos de um mundo sobrenatural – o desconhecido, gerador do medo. O filme, assim como o conto, joga com nossa percepção da reali-

dade e nosso relacionamento com um mundo que só pode ser apreendido pela imaginação ao suspendermos nossa descrença diante da estranha "realidade" criadas pelas narrativas ficcional e fílmica.A narrativa de Oates tem como fio condutor alguns momentos da vida do protagonista; O filme "Os Outros", que estabelece um diálogo implícito com o conto, apresenta um final surpreendentemente chocante, no qual o espectador vê-se diante de uma situação inusitada que o faz retornar mentalmente ao início do filme e refazer a trajetória narrativa. A pergunta que paira é: Afinal, quem são "os outros"?

Lilian Lima Maciel

UFU

Medo e horror n'o abraço de lygia bojunga

O estudo parte da análise do livro O abraço, de Lygia Bojunga, com o objetivo de evidenciar a construção das espacialidades na narrativa, em especial, para o corpo enquanto espaço de conflito, verificando como tais espaços relacionam-se com a constituição do fantástico. Enfocaremos também o paradoxo entre o título da obra O abraço que sugere uma relação afetuosa e de carinho, mas que pela própria capa do livro e no desenrolar da história se mostra um abraço de violência, medo e horror vinculados igualmente à personagem simbólica da morte. Para iluminar essa análise tomaremos como base as noções que Michel Foucault formulou sobre as espacialidades: as utopias, heterotopias e atopias; e também no estudo de Deleuze e Guattari sobre o espaço liso e estriado. Para a análise dos aspectos fantásticos nesse enredo, que como veremos o real e o insólito estão tão imbricados a ponto de não percebermos as fronteiras, será indispensável o apoio teórico de Tzvetan Todorov e Remo Ceserani. Para o estudo do medo utilizaremos as teorias de Howard Phillips Lovecraft e Jean Delumeau e sobre o corpo os estudos de Jean-Jacques Courtine.

Luara Pinto Minuzzi

PUCRS

Entre a vida e a morte: um estudo da duplicidade do vampiro em Vlad, de Carlos Fuentes

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a figura do vampiro e seu caráter duplo em *Vlad*, último conto do livro *Inquieta Companhia*, do escritor mexicano Carlos Fuentes. Ser caracterizado pela duplicidade, uma vez que se encontra no limiar entre a vida e a morte, o vampiro parece ser uma forma de o homem

elaborar e buscar respostas para a grande angústia e a eterna preocupação em relação à finitude humana: o que ocorre depois da morte? Continuamos de alguma forma, nossa existência ou simplesmente desaparecemos? É possível a imortalidade? Em um clima de terror e medo, o relato sobre o personagem Vlad traz inovações e novas discussões para o tema do vampiro, quase tão antigo quanto as dúvidas do homem em relação ao que ocorre após a sua morte.

Lucas de Freitas

PUC-Rio

A canção de terror "Slaves Mass" ou Hermeto Pascoal e as cantigas infantis de horror

No campo da canção experimental, do som para além do musical e da palavra para além do verbal, a música "Slaves Mass", faixa título do disco de 1977, que lançou internacionalmente o músico Hermeto Pascoal, traz o universo do medo e do desconforto nos diversos mecanismos sonoros dos quais são compostos seu arranjo, letra, melodia e harmonia. Raro entre as sensações geralmente associadas à música popular, que canta tristezas e alegrias, revoltas e nacionalismo, o terror é explorado no caso hermetiano a partir das cantigas infantis de horror como Antonino e Zabelim e Zabelôa. Essas histórias, antigamente cantadas com intuitos educativos, regulados a partir da pedagogia do medo, são reelaboradas sensorialmente por sons de gritos de porcos, sonoridades graves e suspensivas, sussurros e a insistente repetição da frase "chama Zabelê pra poder te conhecer!". Portanto, tendo como objeto de análise a música "Slaves Mass", pretendo refletir sobre o ambiente assustador, os movimentos estéticos elaborados pelo autor na busca de sensações medonhas e o contato da faixa-título com as cantigas infantis de terror.

Luciana Morais da Silva

UFRJ/UERJ

A fantástica presença do medo: leitura d' "O assalto", de Mia Couto

O medo está presente na construção de diversas personagens de narrativas fantásticas, quer na própria constituição das molduras que envolvem sua elaboração, quer em sua construção psicológica. Em Mia Couto, especialmente em "O assalto" (2002, p.129-132), conto publicado em *Na berma de nenhuma estrada* e outros contos, a imagem do medo tem função narrativa essencial, implicando personagens em busca de atenção ou de-

bilitadas por situações de susto. Nessas relações, têm-se o medo como fundamento das contradições embutidas no homem, temendo a solidão, emoção própria das ausências contemporâneas, que corroem o indivíduo (pós)moderno. Em Mia Couto, o homem, ao sofrer um assalto, acaba, consequentemente, com medo da morte. Diante de um fato insolitamente inesperado e surpreendente, a personagem mostra naturalidade frente ao mal que esperava, mas que, ao final não veio, gerando novas incomuns relações humanas. O medo apresenta-se como mote para o desenvolvimento dessa narrativa miacoutiana, demonstrando, pelas vertentes do fantástico, tecidas pela via da crítica e da consciência do insólito, caminhos conturbados da vida quotidiana.

Luciano Cabral da Silva

UERJ

A quem se deve temer? – o medo do outro no romance "American Psycho", de Bret Easton Ellis

Patrick Bateman é um homem de negócios de Wall Street. Sendo bonito, educado e inteligente, ninguém parece acreditar que o protagonista autodiegético do romance American Psycho, de Bret Easton Ellis, seja capaz de machucar, torturar e matar com tamanha perversidade. O antropólogo Arjun Appadurai declara que "identidades predatórias" são aqueles grupos cuja construção social requer a extinção de outros grupos. As vítimas de Patrick Bateman são principalmente mendigos, imigrantes e prostitutas – pessoas que nada tem de compatível com sua rica classe e, por isso, devem ser eliminados. A Nova Iorque do romance de Easton Ellis é uma metrópole povoada de armênios, chineses, mexicanos e negros, grupos que, segundo Jeffrey J. Cohen, revelam diferenças que os tornam monstruosos. No entanto, não são estes que cometem os crimes. É neste contexto de assassinatos cruéis descritos em detalhes que pretendo analisar o romance American Psycho. Se a crueldade parte daquele que não deveríamos ter medo, então, a quem se deve temer?

Luciano Ferreira da Silva

UESPI

O medo como arma e desafio: o olhar do "Motoqueiro Fantasma" nos quadrinhos e a diferença em " Quem tem medo do novo?" de Ruth Rocha

O presente artigo tem por finalidade fazer uma leitura da obra infanto-juvenil de produção em série denominada de quadrinhos, mais especificamente histórias produzidas pela editora

Marvel do personagem chamado Motoqueiro Fantasma. Este personagem possuiu, de maneira insólita, poderes sobrenaturais. O que chama a atenção neste personagem é que ele é considerado um herói a favor do bem e que possui poderes dados por Mefistófeles que é um demônio e que pretendia tê-lo como seu eterno capacho na infindável busca por almas, ditas perdidas, que certamente iriam para o reino infernal, por seus delitos. O Motoqueiro Fantasma se rebela contra isso obtendo consciência parcial do seu alter-ego Johnny Blaze que desafia o demônio e questiona Deus. A maior arma do Motoqueiro Fantasma é o medo, olhar de penitência que provoca medo, terror em vilões, em pessoas más. Série de quadrinhos infanto-juvenis que ganhou as telas de cinema, misturando o insólito e o medo em suas aventuras. Já o texto de Ruth Rocha trabalha com os porquês de se ter medo do novo, do diferente, do diverso. A autora, com seus questionamentos via linguagem verbal e visual, busca derrubar barreiras relativas ao diferente em sua narrativa para crianças

Lucy Lopes Duarte

UERJ

A mulher como horror ou o horror à mulher em antigos cenários

Esta comunicação parte da percepção atual do estigma sobre o feminino que ainda reside na cultura popular brasileira. Se pensarmos em letras de músicas da atualidade, encontramos características como bruaca, chifruda, baranga, mocréia, em "Mulher Faladeira", de Chico Buarque, ou harpia, aranha, perua, piranha, sanguessuga, vampira, em "Não enche", de Caetano Veloso, deixando de lado letras de funk, algumas bastante ofensivas à mulher. Tais marcas remontam, porém, a tempos muito pretéritos. Na Grécia antiga, há a obra *Fragmento 7* da poesia arcaica grega de Semônides de Amorgos. Na Literatura Portuguesa, temos cantigas de escárnio e maldizer que se dedicam a iluminar a mulher em seus aspectos repelentes, grosseiros, moral e socialmente aviltantes. Partindo do conceito de horror, busca-se refletir não somente sobre um conjunto de traços que assinalam uma representação de um feminino horroroso, como sobre a repulsa que recai sobre o feminino em sociedades falocráticas, em questão a grega da Antiguidade e a portuguesa medieval.

Luiz Antonio Ribeiro

UNIRIO

Fausto de Goethe: o duplo como queda

O duplo, na maioria dos casos, é visto na trajetória da literatura como um embuste: o bufo, a paródia, a ama, o bobo, o demoníaco, o espelho, o simulacro. No presente trabalho pretendo, a partir de "Fausto: uma tragédia", de Johann Wolfgang von Goethe, clássico da literatura e do teatro alemão, mapear como se configura o duplo nesta obra e em quantos desdobramentos é possível percebê-lo: Deus x Diabo, Fausto x Mefistófeles, Margarida x Fausto. Em seguida, partindo dessa análise, pretendo encontrar indícios de que o duplo representa uma queda, uma fissura, ou seja, a descaracterização da unidade idealizada e engendramento de uma nova forma de relação entre as figuras.

Luiza Puntar Muniz Barreto

UFRRJ

Inscrições do medo: o desabrigo e a cidade na composição da personagem caótica.

O indivíduo contemporâneo vive no cenário caótico dos grandes centros urbanos pós-globalizados, paisagem que o desabriga e desloca. A questão da violência nas grandes cidades é uma causadora em potencial do medo que afeta de forma decisiva tal sujeito e suas causas e consequências têm permeado as construções literárias pós-modernas. Nessa perspectiva, observamos configurarem-se personagens descentrados em busca de algum abrigo que, na maior parte das vezes, se dá através de um rompimento com tal realidade. No romance Lugares que não conheço, pessoas que nunca vi, Cecília Giannetti constrói uma personagem em flerte com a loucura, assinalando-a como uma alternativa a essa realidade dissonante.

Marcella de Paula Carvalho

UERJ

O trágico e o lúdico em "Pontes de Königsberg"

Este trabalho busca analisar o romance "Pontes de Königsberg" (2012) do escritor mexicano David Toscana a partir dos conceitos de "dionisíaco" e "apolíneo", de Nietzsche (2007). Pretende-se observar a dinâmica lúdica existente entre construção e desconstrução de representações /ficções com o intuito de desfrutar da potência criadora e do fluxo do devir. Königsberg em plena segunda guerra mundial, prestes

a ser tomada pelo exército russo, é escolhida por mexicanos da pequena Monterrey como mote para esse jogo. Arauto do Iluminismo, onde Kant passou toda sua vida, a antiga capital da Prússia Oriental estava à beira da sua dissolução, já que seria dominada por uma cultura alheia. No entanto, é esse abismo o palco desterritorializado dos protagonistas do romance, que os leva a experiência o Velho Mundo por meio da dramatização daquilo que lá era vivenciado. Essa impossível ponte criada pelo Novo Mundo e a esperança de recuperar meninas desaparecidas em Monterrey estão conectadas ao problema matemático das pontes de Königsberg, que questionava a possibilidade de atravessar a cidade passando somente uma vez por cada uma delas. Euler comprovou-o inviável, sendo tal dilema metáfora para aquilo somente realizável através da fantasia, encarnada ritualisticamente enquanto teatralizada.

Margareth Silva de Mattos

UFF

Violência e opressão no livro ilustrado para crianças: quando o medo é "sentido"

Este trabalho tem o objetivo de focalizar mecanismos de desencadeamento de emoção (ou de *patemização*, de acordo com a Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso) relacionados à tópica do *medo* em dois livros ilustrados para crianças publicados recentemente que têm em comum o fato de a opressão, oriunda de regimes políticos tirânicos e violentos, configurar-se como tema. Parte-se do pressuposto de que as emoções são de ordem intencional e podem estar inscritas nas representações compartilhadas por um grupo social. Além disso, a *iconicidade*, processo que aproxima elementos a partir de similaridades (segundo a semiótica peirciana), mostra-se um recurso produtivo para a exacerbação de Qualidades (sensações e emoções) nos vários níveis de construção de sentido (superficial, discursivo e situacional). Nos casos em tela, meninas-protagonistas vivem experiências de desestabilização familiar. O medo é um dos efeitos de sentido suscitados pela textualização. O insólito encontra-se nas próprias situações vividas pelas personagens, mas também nos livros de predileção de cada protagonista, apresentados como narrativas de encaixe, que assumem uma função reparadora e visam a minorar o efeito patêmico

Maria Afonsina Ferreira Matos.

UESB

A desconstrução do medo de bruxa na literatura contemporânea

Este estudo se inicia apresentando considerações gerais sobre a imagem da bruxa nos contos de fadas tradicionais em contraponto com a imagem da bruxa nos contos contemporâneos. Na sequência, dialoga com Leloup(2001) e Bettelheim(2000) sobre o medo da bruxa: suas representações, seus símbolos e significado social; discorre sobre a origem desse intrigante personagem, evidenciando o maniqueísmo de sua representação tradicional e sua vinculação com o feminino em vários contos. Por fim, descreve as *novas* bruxas da literatura contemporânea, em obras como: *O livro mágico da bruxinha Nicolau, A bruxinha que era boa, A bruxinha Ângela, Uxa – ora fada, ora bruxa* e *As memórias da bruxa Onilda*. Conclui-se verificando a importância do contato com as diferentes representações de bruxa na formação emocional da criança.

Maria Auxiliadora Fontana Baseio

UNISA

Fiando e desafiando o medo: a experiência da iniciação nos contos de fadas

O medo é um sentimento atávico que acompanha o homem desde o princípio. Da necessidade de compreender um mundo sobrenatural que o ameaçava e criar coletivamente uma verdade explicativa, nasceu o mito. O mito fixa um modelo exemplar que é repetido pelo rito. Os ritos de iniciação, em que o medo é recorrente, denotam uma experiência singular de passagem de um modo de ser a outro, uma mudança radical de regime ontológico, a partir do enfrentamento de provas, morte e ressurreição simbólicas. Embora mitos e ritos sejam característicos de comunidades tradicionais, eles reaparecem, de maneira velada, em muitas narrativas, sobretudo nos contos de fadas. Sabemos que o conto de *fadas* – etimologicamente derivado de *fatum*: destino - apresenta como eixo gerador uma problemática existencial. Sua efabulação básica comporta o medo, pois opera, no plano imaginário, com experiências da iniciação. Nessa perspectiva traçamos o objetivo deste trabalho, apresentando a importância de vivenciar o medo presente nos contos de fada para a criança no seu processo de individuação.

Maria Cristina Xavier de Oliveira
USP

Entre assombros e encantos, o fiar do medo nas narrativas para crianças e jovens

A produção de narrativas literárias para crianças e jovens é conquista moderna. No entanto, como ressalta Fryda Mantovani (apud GOES, 1991) a origem dessa literatura pode estar ligada à idade do mito - um provável momento em que o homem, pela primeira vez, teve o impulso e ousadia de definir o desconhecido e tentar explicar fenômenos. Essa forma de linguagem inaugural - imantada de assombros - marcou radicalmente a humanidade em uma transformação ontológica e foi tecendo-se em narrativas pela imaginação coletiva, num amálgama de verdades e a magia, perpassado de encantamento e temores. Do fio vocal às redes virtuais, a herança dos tempos primordiais ritualiza-se e funde-se às magias tecnológicas neste mundo digital, povoando criativamente a produção contemporânea para crianças e jovens. Reconhecendo a importância dos diálogos que a literatura estabelece com esse processo que revigora sentimentos como o medo – entendido como um fenômeno que acompanha um rito de passagem em experiências singulares que demandam sérios enfrentamentos e ousadia, o trabalho visa a uma leitura comparativa entre a configuração do tradicional conto de fadas, povoado por seres sobrenaturais, e obras como *A noiva Cadáver* e *Coraline,* nas versões impressa e cinematográfica, em que o medo faz parte do constructo narrativo.

Maria de Lourdes Guimarães
USP

Quebrando regras: um mergulho nas teias do inominável

O medo acompanha a história da humanidade desde os primórdios. Para o historiador francês Jean Delumeau, em sua obra "História do medo no Ocidente", em tempos remotos, os medos tinham origem fundamentalmente na natureza. Na atualidade, a temática do medo na literatura e em artes como o cinema é abrangente e exerce grande fascínio entre os jovens. Este estudo pretende, a partir de um referencial teórico que engloba Nelly Novaes, Todorov e Lovecraft, dentre outros, investigar como o medo, o suspense e o estranhamento são construídos em algumas obras voltadas ao público infantil e juvenil a partir de um elemento comum: a quebra de regras. Em muitas histórias em que o medo é um elemento importante da narrativa, desencadeando a ação, quebrar as regras pode trazer consequências assustadoras. Nos clássicos contos de fadas, como por exemplo, "Chapeuzinho

Vermelho", dos Irmãos Grimm, a história adquire status de advertência: ao não seguir o conselho, a menina se depara com o Lobo Mau. No insólito curta-metragem "Vinil Verde" (2004), direção de Kleber Mendonça, adaptado de uma fábula infantil ucraniana, a menina também ignora um conselho e ouve o disco proibido, o de vinil verde, o que traz consequências trágicas.

Maria Fernanda Garbero de Aragão

UFRRJ

Medo, aporia e rupturas: por que caminhos é possível ler o trágico contemporâneo?

Nos últimos dez anos, alguns aspectos interessantes aparecem presentes nas narrativas publicadas no Brasil, sobretudo no que se refere à composição das personagens em relação aos seus espaços e a seus objetos de afeto. Os descentramentos e as novas leituras de uma condição aporética, escritos na cena contemporânea literária, conduzem-nos a questionamentos a respeito das margens e de seus desabrigos, propondo, assim, um olha à emersão do Trágico. O medo, representado no 'cenário-ameaça', parece protagonizar grande parte da relação das personagens entre si, plasmando na composição cênica da narrativa o incômodo do qual decorrem imagens de ruptura com o que compreendemos como realidade, ou melhor, da realidade como pano de fundo. Com efeito, é como se víssemos no que se apresenta como absurdo uma alternativa de sobrevivência frete ao espaço da hostilidade, do tempo que nos toca ler/viver.

Maria Laura Pozzobon Spengler

UFSC

Medo de quê você tem? - Possibilidades de leitura e mediação literária de temas amedrontadores nos livros de literatura infantil

É sabido que as narrativas que trazem o medo do desconhecido como temática despertam muita atração nos leitores de literatura infantil e juvenil. O medo é produto de um imaginário ficcional e se faz bastante presente no pensamento infantil. Com o objetivo de analisar e discutir algumas obras da produção literária contemporânea para crianças e jovens com vistas ao desdobrar de linguagens que se fazem possíveis no encontro entre narrativa verbal escrita e a ilustração, este trabalho traz como eixo primordial possibilitar propostas de mediações de leitura e de práticas literárias para professores, num ampliar de entendimento e compreensão dos símbolos e representações encontrados nos livros de literatura infantil, para tanto foram selecionados, como recorte de trabalho

e análise, os livros *Medo dó de Medo Monstro*, escrito e ilustrado pelo brasileiro Hermes Bernardi Jr, *O Gato e o Escuro*, escrito pelo moçambicano Mia Couto e ilustrado pela brasileira Marilda Castanha e *Meu papai é grande e forte, mas...* que traz texto da francesa Coralie Saudo e ilustrações da brasileira Kris Di Giacomo. Todos os títulos escolhidos trazem o medo infantil como temática, e brincam com metáforas que se engendram nas linguagens, proporcionando ao leitor a criação de redes de sentidos.

Maria Zilda da Cunha

USP

Entre assombros e encantos, o fiar do medo nas narrativas para crianças e jovens.

A produção de narrativas literárias para crianças e jovens é conquista moderna. No entanto, como ressalta Fryda Mantovani (apud GOES, 1991) a origem dessa literatura pode estar ligada à idade do mito - um provável momento em que o homem, pela primeira vez, teve o impulso e ousadia de definir o desconhecido e tentar explicar fenômenos. Essa forma de linguagem inaugural - imantada de assombros - marcou radicalmente a humanidade em uma transformação ontológica e foi tecendo-se em narrativas pela imaginação coletiva, num amálgama de verdades e a magia, perpassado de encantamento e temores. Do fio vocal às redes virtuais, a herança dos tempos primordiais ritualiza-se e funde-se às magias tecnológicas neste mundo digital, povoando criativamente a produção contemporânea para crianças e jovens. Reconhecendo a importância dos diálogos que a literatura estabelece com esse processo que revigora sentimentos como o medo – entendido como um fenômeno que acompanha um rito de passagem em experiências singulares que demandam sérios enfrentamentos e ousadia, o trabalho visa a uma leitura comparativa entre a configuração do tradicional conto de fadas, povoado por seres sobrenaturais, e obras como *A noiva Cadáver* e *Coraline,* nas versões impressa e cinematográfica, em que o medo faz parte do constructo narrativo.

Mariana Belize Santos de Figueiredo

UFRRJ

Racionalismo e loucura em "O homem de areia" de E.T.A. Hoffmann

Faremos uma análise do potencial crítico do conto de Hoffmann, "O Homem de Areia". Em nossa interpretação, a personagem Clara representa um ideal de burguesia. É comum introduzir Clara como um mero personagem contrastante com Natanael. Notamos, contudo, que o fim do conto põe em ques-

tão esse tipo de enquadramento. Natanael representaria o que a sociedade burguesa recalca ao agir como um louco perturbado por fantasias de perseguição. O tormento de Natanael contrasta de forma gritante com o racionalismo de Clara. Por conseguinte, o discurso de Clara encarna toda uma ideologia burguesa que impõe uma razão opressora em detrimento da fantasia, levando por isso mesmo o protagonista à morte. Clara não é só o oposto de Natanael, ela contribui decisivamente para sua perturbação.

Mariana Marques de Oliveira

UFRJ

Entre dois tempos: o insólito no conto "A estrela", de Vergílio Ferreira

Este trabalho pretende analisar o conto "A estrela", de Vergílio Ferreira, em edição publicada para o público infantil, com ilustrações de Júlio Resende. O roubo da estrela configura-se como fato insólito que permite analisar o confronto entre a visão da criança e do velho com a dos adultos. Desse modo, dois tempos defrontam-se: o tempo mítico, referenciado pela estrela vista pela perspectiva da criança e do velho, e o tempo que envolve a perspectiva da utilidade, motivada pelo meio social identificada na visão dos adultos. Por meio da análise do universo simbólico infantil, também será discutido o embate entre a ousadia e a submissão ao castigo, o que gera na criança o desafio de lidar com o medo e a angústia diante dos pais e da sociedade. A leitura do conto também pretende realizar a ponte com a obra romanesca de Vergílio Ferreira no que diz respeito à busca pelo absoluto, à angústia e à morte.

Mariana Vidal de Vargas

UERJ

Os caminhos do medo em João e Maria

Muito se fala sobre a importância da narrativa ficcional para efeito de catarse no desenvolvimento infantil. Nesse sentido, o papel dos contos de fada jamais foi descartado apesar de todo avanço midiático. Sendo constantemente relidos, recontados e adaptados, tais contos mantiveram ao longo dos séculos seu lugar na cabeceira das crianças por despertarem seus receios, medos e aflições mais íntimos, para depois mostrarem a superação e o final feliz. Sob a pele de João ou de Maria, muitas crianças aprenderam que o medo é só uma fase a ser superada pela esperteza, audácia e criatividade. Pretende-se demonstrar nesse trabalho os caminhos para a superação do medo e conquista

de autonomia percorridos por João e Maria – e por tantos outros meninos e meninas que aceitaram o convite do "Era uma vez...".

Nanci do Carmo Alves

UERJ

Mar me quer e o insólito ficcional: temor ou prazer

Mar me quer, do escritor moçambicano Mia Couto, é objeto de leitura deste ensaio, que tem por objetivo discutir as irrupções do insólito que muitas vezes causa espanto e temor. O sobrenatural que tem funções tanto junto ao leitor, quanto no interior da obra, como objeto que emociona, assusta ou gera suspense nas narrativas miacoutianas e tantas outras (Todorov, 2010). Pescadores, homens da terra, que vivem na dependência de seu trabalho, assim como Zeca Perpétuo e sua família, a vizinha, a mulata Luarmina que desfolha todas as tarde a flor cantando "mar me quer, bem me quer" (COUTO, 2000, p. 16). Ambos vivem histórias que geram espanto e hesitação, assombro e prazer.

Natasha Centenaro

PUCRS

Do Teatro do Absurdo aos Vídeo-retratos: quando Robert Wilson se encontra com Samuel Beckett, por uma estética do estranhamento

O que dizer quando se está sentado na plateia e no palco estão dois atores interpretando vagabundos maltrapilhos que passam dois atos *Esperando Godot*, esse que não aparece em momento algum? O que dizer, então, quando se entra em um Centro Cultural e se depara com 16 (dezesseis) obras de arte – vídeo-retratos de artistas, celebridades, intelectuais e anônimos, quase imóveis em telas com música e temas próprios? Não se tem uma só resposta. Têm-se sensações, reações, que podem ser incômodas, constrangedoras, prazerosas, mas, no mínimo, estranhas. Partindo-se da premissa do estranhamento, espanto, provocado pelo teatro de Samuel Beckett e, aliado a isso, a *Mostra Vídeo Portraits*, do multiartista Robert Wilson, que esteve em exposição no Santander Cultural na cidade de Porto Alegre (RS) no ano de 2008, o presente artigo pretende investigar como o absurdo está caracterizado em ambas as manifestações. Assim, escolheram-se as peças *Esperando Godot* e *Fim de Partida*, de Beckett, como exemplos; bem como, procurou-se analisar as obras de Wilson, possibilitando, dessa forma, identificar como em diferentes expressões e linguagens artísticas se encontra essa temática – por uma estética do estranhamento.

Natasha Centenaro
PUCRS

O arroz milagroso da tia com aura encantada – os elementos mágicos em O arroz de Palma inseridos na tradição de um realismo maravilhoso

O milagre do arroz que não estraga durante um século e, ainda por cima, é responsável pela união, fertilidade e prosperidade de uma família. O romance *O arroz de Palma*, de Francisco Azevedo, revela a saga de imigrantes de Viana do Castelo, norte de Portugal, narrada sob a ótica do octogenário Antonio. Desde o título, é possível perceber a decisiva influência de Palma. É esta personagem que inicia a história da família, ao recolher o arroz jogado sobre os noivos José Custódio e Maria Romana, e ofertado como presente. Palma é dotada de uma sensibilidade extra-sensorial, um dom sobrenatural para captar e compreender os eventos que estão a sua volta, uma aura mágica para reconhecer os problemas da família. A partir desta figura onipresente, a narrativa é tecida com elementos mágicos, místicos, fantásticos. O presente artigo pretende identificar de que forma estes elementos mágicos ocorrem no romance; como os acontecimentos extraordinários corroboram para uma ficção impregnada de real / imaginário, num universo verossímil. Com isso, intenta-se inserir o romance na tradição literária do realismo mágico ou realismo maravilhoso da América Latina, com base em expoentes como Gabriel García Márquez e Alejo Carpentier.

Nathália Xavier Thomaz
USP

De Shakespeare a Hayao Miyazaki: um percurso pelo grotesco nas produções culturais para crianças e jovens

Sempre presente na cultura popular, o grotesco marca diversas manifestações culturais. Aparece tanto nas transformações e excessos dos festejos carnavalescos medievais, quanto no cinema e literatura da sociedade moderna. Segundo Kayser (2010), o grotesco provoca sensações contraditórias, que representam o terror e humor diante do absurdo: um sorriso diante do disforme, o cômico diante do horripilante. Buscaremos neste trabalho traçar com o grotesco um percurso pelas produções culturais para crianças e jovens. Aparece no universo fantástico dos contos de fada, no encanto de Shakespeare, nos sombrios contos de E.T.A. Hoffmann, no *nonsense* Lewis Carroll e no cinema de diretores como Guilhermo del Toro, Hayao Miyazaki e Jan Svankmajer. Longe de ser politicamente correto, o texto grotesco é simultaneamente divertido e incômodo, chama atenção para o monstruoso e reflete um universo em eterna metamorfose.

Nicole Ayres Luz
UERJ

Precisamos falar sobre o Kevin: o papel do monstro na contemporaneidade

O trabalho propõe uma leitura do livro Precisamos falar sobre o Kevin, de Lionel Shriver, com foco nos atributos monstruosos conferidos aos personagens Kevin e sua mãe Eva. Depois que Kevin realiza um massacre em sua escola, Eva vasculha o passado em busca de explicações e justificativas. Em suas reflexões, ela vai se deparar com a possibilidade de que o verdadeiro monstro possa estar em si mesma. Enquanto isso, o leitor é provocado por uma narrativa amarga e realista, em que são postos em questão valores e problemas da sociedade contemporânea, como a formação familiar, o distanciamento entre as pessoas e a sensação de ameaça constante, representada pelo outro.

Noelci Fagundes da Rocha
PUCRS

O corpo como dilema: desejo e terror em Hanif Kureishi

Estudo de *O corpo*, de Hanif Kureishi, sob a perspectiva do tema do duplo, que se caracteriza, nesse romance, como dupla expressão da emoção humana mais forte e mais antiga: o medo da morte. Ao embarcar numa aventura médico-científica ainda recente e secreta – o transplante de cérebro para um corpo alugado – um escritor sexagenário realiza o maior desejo de todo mortal: viver em um corpo jovem com toda a bagagem da experiência vivida. As consequências da aventura, que deveriam durar seis meses, mostram-se imprevisíveis e aterrorizantes, tanto para a personagem quanto para o leitor. Desvelar as estratégias narrativas que dão forma ao medo da finitude, em suas expressões possíveis no contexto do século XXI, bem como ao efeito provocado no leitor, é o objetivo deste artigo.

Paloma Esteves Laitano
PUCRS

O professor e o ator: o estranho caso de Tertuliano Máximo e António Claro

A descoberta de um ser idêntico a si é o acontecimento motivador do romance *O homem duplicado*, de José Saramago, que apresenta a história do encontro entre Tertuliano Máximo Afonso e António Claro, duas pessoas que, apesar de serem iguais, são totalmente desconhecidas. Nesta obra, os elementos que afirmam a similitude existente entre Tertuliano Máximo Afonso e António Claro aparecem em diversos momentos da narrativa e reafirmam o caráter insólito ali presente. Em *O ho-*

mem duplicado, a retomada do tema do duplo tem como objetivo abordar a cisão da identidade do homem contemporâneo, que constantemente questiona-se acerca de si e do outro e, principalmente, de seu lugar e sua função no mundo.

Paula Cristina Luersen

UFSM

Do real ao real imaginado: a imagem como fascinação

O artigo trata do caráter de fascinação envolvido no defrontar do observador com a imagem, partindo da reflexão metafórica *A imagem borboleta*, de Georges Didi-Hubermann. Está em questão esmiuçar a experiência do olhar quando se deixa levar pela imagem, conduzindo o observador a oscilar entre o real e o imaginário, entre o ver e o rememorar, entre a razão e o sonho. Nesse artigo, o conceito de imagem borboleta é posto em relação com o vivenciar da instalação narrativa *The Murder of Crows*, dos artistas Janet Cardiff e George Bures Miller. A instalação propõe o desacordo entre o sonoro e o visual, conduzindo o espectador a perceber a narrativa pelo viés do absurdo. Com o texto, busca-se repensar a experiência de insegurança e estranheza vivenciada junto à obra, compreendendo-a por meio dos conceitos de Didi-Hubermann.

Paulo César Cedran

UNIESP

Trama do espaço do medo em "A queda da casa de Usher" de Edgar Allan Poe

O presente artigo tem por finalidade analisar sob o aspecto da arquitetura do medo a descrição do espaço narrativo em que se desenvolve o conto de Edgar Allan Poe – A queda da casa de Usher. Utilizando-se da expressão trama de espaço procuraremos identificar sob a ótica do narrador as características de Roderick Usher, arquitetura da mansão em que vive e como uma estética do medo vai sendo construída ao longo do conto sob a perspectiva da descrição e percepção dos objetos – imagens presentes na casa. A partir do conceito fenomenológico de Gaston Bachelard denominado de Topo – Análise identificaremos os lugares físicos presentes no conto e em nossa vida intima. Assim Usher / Lady Madeline / Narrador, ganharão significado na estética do medo, a partir das relações que estes estabelecem com a trama de espaço do medo – A casa do Usher. Identificar metáfora e sensações produzidas pela leitura deste, nos aproximará ainda mais do duplo, ou seja, do que Freud e Lacan identificaram como sendo o resultado de uma medida

defensiva que projeta o estranho fora do eu, produzindo, sob a ótica narrativa, a sensação do insólito e do medo, que permite múltiplos olhares diante deste conto de Edgar Allan Poe.

Pedro Gomes Machado Vieira

UERJ

No espaço ninguém ouve Cthulhu despertar: a inspiração do horror de H. P. Lovecraft na space opera Revelation Space, de Alastair Reynolds

A obra de H. P. Lovecraft é especialmente conhecida pelo mito dos "Seres Ancestrais", criaturas cósmicas adormecidas desde o início dos tempos, capazes de obliterar a realidade se assim desejarem. O escritor britânico de ficção científica Alastair Reynolds racionalizou o Mito Cthulhiano no contexto de sua space opera Revelation Space (2000), criando a ameaça batizada de "Inibidores", seres igualmente ancestrais que, adormecidos, esperam o momento exato para inibir a propagação da vida pelo universo. Mesmo com o foco na ficção científica hard e na space opera, Reynolds se inspira no mesmo tipo de horror por onde Lovecraft transita: o terror provocado pela contemplação de certas manifestações do sublime – no caso de Revelation Space, despertado ao se encarar a própria insignificância mediante a extinção, uma extinção inevitável e planejada há incontáveis eras.

Pedro Puro Sasse da Silva

UERJ

Há perigo na esquina: ficção e realidade nos espaços do medo de João do Rio

Na literatura do medo, a ambientação é fundamental para a produção de seus efeitos estéticos. Esse trabalho pretende descrever os espaços do medo no Rio de Janeiro do início do séc. XX, a partir de duas obras de João do Rio: Dentro da noite, uma coletânea de contos sobre os terrores e deturpações da cidade, abordando temas como tortura, suicídios e deformações; e A alma encantadora das ruas, uma coletânea de crônicas sobre o lado menos glamoroso da Belle Époque carioca, veremos a visão social e histórica do autor sobre os mesmos temas. Através de uma leitura comparativa, visa-se demonstrar como, na literatura de medo urbano, as fronteiras entre os espaços ficcionais e o espaços reais são difusas, e como essa característica contribui para a produção do medo como efeito de recepção.

Rafaela Godoi Bueno Gimenes

UFF

O duplo e o mito em *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera

No novo romance de Daniel Galera, publicado em 2012, *Barba ensopada de sangue*, há um protagonista inominado com uma doença rara, prosopagnosia, que o impede de reconhecer até mesmo o próprio rosto. É esse personagem que entrará em conflito com questões do âmbito existencial, religioso e identitário. Na tentativa de desvelar o mistério, revelado pelo pai recém-suicidado, sobre o assassinato do avô Gaudério em uma praia de Santa Catarina, as semelhanças físicas entre avô e protagonista serão ressaltadas com o impacto da resolução desse enigma. A ambientação tensa perpassa todo o romance, desde o momento em que o nosso herói resolve se mudar para Garopaba e investigar essa morte cujas razões são silenciadas e aparentemente "desconhecidas". Na busca pelo avô, o herói de Galera vai se defrontar com questões referentes à sua identidade; traçando aí um paralelo com o avô, seu duplo (não só pelas semelhanças físicas, mas também, agora, pelas psicológicas), figura que se tornou mítica na região; o leitor notará uma transmissão do mito que rondará o romance desde o seu "prólogo". Visamos apontar algumas dessas questões na comunicação aqui proposta tendo como base teórica Clément Rosset, Roland Barthes, Lévi-Strauss e Nadiá Paulo Ferreira.

Rafaela Silvestrini Rodrigues

UEL

Figurações do outro em Edgar Allan Poe e Machado de Assis

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise de duas narrativas fantásticas produzidas no século XIX: "William Wilson" (1839), presente em *Contos de terror, de mistério e de morte*, de Edgar Allan Poe (1809-1849), e "O espelho" (1882), presente em *Papéis avulsos*, de Machado de Assis (1839-1908). Em ambos os autores, o problema do duplo – tão recorrente na literatura fantástica – faz-se presente, bastando, para se dar conta de tal fato, ater-se, de imediato, aos títulos dos contos a serem estudados. A presente análise procurará investigar este tema, evidenciando os recursos utilizados pelos autores na sua elaboração. Tal procedimento visará compreender, juntamente com Freud (1856-1939), em seu ensaio intitulado *Das unheimliche* (1919), que "o ficcionista tem um poder *peculiarmente* diretivo sobre nós; por meio do estado de espírito em que nos pode colocar, ele consegue guiar a corrente das nossas emoções, represá-la numa direção e fazê-la fluir em outra".

Raisa Damascena Rafael
UNIRIO

Significações do grotesco no Mefistófeles de Marlowe e de Goethe

O pacto demoníaco é um dos mais férteis e perenes temas da manifestação do grotesco e do absurdo na literatura. Tomando como referenciais as obras de Christopher Marlowe, *A História Trágica do Doutor Fausto*, e de Goethe, *Fausto: uma tragédia*, podemos observar aspectos do grotesco na composição de Mefistófeles, que em ambas assume o papel do bufo, apesar de tratar-se de obras autodenominadas trágicas. Contudo, ainda que permaneça na clave do histriônico, a personagem de Mefistófeles sofre importantes transformações na passagem do renascimento para o romantismo alemão. No Fausto renascentista se observa elementos da magia da época, pois o pacto é representado de acordo com livros de demonologia, e Mefistófeles conduz seu Fausto rumo à expansão ilimitada do conhecimento. Já em Goethe não são observados esses elementos mágicos e de demonologia, e Mefistófeles é apresentado no "Prólogo no Céu" como um conviva de Deus, atuando sobre Fausto como um catalisador na libertação total das potencialidades do Eros. Desse modo, pretende-se explorar as significações do grotesco na composição do Mefistófeles de Marlowe e de Goethe para compreender de que forma o absurdo se apresenta em ambos como possibilidade de escape e reconfiguração da realidade pelo viés do estranhamento e do riso.

Raphael da Silva Camara
UERJ

O Grotesco: um corpo estranho na literatura do medo no Brasil

O presente trabalho visa refletir sobre a categoria estética do Grotesco e suas implicações na literatura do medo brasileira, a partir dos estudos de Wolfgang Kayser, Mikhail Bakhtin e Geoffrey Galt Harpham. Nosso objetivo específico é refletir sobre as relações que podem ser estabelecidas entre essa categoria estética e a literatura do medo no Brasil, analisando os diversos modos de produção do efeito grotesco, causado especialmente por personagens monstruosas. Como corpus de análise, utilizaremos narrativas brasileiras, publicadas entre o fim do século XIX e início do século XX, de autores como Inglês de Sousa, João do Rio e Monteiro Lobato.

Raquel de Abreu
UFSC

O lugar do medo na socialização da criança brasileira: os Pedrinhos de Monteiro Lobato e Lourenço filho

Escrever e contar histórias são práticas que refletem um arsenal de convicções ideológicas, sociais e culturais daquele que escreve e conta, de seu grupo de origem e de grupos que mantém determinados graus de prestígio numa sociedade. Monteiro Lobato (1882-1948) e Lourenço Filho (1897-1970) são intelectuais brasileiros que escrevem e contam coisas de um Brasil em livros para crianças brasileiras. Em comum, elegem um personagem-menino para socializar em suas histórias: cada um, o seu *Pedrinho*. São meninos idealizados, entre sete e onze anos, descritos como honestos, responsáveis, corajosos, curiosos e interessados por leituras e ciências. Nesta comunicação seleciono o clássico da literatura infantil brasileira *O Saci*, de Monteiro Lobato e a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*– coleção didática de Lourenço Filho -, para identificar e compreender as estratégias que envolvem o medo nos processos de socialização da criança brasileira. As análises são desenvolvidas numa perspectiva sociológica, que partem da sociologia clássica *durkheimiana* do que é "socialização" e reverberam nos pressupostos de construção social da realidade partilhada, portanto acessíveis a todos os indivíduos da sociedade, quer adulto ou criança. Aqui, a socialização pelo medo é interpretada como forma intencional de controle social, institucionalizada, reconhecida e historicamente partilhada.

Raul Dias Pimenta
UFG

A cor do medo em Sir. Gawain e o Cavaleiro Verde

Um dos principais romances de cavalaria da Idade Média, Sir Gawain e o Cavaleiro Verde (1375-1400), revela em sua estrutura elementos característicos da matéria arthuriana, tais como a contradição resultante da justaposição entre elementos cristões e pagãos presente em alguns personagens, como no próprio Arthur. Este dialogo entre diferentes visões de mundo, no entanto, não evita que se perceba claramente o propósito moralizador por trás da narrativa sobre a visita sobrenatural que invade as festividades de fim de ano do rei Arthur e seus cavaleiros para desafiá-los em um jogo mortal que posteriormente se descobre ter sido arquitetado por Morgana, pela meia-irmã

do rei, com o propósito de aterrorizar a rainha Guinevere. Mas, como se dá esse processo de construção do medo perpetrado pelo misterioso Cavaleiro Verde dentro da tradição romanesca? De que forma a arquitetura deste personagem se vincula ao discurso ideológico da Igreja Católica medieval contra as religiões pré-cristãs da Bretanha, constituído na oposição maniqueísta Cavaleiro Verde (Diabo) X Sir Gawain (Cristianismo)? A partir destas questões este trabalho tem como objetivo investigar a arquitetura do medo empregada no personagem sobrenatural Cavaleiro Verde no romance medieval Sir. Gawain e o Cavaleiro Verde (1375-1400).

Regina Michelli

UERJ

Quem tem medo de lobo mau? - representações do medo em narrativas infantis brasileiras

O medo talvez seja um dos sentimentos mais antigos da humanidade. Uma de suas funções é assegurar ao homem a sobrevivência: o medo auxilia o ser humano a detectar e, consequentemente, a se defender do risco ou da ameaça que determinadas situações podem conter. Medo útil. Quando se pensa na criança, ao medo adere um matiz pedagógico: surgem os monstros e os bichões papões, o velho do saco e outros seres criados para inserir o infante no território do desejado pelos adultos, ainda que para protegê-lo, e há ainda o medo advindo de experiências vividas, que criam um padrão na memória. Medo aprendido ou adquirido. Por outro lado, o mesmo medo que assusta e paralisa é também o que estranhamente seduz, hipnotizando ou impedindo que o leitor se afaste do livro que mantém sua respiração suspensa. Medo desejado. Há também o medo fabricado pela imaginação, sustentado e nutrido pelo próprio medo. Medo alimentado. Esta comunicação tem por objetivo refletir sobre o medo, suas representações e funcionalidades em algumas narrativas da literatura infantil brasileira da atualidade. Qual é a face do medo, como algumas histórias lidam com este sentimento são algumas das perguntas que nos inquietam.

Regina Michelli

UERJ

A mulher como horror ou o horror à mulher em antigos cenários

Esta comunicação parte da percepção atual do estigma sobre o feminino que ainda reside na cultura popular brasileira. Se pen-

sarmos em letras de músicas da atualidade, encontramos características como bruaca, chifruda, baranga, mocréia, em "Mulher Faladeira", de Chico Buarque, ou harpia, aranha, perua, piranha, sanguessuga, vampira, em "Não enche", de Caetano Veloso, deixando de lado letras de funk, algumas bastante ofensivas à mulher. Tais marcas remontam, porém, a tempos muito pretéritos. Na Grécia antiga, há a obra *Fragmento 7* da poesia arcaica grega de Semônides de Amorgos. Na Literatura Portuguesa, temos cantigas de escárnio e maldizer que se dedicam a iluminar a mulher em seus aspectos repelentes, grosseiros, moral e socialmente aviltantes. Partindo do conceito de horror, busca-se refletir não somente sobre um conjunto de traços que assinalam uma representação de um feminino horroroso, como sobre a repulsa que recai sobre o feminino em sociedades falocráticas, em questão a grega da Antiguidade e a portuguesa medieval.

Renata da Cruz Paula

UERJ

Santa Maria do Circo e a encenação do "Duplo" na narrativa fantástica

À medida que o homem não aceita sua realidade e não reconhece o "Outro" que existe em seu próprio "Eu", inicia-se um jogo de representação, na tentativa de abafar as desventuras íntimas e refugiar-se de si e de todos. Assim, não raro, transita entre os polos de si mesmo, podendo, inclusive, sofrer conflito no que se refere à sua identidade. Dessa maneira, o conceito de "Duplo", em que o sujeito é desdobrado em um "outro", representa a realidade em seu aspecto mais perplexo e sinistro (ROSSET, 1939), surgindo como possibilidade de estudo, que retrata o caráter dúbio inerente ao ser humano.

Renato Martins e Silva

UFRJ

Travessias: o mar, o insólito e o medo – uma viagem ao lado de sereias e 'leões do mar'.

O mar que "ruge fero e ameaçador" é inclemente personagem da linda história do povo português. Um povo que desbravou seus limites, perdendo vidas, lutando contra o que parecia ser invencível, mas que não se deixou abater pela dureza da doce descoberta do além-mar. O conto "A torre derrocada", de Alberto Osório de Vasconcelos, não se fixou no cânone literário oitocentista, mas nos revela um autor capaz de capturar elementos fundamentais do caráter e das crenças do homem português de sua época. Em uma antiga lenda, Rosalinda é uma jovem

apaixonada pelo bravo navegador D. Álvaro, que partiu para as Índias roubando-lhe o coração. Ansiosa pelo retorno de seu amado 'leão do mar', a jovem descobre que ele morrera pouco antes de chegar à costa. "Quantas noivas ficaram por casar", assim como Rosalinda? Do que é capaz um coração despedaçado pela perda do seu amor? Desolada, a jovem recolhe-se em uma torre decadente, de onde contempla, do seio das águas, o retorno insólito de seu amado e morto D. Álvaro. Impulsionada por um amor capaz de sobrepujar a morte, acompanha-o sem saber que, naquele momento, condenava-se a passar a eternidade atraindo os marujos mais incautos ao mesmo destino: a morte.

Rita de Cássia Silva Dionísio

UNIMONTES

Experiência dos limites: restos de sonho e fragmentos da realidade no conto "O bloqueio", de Murilo Rubião

O escritor mineiro Murilo Rubião (1916 – 1991) é considerado por alguns estudiosos como o precursor do gênero fantástico no Brasil. Sua produção literária, iniciada durante a juventude do autor e que se prolongou por toda a sua vida – apresenta, entre outros aspectos, uma composição que agrupa fenômenos reais e fantásticos, causando, já no início das narrativas, uma estranha experiência de leitura. No conto "O bloqueio", deparamo-nos com um personagem que, em sua tentativa de distanciar-se de uma esposa insuportável, isola-se em um apartamento de um prédio recém-construído, cujos pavimentos vão sendo, misteriosamente, reduzidos a fino pó por uma misteriosa e destruidora máquina. Gérion, desnorteado pelo medo e sob o abalo de grandes sustos provocados pelos ruídos das paredes que se estilhaçavam, percebe, em determinado momento, que o apartamento em que mora pode, também instantaneamente, tornar-se poeira. Esta comunicação pretende analisar como os acontecimentos inexplicáveis do conto – que têm como principal efeito o medo da personagem, que parece confundir, a todo instante, "restos de sonho com fragmentos da realidade" – produzem um resultado insólito e absurdo na narrativa, diluindo os limites da experiência do real e sobrenatural.

Rodrigo Molon de Sousa

SEE/SP

Violência e urbanidade em "Mistérios de São Cristovão"

A presente comunicação pretende realizar uma leitura do conto "Mistérios em São Cristovão" (1952/1999), de Clarice

Lispector, a partir da interface entre a literatura e a psicanálise. Para isso, a análise proposta está centrada no confronto entre a jovem de 19 anos, que vive com sua família em São Cristovão, com os três mascarados que invadiram sua casa numa certa noite de maio. Em outras palavras, a relação entre o sujeito e o estranho freudiano, já que a figura do estranho aparece na obra clariciana para desconcertar a personagem e despertar o sujeito de sua alienação. Além disso, será destacada a importância do espaço urbano no conto, uma vez que a casa habitada pela jovem personagem guarda sua pureza e o progresso daquela família.

Rogério Bernardo da Silva

USP

Pelas vias do medo e do insólito: a literatura infantil além dos aspectos pedagógicos

Este trabalho tem como propósito perceber, por meio da análise de algumas produções literárias, de que maneira a temática do medo e as estratégias narrativas do insólito tornam as produções literárias para crianças e jovens menos suscetíveis ao olhar preponderantemente pedagógico. Atualmente, nota-se que muitas produções destinadas às crianças e jovens vislumbram o aspecto pedagógico seja no contexto de produção, ou nas situações de mediação da leitura. Dessa forma, compromete-se, necessariamente, a percepção e recepção do teor literário do texto. Nesse sentido, a natureza estética, voltada à imaginação e à fruição, é prejudicada, o que promove a diminuição das possibilidades de um efeito que transforme a concepção de sujeito e de mundo, tendendo à manutenção dos valores vigentes ou ao condicionamento voltado a determinados interesses. Diante dessas questões, as estruturas dos textos literários que são organizados por estratégias narrativas relativas ao insólito e à temática do medo, tanto do ponto de vista da ilustração quanto do texto verbal, tendem a dificultar, por sua própria natureza, a prevalência dos aspectos pedagógicos sobre os estéticos.

Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira

UFSC

Poesia e insólito: a morte como temática em poemas de crianças

A morte é um enigma para o homem. É temática presente desde os embrionários ensaios dos primeiros poetas que cantaram seus medos e suas dores até a poesia contemporânea. O mistério e o medo em torno dela desafiam e nutrem a imagi-

nação, a narrativa e a poética humana. "A primeira coisa que os defuntos fazem, depois de enterrados, é abrir novamente os olhos". Quintana ficou "tão horrorizado com essa espantosa revelação" que não deixou seu *Conto azul* seguir adiante. Para a criança, a morte pode ser um fato naturalmente narrado, profundamente lamentado e/ou metaforicamente entendido no diálogo entre um menino e seu avô. Esse texto faz uma reflexão sobre o insólito na relação criança e poesia, buscando perceber como a morte aparece nos poemas das crianças. Destacar o insólito nesta interação é, talvez, desviá-lo do extraordinário, do ficcional e colocar em relevo questões existenciais que perpassam a narrativa entre adultos e crianças problematizando o modo como o homem moderno lida com a morte, como a desafia ou como busca retardá-la. De uma forma ou de outra, a morte é o incógnito, não há explicação racional. É o insólito enquanto certeza que nos surpreende, que não é calculada, nem prevista

Sarah Vervloet Soares

UFES

Notas sobre as perturbações da incerteza e do desespero

Este trabalho tem como objetivo expor alguns temas, tais como a violência, o receio e a morte, aos quais recorrem algumas narrativas de ficção e que podem desencadear a perturbação do senso comum. O desconforto gerado por meio da leitura de certas obras como O cobrador, de Rubem Fonseca, O caderno rosa de Lori Lamby, de Hilda Hilst e O sol no céu da boca, de Fernando Tatagiba, por exemplo, é muito recorrente por distorcer as expectativas cotidianas. Assim, o incerto, o absurdo, o desesperador, o temor ganham outras dimensões e podem de alguma maneira estar associados à cultura de um modo geral. Em princípio, estas notas se apoiam nos trabalhos de Sigmund Freud, Tzvetan Todorov e Jean Delumeau.

Satomi Takano Kitahara

UERJ

Hyaku Monogatari – Do lazer local ao entretenimento global e imortal

Hyaku Monogatari vem a ser um dos estilos de tradicionais reuniões para contar histórias de mistérios e terror em grupo numa comunidade rural. As pessoas se reúnem num lugar e acendem cem luzes/chamas. Cada um conta uma história e ao terminar a história, apaga luz/chama. Acredita-se que quando o grupo terminar de contar cem histórias, aparecerá o verdadeiro fantasma no local da reunião. Numerosos livros que

reuniram histórias de mistérios e de terror, chamados de literatura Kaidan, foram publicados desde o período chamado de Muromachi, tendo o seu ápice na Era Edo. Hoje em dia, Hyaku Monogatari diversificou-se em estilos, regras e meios, ganhando mais vivacidade, não somente na área de literatura, mas também no mundo do entretenimento universal.

Suely Leite

UEL

A configuração do medo no conto "A segunda vida" de Machado de Assis

O medo pode ser um elemento recorrente na constituição das narrativas fantásticas, maravilhosas, estranhas, realistas fantásticas ou mágicas. O objetivo deste trabalho é analisar o elemento do medo no insólito conto "A segunda vida", de Machado de Assis. O texto faz parte da coletânea *Histórias sem data* que reúne dezoito contos de Machado de Assis publicados ao longo de 1883, em periódicos cariocas. A narrativa traz o relato de José Maria que, após sua morte, procura Monsenhor Caldas para lhe contar que morreu em data e hora determinada, e agora está em sua segunda existência. O texto envolve o leitor em uma atmosfera de medo por se instalar a sensação de que a qualquer momento o monsenhor será atacado por José Maria. Tais situações exigem do leitor o pacto da verossimilhança, ou seja, uma aceitação incondicional dos fatos como verdade, elemento fundamental das narrativas maravilhosas, segundo a teoria todoroviana.

Tania Maria Nunes de Lima Camara

UERJ

Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo: o medo em questão

Segundo Houaiss (2009, p.1264), dicionário voltado para todos os usuários de Língua Portuguesa, o medo apresenta três acepções: "**1** PSIC estado afetivo suscitado pela consciência do perigo ou que, ao contrário, suscita essa consciência **2** temor, ansiedade irracional ou fundamentada; receio **3** apreensão em relação a algo desagradável". Entendido como mecanismo de aprendizagem, bem como de sobrevivência da espécie, e do indivíduo particularmente, o medo é um elemento que figura no imaginário ficcional para diferentes faixas etárias, presente que está na produção para a fase adulta, para a juventude e para a infância. O presente trabalho tem o propósito de confrontar a temática do medo em duas obras emblemáticas: *Chapeuzinho Vermelho*, de Charles Perrault, *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico

Buarque de Holanda. A base teórica da fundamentação apoia-se, basicamente, em estudos ligados à Teoria da Literatura, ao Mito e ao Insólito.

Tatiana Alves Soares Caldas

CEFET-RJ

Mudam-se as cores, mudam-se as atitudes: uma leitura de *Chapeuzinho Amarelo*

O medo constitui um ingrediente indispensável à maioria das narrativas infantis tradicionais. Tendo sido originalmente utilizado com finalidade moralizante, o medo atuava como recurso coercitivo, inibindo comportamentos socialmente indesejados. Por questões históricas e culturais, a figura do lobo aparecia, em grande parte das narrativas, como o temido vilão / predador. Chapeuzinho Amarelo, texto de Chico Buarque publicado em 1979, realiza um redimensionamento de Chapeuzinho Vermelho, clássico infantil celebrizado por Perrault e, posteriormente, pelos Irmãos Grimm. Tendo como mote o conhecido medo da menina em relação ao Lobo Mau, a narrativa apresenta um desfecho inesperado, que dialoga com a versão clássica da história, subvertendo-a e propondo uma releitura da narrativa tradicional, eternizada pelo imaginário popular: ao enfrentar aquilo que mais teme, a heroína contemporânea revela uma inversão do modelo do conto de fadas tradicional, numa literatura que assume contornos de denúncia social e que deflagra a época conturbada em que foi produzida. Vendo na atitude da protagonista uma rejeição aos modelos a ela atribuídos pela tradição literária, o presente estudo reflete acerca da reconfiguração do medo na literatura infantil contemporânea a partir do jogo intertextual por ela realizado. Por meio de elementos simbólicos e linguísticos presentes no texto, buscar-se-á analisar a desconstrução parodística das imagens tradicionais na referida obra.

Tatiane Galdino da Silva

UFU

Uma vez no "Reino dos míopes", nem mesmo os óculos podem recompor nossa visão tétrica

No conto "Os óculos de Pedro Antão", Machado de Assis apresenta um narrador-personagem obcecado pelo mistério, detentor de uma imaginação extraordinariamente fértil e de um discurso altamente persuasivo. Nossa hipótese é a de que as características desse personagem sejam suficientes para constituir o corpo-espaço dessa ficção fantástica machadiana pro-

duzida “no vácuo” . Além disso, pensaremos, alegoricamente, na miopia não como uma deficiência da visão física, mas sim como uma força motriz efusiva que se instala no labirinto da imaginação, percorre e vasculha as imagens, apropria-se das mesmas e matamorfoseiam-nas numa edificação ficcional tétrica. Adentrar no “reino dos míopes” pressupõe um pacto; que se aceito, o retorno é inadmissível. A análise dessa narrativa se justifica pelo interesse em questionar quais os elementos necessários para a constituição da arquitetura de um espaço fantástico capaz de desencadear o medo e o horror e promover a durabilidade da hesitação no telespectador-leitor. A fundamentação teórico-metodológica deste estudo está alicerçada nas teorias do fantástico baseadas em Louis Vax, Tzvetan Todorov, nos recursos da literatura fantástica estudados por Remo Ceserani e na releitura que Filipe Furtado faz da teoria todoroviana. Quanto à teorização acerca do medo, utilizaremos as concepções de Lovecraft e Roas; sobre o corpo, recorreremos a Jean Jacques Courtine e Nilton Milanez.

Teresinha Vânia Zimbrão da Silva

UFJF

Narrativas do duplo: o Espelho de Guimarães Rosa

Esse trabalho é parte integrante de um projeto que tem uma proposta interdisciplinar: ler textos literários à luz da psicologia junguiana com o objetivo de explicitar a perspectiva de leitura psicológica desses textos. No presente caso, estudaremos a temática do duplo no conto de Guimarães Rosa, *O Espelho*. Sabe-se que as personagens de Rosa vivem processos epifânicos, termo emprestado à religião e que significa em sentido amplo, “revelação”. Esses processos podem ser desencadeados por qualquer fato banal do cotidiano e, a partir deles, as personagens passam a ver o mundo e a si mesmas com outros olhos, como se tivessem tido, de fato, uma “revelação”. No conto em estudo, a “revelação” é desencadeada pelo confronto com o “outro” ao olhar a própria imagem no espelho. Esses processos vivenciados pelos personagens de Rosa, já foram interpretados pela crítica literária à luz do conceito de epifania, e podem ser reinterpretados à luz da ideia junguiana de individuação.

Thaís Lydia dos Santos
UFRRJ

O medo em Do Fundo do Poço se Vê a Lua, de Joca Reiners Terron

O presente trabalho é uma proposta de leitura do conceito de "DUPLO", a partir da perspectiva de Sigmund Freud, em diálogo com o romance *Do Fundo do Poço se Vê a Lua* (Companhia das Letras, 2010), de Joca Reiners Terron. A partir da relação afetiva estabelecida entre as duas personagens principais da trama, os irmãos gêmeos William e Wilson, vemos a necessidade do segundo de desdobramento de identidade, de se desvencilhar da imagem do irmão, idêntica a sua, inspirado em seu objeto de obsessão: a rainha egípcia Cleópatra, sobretudo a estrelada por Elizabeth Taylor no cinema. Considerando o duplo como um outro em si mesmo, é possível reconhecer o estranhamento e a inquietude causada por tal semelhança, o sinistro que permeia essa duplicação e o medo em relação ao outro, o conhecido que se deseja não conhecer. A partir desses conceitos, trabalharemos a conturbada relação dos irmãos que, pelo caminho do incômodo da aparente semelhança física, nos ajudam nas leituras de identidades precárias firmadas e, continuamente, reafirmadas na diferença.

Thiago Silva Sardenberg
UERJ

Um olhar para medos e preocupações inerentes ao século XX através das obras Entrevista com o Vampiro e Eu sou a Lenda

Este trabalho parte da premissa, amplamente difundida por autores como Nina Auerbach e Jeffrey Jerome Cohen, de que o vampiro na literatura pode potencialmente revelar-se como instigante instrumento de reflexão sobre os medos, angústias e preocupações de um determinado espaço sociocultural. Seu objetivo é olhar para o século XX através das obras Eu Sou a Lenda (1954), de Richard Matheson e Entrevista com o Vampiro (1976), de Anne Rice, obras capazes de lançar luz sobre questões profundamente associadas a seus contextos de produção específicos. No caso do primeiro, podemos nomear como exemplo a relevância do momento pós-guerras e dos avanços científicos na ascensão e construção das narrativas distópicas, enquanto no segundo encontramos um momento de concretização da alteridade na literatura.

Vanessa Zucchi
PUCRS

Representações do duplo em A menina que perdi no circo

Diante das mudanças sociais e econômicas que marcaram o último século, a possibilidade da constituição do eu por infinitos estilhaços ganhou relevância em detrimento da concepção de mundo pautada na existência antagônica de dois princípios. A partir disso, o sujeito não apenas assumiu sua condição fragmentada como também a inconstância e a multiplicidade dessa fragmentação. Refletindo esses conflitos, as representações do duplo, mito presente nas mais variadas culturas cujas manifestações literárias pertencem a uma longa tradição, ganharam novas configurações. Nesse sentido, esse trabalho tem por objetivo abordar as potencias representacionais do duplo na atualidade, buscando identificar suas representações na obra *A menina que perdi no circo*, da escritora paraguaia Raquel Saguier. Nessa obra, embora ainda marcado pelo medo da morte e pela consciência da finitude do corpo e da descontinuidade do ser, o motivo do duplo é reconfigurado, passando a expressar conflitos tipicamente contemporâneos.

Victor Pereira Sousa
UESB

A espetacularização do corpo monstruoso na telenovela o astro

Em nossa sociedade, a espetacularização do anormal reafirma e prescreve a normalidade pelas trilhas de um caminho adverso. Essa hipótese fundamentará a nossa discussão, que vem sendo desenvolvida no quadro dos trabalhos do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo – Labedisco/UESB, vinculada ao projeto de pesquisa Materialidades do Corpo e do Horror. Aqui, observaremos como determinadas monstruosidades são dadas a ver nas espacialidades do corpo do personagem Herculano Quintanilha — protagonista da telenovela O Astro, cuja segunda versão foi transmitida pela Rede Globo em 2011 — estabelecendo uma desordem, um descontrole, uma total ruptura dos seus limites, conforme aprendemos com o pensador Michel Foucault em Os Anormais, para reafirmar o posicionamento que devemos assumir enquanto sujeitos inscritos na história. Para compreendermos o audiovisual à luz da teoria do discurso, tomamos as estratégias de produção das imagens enquanto materialidades, pois analisamos os tipos de planos, enquadramentos, ângulos, encadeamentos, posições em que o personagem aparece na câmera, as cores e o som funcionando como enunciados, sendo produtos de sujeitos posicionados em lugares institucionais específicos, que se correlacionam e são determinados por regras sociais e históricas.

Vinícius Ferreira dos Santos

UEL

Nem sono nem vigília: O fantástico em "a vida eterna", de Machado de Assis

O presente estudo visa apresentar uma leitura do conto "A vida eterna", de Machado de Assis (1839-1908). Publicado originalmente em 1870, no *Jornal das Famílias*, "A vida eterna" foi inserido na coletânea organizada e prefaciada por Raimundo Magalhães Júnior, intitulada *Contos avulsos*, em 1956. Em 1973, o mesmo organizador o incluiu no volume *Machado de Assis*: contos fantásticos. Será precisamente sob a perspectiva do fantástico que esta narrativa será analisada. Procurar-se-á abordar os elementos configuradores do gênero no texto em questão e refletir sobre os efeitos produzidos por tal narrativa sobre o receptor. Conforme será investigado, a atmosfera assombrosa construída por Machado de Assis está em conformidade com a história do pesadelo vivido pelo narrador protagonista do conto, Dr. Camilo da Anunciação.

Vinícius Santos Loureiro

UFRJ

Os fatos como (não) são: os narradores-vítimas de Edgar Allan Poe

A partir do conto "The Tell-Tale Heart" (O Coração Delator), trataremos do fenômeno de vitimização ao qual o narrador se submete durante a narrativa. Baseando-se no conceito de hesitação proposto por Todorov, podemos dizer que a falta de garantia da veracidade do relato compromete a compreensão pura dos fatos. Permeando o limiar do fantástico através de explicações lógicas, porém repletas de coincidências e eventos que fogem do ambiente cotidiano, as tentativas desesperadas do narrador de explicar o ocorrido – alternando entre o fardo e a necessidade de fazê-lo – condenam o leitor a uma visão marcada pela incerteza e pelo horror perante o desconhecido. Assim, será analisado como essa vitimização trabalha para a produção do "efeito", o que Poe argumenta ser uma necessidade e um objetivo da narrativa fantástica e que, além disso, funciona como um eixo sobre o qual toda a sua obra está estruturada.

Viviane Arena Figueiredo

UFF

Entre o eterno e o desconhecido: considerações sobre a morte em Ânsia eterna de Júlia Lopes de Almeida.

A literatura do século XIX pode ser descrita sob o signo da multiplicidade: dos vieses românticos até as correntes realistas e naturalistas, muitas foram as formas de expressar as diferentes visões da realidade. Dentro dessas correntes literárias, pode-se destacar a presença da Literatura Gótica, gênero que se tornou consolidado por Edgar Allan Poe. Influenciada pela obra do escritor norte-americano, Júlia Lopes de Almeida, autora brasileira de grande prestígio no início do século XX, constrói em suas narrativas um tipo de ambientação em que a temática da morte encontra-se sempre presente. Em 1903, ao publicar a primeira edição da coletânea de contos intitulada *Ânsia eterna,* Júlia Lopes de Almeida concretiza em sua obra o seu fascínio pelo gênero gótico, construindo cenas em que a dualidade morte-medo constitui-se como os verdadeiros protagonistas das narrativas. Entre os mais insólitos contos destacam-se os enredos de *Os porcos*, *A casa dos mortos* e *A nevrose da cor* abrangendo temas em que a sensação de temor ante a morte se configura ora como um elemento de repulsa, ora como um sinônimo de atração.

Waleska Rodrigues de M. Oliveira Martins

UNESP

A figuração da Morte e da Memória na poética de Manoel de Barros

A proposta é perceber a ideia da Morte e suas figurações na obra de Manoel de Barros, confrontando com a perspectiva da Memória como presentificação da Vida. Para tanto, permeia-se com temas como arquétipos familiares, projeção de casa como abrigo e mato como confronto e experimentação do mundo, Morte, Memória, transmutação. A imagem da Morte pode ser sinalizada de várias maneiras: através das memórias, do jogo narrativo ou por elementos que a simbolizam. Uma perspectiva bastante presente na poética de Manoel de Barros é a transição entre os "estados" do ser humano e da natureza, do seu passado com o seu presente, um entrecruzamento instável que oferece outro prisma, outro olhar. A profusão de tais temáticas (memória, morte, infância, família, natureza) expõe um ciclo que ora se apresenta como vida, ora como morte. O objetivo é compreender a figuração da Morte, intrinsecamente ligada ao processo de transmutação, em contraposição à Memória, relacionada

com a presentificação da vida. O recorte inicial aponta para os livros Poesias (1956) e Menino do Mato (2010). A presença de arquétipos, vislumbrados nos mitos da origem, enlaça Vida e Morte no ato da leitura.

Yuri Torres Possapp

PUCRS

Expressões do duplo na trilogia de Nova York, de Paul Auster: Uma análise pós-moderna

O tema da identidade parece intrínseco a eventuais discussões acerca do pós-moderno. De fato, embora esse não seja seu ponto de análise exclusivo, é pacífico que o artista do Pós-Modernismo norteia-se e desnorteia-se na busca para respostas relativas à sua própria existência. Nesse sentido, o presente trabalho soma às divagações pós-modernas o tema do "Duplo", sempre inquietante no que tange à identidade do homem desta era que surge a partir da segunda metade do século XX. Sob a pena de Paul Auster, a *Trilogia de Nova York*, eminente narrativa do Pós-Modernismo, traz personagens imersos numa aparentemente estéril busca pelo autoconhecimento. Flertando com os romances policiais, esse ficcionista estadunidense elabora ao longo das três partes da trilogia – que estão inevitavelmente emaranhadas entre si – enredos labirínticos em que detetives já não sabem se investigam ou se são investigados, bem como escritores já não tem certeza de serem autores ou meros personagens de sua própria história. Sendo assim, os aspectos experimentais da autoficção (tendência pós-moderna) ficam dispostos num jogo de espelhos que produz a vertiginosa imagem do infinito, no qual as respostas não são apenas inalcançáveis, mas, sim, inexistentes.

Índice Onomático Remissivo

Índice Onomático

A

Adelaide Caramuru Cezar 36, 53
Adilson dos Santos 36, 37, 53
Adriana Falqueto Lemos 51, 54
Alcebiades Diniz Miguel 54
Alessandro Garcia da Silva 27, 54
Alexander Meireles da Silva 25
Alexandra Britto da Silva Velásquez 41, 56
Alexandre Pandolfo 35, 57
Alex Martoni 30, 55
Alex Pereira de Araújo 30, 55
Aline Job da Silva 35, 57
Aline Sousa Santos 58
Ana Carolina Sá Teles 50, 58
Ana Cristina dos Santos 38, 39, 58
Ana Lúcia Magalhães 51, 58
Ana Luiza Sardenberg 27, 59
Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira 50, 60
Ana Maria Lisboa de Mello 34, 35, 60
Ana Maria Vasconcelos Martins de Castro 51, 61
Ana Paula Araujo dos Santos 26, 61
Ana Paula dos Santos Oliveira 44, 62
Ana Paula Rocha da Cunha 39, 62
Anderson Silva Rodrigues 44, 63
Andréa Castelacci Martins 33, 63
Angélica Maria Santana Batista 41, 64
Anna Faedrich Martins 35, 64

B

Bárbara Cecília Kreischer 42, 65
Beatriz dos Santos Feres 32, 65
Bruno Anselmi Matangrano 41, 66
Bruno da Silva Soares 46, 66
Bruno Oliveira Tardin 26, 67
Bruno Silva de Oliveira 27, 67

C

Caio Vítor Marques Miranda 37, 68
Camila Canali Doval 35, 68
Cátia Cristina Sanzovo Jota 37, 69
Cecília Barros-Cairo 29, 69
Ceila Maria Ferreira 47, 48, 70
Ceres Alves Luz 29, 70
César Donizette Caixeta 29, 71
Chelsea Maria de Campos Martins 30, 71
Chirley Domingues 32, 72
Ciro Renan Oliveira Prates 30, 72
Cláudia Camardella Rio Doce 36, 73
Cláudia Cristina Ferreira 36, 37, 73
Claudio Manoel de Carvalho Correia 51, 74
Clóvis Meireles Nóbrega Júnior 51, 75
Cristiane Vieira da Graça Cardaretti 27, 75

D

Daniel Leite Almeida 41, 76
Danúbia Ferreira Alves 29, 76
Débora Vieira Marques 32, 77
Diego de Queiroz Silva 44, 77

E

Edson Maria da Silva 29, 78
Edson Oliveira da Silva 50, 78
Eduarda Lamanes Gomes 30, 79
Eduardo Guerreiro Brito Losso 43
Eduardo Reis Dourado 41, 51, 79, 80
Elda Firmo Braga 38, 39, 81
Eliane Santana Dias Debus 31, 32, 81
Élida Mara Alves Dantas 29, 82
Eloísa Porto Corrêa 40, 42, 82
Eric Iglesias Coutinho 50, 83

F

Fabiana Tavares do Nascimento Keller 33, 83
Fabianna Simão Bellizzi Carneiro 27, 84
Fabio Marchon Coube 51, 84
Fatima Lucia Gomes de Barros 39, 85
Fernanda Aquino Sylvestre 50, 85
Fernanda Pina dos Reis Faccin 30, 86
Fernanda Sousa Carvalho 26, 86
Fernando Monteiro de Barros 25, 27, 87
Flavio García 40
Francisco de Souza Gonçalves 42, 87
Francisco Thiago Camêlo 51, 88

G

Gabriela Semensato Ferreira 51, 89
Gabriel Cid de Garcia 27, 88
Gisele Reinaldo da Silva 50, 90
Guilherme Copati 51, 90
Gustavo Augusto Abreu Clevelares 26, 91
Gustavo Fujarra Carmona 39, 91

H

Hugo Lenes Menezes 50, 92

J

Jaciane Martins Ferreira 30, 92
Janaína de Jesus Santos 29, 93
Janete da Silva Oliveira 45, 46, 94
Jaqueline Nunes da Fonseca Cosendey 51, 94
Jéssica Cristine Fernandes Mendes 26, 95
João Gabriel Lima 27, 95
João Olinto Trindade Junior 41, 96
João Pedro Lima Bellas 96
José Carlos de Lima Neto 42, 96
Joyce Conceição Gimenes Romero 51, 97
Júlio França 25

K

Karina Luiza de Freitas Assunção 30, 98
Karla Duarte Carvalho 41, 98
Karla Menezes Lopes Niels 27, 99
Keci Vieira 39, 100
Kenedi Santos Azevedo 41, 100
Keula Aparecida de Lima Santos 29, 101

L

Lainister de Oliveira Esteves 50, 101
Lauro Iglesias Quadrado 50, 102
Leandro Trindade Pinto 48, 102
Leonardo Davino de Oliveira 51, 103
Letícia Cristina Trojan 26, 103
Lilian Lima Maciel 29, 104
Luara Pinto Minuzzi 35, 104
Lucas de Freitas 41, 105
Luciana Morais da Silva 40, 41, 105
Luciano Cabral da Silva 27, 106
Luciano Ferreira da Silva 32, 106
Lucy Lopes Duarte 51, 107
Luiz Antonio Ribeiro 50, 108
Luiza Puntar Muniz Barreto 44, 108
Luiz Fernando Medeiros de Carvalho 108

M

Marcella de Paula Carvalho 39, 108
Margareth Silva de Mattos 32, 109
Maria Afonsina Ferreira Matos 32, 110
Maria Auxiliadora Fontana Baseio 33, 110
Maria Cristina Xavier de Oliveira 33, 111
Maria de Lourdes Guimarães 33, 111
Maria Fernanda Garbero de Aragão 43, 44, 112
Maria Laura Pozzobon Spengler 32, 112
Mariana Belize Santos de Figueiredo 44, 113
Mariana Marques de Oliveira 33, 114
Mariana Vidal de Vargas 33, 114
Maria Zilda da Cunha 31, 33, 113
Marisa Martins Gama-Khalil 28, 115

N

Nanci do Carmo Alves 41, 115
Natasha Centenaro 44, 51, 115, 116
Nathália Xavier Thomaz 33, 116
Nathasha Centenaro 117
Nicole Ayres Luz 26, 117
Nilton Milanez 28, 117
Noelci Fagundes da Rocha 34, 35, 117

O

Olívia Dias Queiros 117

P

Paloma Esteves Laitano 35, 117
Paula Cristina Luersen 50, 118
Paulo César Cedran 30, 118
Pedro Gomes Machado Vieira 27, 119
Pedro Puro Sasse da Silva 26, 119

R

Rafaela Godoi Bueno Gimenes 50, 120
Rafaela Silvestrini Rodrigues 37, 120
Raisa Damascena Rafael 50, 121
Raphael da Silva Camara 26, 121
Raquel de Abreu 32, 122
Raul Dias Pimenta 26, 122
Regina Michelli 31, 33, 51, 123
Renata da Cruz Paula 39, 124
Renata Gonçalves Gomes 124
Renato Martins e Silva 50, 124
Rita de Cássia Silva Dionísio 41, 125
Rita Diogo 38
Rodrigo Molon de Sousa 51, 125
Rogério Bernardo da Silva 33, 126
Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira 32, 126

S

Sarah Vervloet Soares 50, 127
Satomi Takano Kitahara 46, 127
Suely Leite 36, 128

T

Tania Maria Nunes de Lima Camara 33, 128
Tatiana Alves Soares Caldas 51, 129
Tatiane Galdino da Silva 29, 129
Teresinha Vânia Zimbrão da Silva 35, 130
Thaís Lydia dos Santos 44, 131
Thiago Silva Sardenberg 26, 131
Tyrone Coutinho Chaves Filho 132

V

Valéria Sabrina Pereira 132
Vanessa Zucchi 35, 132
Victor Pereira Sousa 30, 132
Vinícius Ferreira dos Santos 37, 133
Vinícius Santos Loureiro 50, 133
Viviane Arena Figueiredo 48, 134

W

Waleska Rodrigues de M. Oliveira Martins 51, 134

Y

Yuri Torres Possapp 35, 135